

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

THAYSA ANDRÉIA DE MIRANDA RODRIGUES

**MIGRAÇÃO E TRABALHO DOMÉSTICO: TRAJETÓRIAS LABORAIS DE
MULHERES LATINO-AMERICANAS NA ESPANHA**

GOIÂNIA
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

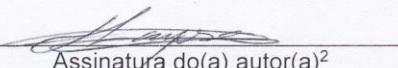
Nome completo do autor: Thaysa Andréia de Miranda Rodrigues

Título do trabalho: Migração e trabalho doméstico: trajetórias laborais de mulheres latino-americanas na Espanha

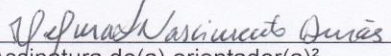
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 23 / 11 / 2018

Telma F. do Nascimento Durões

Prof. Faculdade de Ciências Sociais/UFG
Matrícula 1703557
¹ Neste caso, o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

THAYSA ANDRÉIA DE MIRANDA RODRIGUES

MIGRAÇÃO E TRABALHO DOMÉSTICO: TRAJETÓRIAS LABORAIS DE MULHERES
LATINO-AMERICANAS NA ESPANHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Telma Ferreira Nascimento Durães.

Goiânia

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

de Miranda Rodrigues, Thaysa Andréia

Migração e trabalho doméstico: trajetórias laborais de mulheres latino-americanas na Espanha [manuscrito] / Thaysa Andréia de Miranda Rodrigues. - 2018.

CLVII, 157 f.

Orientador: Profa. Dra. Telma Ferreira do Nascimento Durães .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui tabelas.

1. Migração. 2. Gênero. 3. Trabalho doméstico. 4. Interseccionalidade. 5. Divisão internacional do trabalho. I. , Telma Ferreira do Nascimento Durães, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

THAYSA ANDRÉIA DE MIRANDA RODRIGUES

Aos vinte e um dias do mês de agosto de 2018, às 14 horas, na Sala de Defesas da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão de julgamento do trabalho de dissertação da mestrand Thaysa Andréia de Miranda Rodrigues, intitulado *Migração e trabalho doméstico: trajetórias laborais de mulheres latino-americanas na Espanha*. A Banca Examinadora foi composta pelas seguintes: Professora Doutora Telma Ferreira do Nascimento Durães (UFG-presidenta), Professora Doutora Nágila Ibrahim El Kadi (PUC-GO) e Professora Doutora Tania Ludmila Dias Tosta (PPGS/UFG). A candidata apresentou o trabalho, as examinadoras a arguíram e ela respondeu às arguições. Às 16h horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, atribuindo à mestrand os seguintes resultados:

Aprovada () Reprovada

Profa. Dra. Telma Ferreira do Nascimento Durães Telma Ferreira do Nascimento Durães

Aprovada () Reprovada

Profa. Dra. Nágila Ibrahim El Kadi Nelkadi

Aprovada () Reprovada

Profa. Dra. Tania Ludmila Dias Tosta Tosta

Resultado Final Aprovada

Reaberta a sessão pública, a Presidenta da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Leticia Ferreira Angélica, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e pelos membros da Banca Examinadora.

Leticia Ferreira Angélica Leticia Ferreira Angélica

Assistente em Administração
Secretaria do Programa de Pós-Graduação
em Sociologia/PPGS
Faculdade de Ciências Sociais /UFG
Matrícula Siape n. 2071790

A todas as mulheres migrantes que constroem diariamente o mundo com sua coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pelos ensinamentos, pela paciência e amizade.

À minha professora e orientadora, Telma Ferreira, pela empatia e acolhimento oferecidos sempre que me vi perdida em meio ao processo de realização desta pesquisa. Sendo este um caminho onde inevitavelmente se cruzam vida pessoal e acadêmica, cheio de subidas e descidas que, certamente, tornam-se menos complicadas ao saber que não estamos sós.

Aos meus amigos e amigas que conheci durante o mestrado, pelas risadas, pelas histórias compartilhadas, pelas festas, pela solidariedade e pelo cuidado.

Aos meus pais, pelo eterno apoio e incentivo para que eu sempre desse meu melhor como aluna, pesquisadora e profissional. Pela coragem de me levarem consigo para a Espanha, pelo esforço para que eu tivesse os melhores estudos e me integrasse a essa nova sociedade, mesmo sabendo das dificuldades presentes no processo migratório.

Às mulheres migrantes que deram vida a este trabalho, confiando-nos suas histórias de vida e suas emoções.

À professora Tania Tosta pela amizade, sensibilidade e generosidade para ouvir e me ajudar com muitas de minhas dúvidas e angústias. Gratidão pelas maravilhosas aulas ministradas e discussões enriquecedoras que tivemos durante o curso; pelas inúmeras contribuições à minha pesquisa, desde minha entrada até o momento da qualificação e, agora, pela sua disponibilidade para participar da banca de defesa deste trabalho.

À professora Eliane Gonçalves, gratidão por alegrar-nos as manhãs de sexta-feira com suas aulas repletas de bibliografias de mulheres e de valiosos ensinamentos sobre o feminismo e a vida. Pelo carinho e a confiança que fizeram com que eu acreditasse em mim mesma; por me fazer sentir em casa na UFG e na Sociologia.

Agradeço aos meus queridos amigos Gabriel, Nayla e Joelena, pelas aventuras, pelo amor e pela amizade.

À Marcela, pela companhia durante o 14º Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe em 2017, no Uruguai, onde pude conhecer a tantas mulheres de luta e voltar com a certeza de que nós, mulheres latino-americanas, juntas somos infinitamente poderosas.

À Capes, pela bolsa que permitiu a realização desta pesquisa.

*“Allá lejos
Donde el sol calienta más
Olvidé mi corazón, un arroyo y un palmar
Dejé mi patria querida
Hace más de un año ya
Por más que me lo propongo
Mí herida no cerrará”*

(Orishas, 1986).

*“Yo puedo ser jefa de hogar
Empleada o intelectual
Yo puedo ser protagonista de nuestra historia
Y la que agita
La gente, la comunidad
La que despierta la vecindad
La que organiza la economía
De su casa, de su familia
Mujer linda se pone de pie
Y a romper las cadenas de la piel”*

(Ana Tijoux, 2014).

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as trajetórias laborais de mulheres migrantes de origem latino-americana que vivem na Espanha e que trabalham ou já trabalharam como domésticas e cuidadoras. Partimos do pressuposto de que a intersecção entre o gênero, a raça, a etnia e a classe social dá lugar à segregação das trabalhadoras migrantes neste setor do mercado laboral. Durante as últimas décadas, ocorreu um aumento das migrações de mulheres latino-americanas para a Espanha, um fenômeno que responde à divisão sexual e internacional do trabalho, onde os países do Norte demandam mão de obra feminina e migrante dos países do Sul global para realizar os trabalhos de reprodução que sua população não está disposta a realizar. Como resultado da divisão sexual do trabalho e das desigualdades de gênero presentes em ambas as sociedades – de origem e de destino – as mulheres são as principais encarregadas pelo trabalho doméstico e de cuidado, de maneira que a maioria das migrantes são mães que deixam seus filhos sob o cuidado de outras mulheres em seus países de origem. Nesse sentido, a migração supõe enfrentar trabalhos precários e com baixos salários, o que contribui para que as migrantes passem longos períodos de tempo separadas de suas famílias. Diante disto, a maternidade e o cuidado para com aqueles que ficam passam a ser exercidos à distância, mediante a comunicação diária pelo telefone ou internet e também através do envio de remessas. As dificuldades econômicas enfrentadas pelo seu grupo familiar, a responsabilidade pelo cuidado dos filhos e a busca pela autonomia individual constituem, portanto, os principais motivos de sua migração.

Palavras-chave: Migração; Gênero; Trabalho doméstico; Interseccionalidade; Divisão internacional do trabalho.

RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo analizar las trayectorias laborales de mujeres migrantes latinoamericanas que viven en España y que trabajan o que ya han trabajado como domésticas y cuidadoras. Partimos del supuesto de que la intersección entre el género, la raza, la etnia y la clase social ocasionan la segregación de las mujeres migrantes en este sector del mercado de trabajo español. Durante las últimas décadas ha ocurrido un incremento de las migraciones de mujeres latinoamericanas hacia España, un fenómeno que responde a la división sexual e internacional del trabajo, donde los países del Norte demandan mano de obra femenina migrante de los países del Sur global para realizar los trabajos de reproducción que su población no está dispuesta a realizar. Como resultado de la división sexual del trabajo y de las desigualdades de género presentes en ambas sociedades – de origen y de destino – las mujeres son las principales encargadas por el trabajo doméstico y de cuidado, de manera que la mayoría de las migrantes son madres que dejan a sus hijos bajo el cuidado de otras mujeres en sus países de origen. Así, la migración supone enfrentar trabajos precarizados y mal pagos, lo que a su vez contribuye para que las migrantes pasen largos periodos de tiempo separadas de sus familias. Consecuentemente, la maternidad y el cuidado para con aquellos que se quedan pasa a ser ejercidos desde lejos, mediante la comunicación diaria por el teléfono y por internet y también a través del envío de remesas. Las dificultades económicas enfrentadas por su grupo familiar, la responsabilidad por el cuidado de los hijos y la busca por su autonomía individual constituyen, por lo tanto, los principales motivos de su migración.

Palabras clave: Migración; Género; Trabajo doméstico; Interseccionalidad; División internacional del trabajo.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the labor trajectories of Latin American migrant women living in Spain who work or have already worked as domestic and caregivers. We start from the assumption that the intersection between gender, race, ethnicity and social class provokes the segregation of migrant women in the Spanish labor market. During the last decades there has been an increase in the Latin American female migration to Spain, a phenomenon that responds to the sexual and international division of labor, where the countries of the North demand migrant female workers from the countries of the global South to carry out the reproduction works that its population is not willing to perform. Because of the sexual division of labor and the gender inequalities present in both societies – of origin and destination – women are the main responsible for domestic work and care, so most of these migrants are mothers who leave their children under the care of other women in their countries of origin. Thus, migration means facing precarious jobs and poor payments, which in turn makes they spend long periods separated from their families. Consequently, there is the emergence of a new type of motherhood exercised at distance, through daily communication by telephone and online, and through the sending of remittances. The economic difficulties faced by their family group, their responsibility for the children's care and the search for their individual autonomy are, therefore, the main reasons for their migration.

Key words: Migration; Gender; Domestic work; Intersectionality; International division of labor.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Crescimento da população imigrante na Espanha (1998 – 2008)	30
Tabela 2	–	Salário médio anual por trabalhador/a, sexo e nacionalidade (Euros)	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1 MIGRAÇÕES FEMININAS COMO OBJETO DE PESQUISA SOCIOLÓGICA	11
1.1 A MULHER NO PROCESSO MIGRATÓRIO	16
1.1.1 De migrantes invisíveis a pioneiras das migrações	21
1.2 A INCORPORAÇÃO DO GÊNERO NOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS	24
1.3 A FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES LATINO-AMERICANAS RUMO À ESPANHA	30
1.3.1 Análise sócio laboral das trabalhadoras migrantes	35
2 PERCURSOS METODOLÓGICOS	39
2.1 CONSTRUINDO UMA PESQUISA FEMINISTA	40
2.2 METODOLOGIA QUALITATIVA	46
2.2.1 O método biográfico: os relatos orais como meio de reconstrução de trajetórias laborais	49
2.2.2 Método <i>Snowball</i> e pesquisa no ambiente virtual	51
2.3 APRESENTAÇÃO DAS COLABORADORAS	55
3 TRABALHO DOMÉSTICO E MIGRAÇÃO	62
3.1 RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	68
3.2 INTERSECCIONALIDADE COMO PERSPECTIVA DE ANÁLISE DAS MIGRAÇÕES	73
3.2.1 Discriminação, assédio e violências	80
4 VOZES FEMININAS MIGRANTES: A EXPERIÊNCIA DAS TRABALHADORAS NA ESPANHA	92
4.1 TRAJETÓRIAS LABORAIS E MOTIVOS PARA MIGRAR	92
4.2 A IMPORTÂNCIA DAS REDES DE CONTATO DE SOLIDARIEDADE NAS MIGRAÇÕES	103
4.3 MIGRAÇÃO, FAMÍLIA E EMOÇÕES	115
CONCLUSÃO	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
ANEXO 1. MEMORIAL	139
ANEXO 2. QUESTIONÁRIO ONLINE	143

INTRODUÇÃO

A invisibilidade histórica das mulheres em diversos âmbitos da vida social que perpetuou-se ao longo dos anos – e que ainda encontra-se presente – em quase todas as sociedades nos deixa a certeza de que nós, mulheres, temos muito a dizer e a contar, mas desta vez formulando com nossas próprias palavras e utilizando nossa própria voz. Partindo deste objetivo, nos propomos a realizar esta pesquisa sobre as trajetórias laborais de mulheres migrantes latino-americanas que realizam – ou já realizaram em algum momento de seu processo migratório – o trabalho doméstico remunerado na Espanha.

Historicamente, a maioria dos estudos sobre migrações internacionais retrataram como sujeito das migrações somente aos homens, contribuindo, conseqüentemente, para a invisibilização da experiência das mulheres que desde sempre participaram dos movimentos migratórios, seja como pioneiras desses processos ou como acompanhantes de suas famílias. Nesse contexto de lacunas e invisibilidades acerca da figura da mulher migrante, ignoram-se as múltiplas relações de poder que perpassam e constituem suas experiências, assim como as inúmeras emoções que as acompanham a partir do momento em que tomam a decisão de deixar sua terra natal e buscar trabalho em outro país. Por este motivo, entendemos que ao estudar as migrações nos deparamos com pessoas em movimento, não só físico como também emocional.

A situação das migrantes latino-americanas que deixam seus filhos/as e suas famílias para trabalharem como domésticas e cuidadoras na Espanha envolve uma série de fatores relacionados à posição da mulher na sociedade, assim como sua inserção laboral em trabalhos considerados tipicamente femininos. Sua condição de mulher, latino-americana e de trabalhadora doméstica na Espanha contribui para o modo como constituir-se-ão suas trajetórias laborais, tanto no que diz respeito aos casos de vulnerabilidade – violências e discriminação – como também aos de sobrevivência e superação. São recorrentes, por exemplo, no dia a dia das trabalhadoras migrantes os sentimentos de solidão, de saudade dos filhos/as e de suas famílias e, às vezes, também o sentimento de culpa por estarem longe.

Nesse sentido, a presente pesquisa apresenta como proposta de estudo a análise das trajetórias laborais das mulheres latino-americanas que realizam ou já realizaram o trabalho doméstico remunerado na Espanha – abrangendo também o trabalho de cuidados em lares familiares – a partir de suas experiências como imigrantes. Conforme relatado no memorial, as motivações para esta pesquisa se relacionam com minha graduação no curso de Relações Internacionais – área privilegiada para o estudo da globalização econômica e cultural que

encontram-se por trás dos movimentos migratórios – como também partem de questionamentos que surgiram a partir de minha própria experiência como imigrante, tendo vivido na Espanha durante quatro anos e meio e convivido diariamente com as especificidades da vida das mulheres trabalhadoras latino-americanas naquele país.

O encontro com as teorias feministas me possibilitou a compreensão de alguns aspectos fundamentais presentes nas migrações das mulheres como, por exemplo, o que faz com que os homens sejam vistos pela sociedade como os únicos provedores e, conseqüentemente, chefes do lar e as mulheres como as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidados, tendo, dessa maneira, negado seu papel de sujeitos economicamente ativos.

Como resultado de uma perspectiva androcêntrica¹ presente em diversas áreas do saber, incluindo a sociologia, somente os homens foram retratados como sujeitos ativos nos estudos migratórios, ignorando o papel fundamental que as mulheres migrantes desempenham no funcionamento social e econômico das sociedades. Desse modo, a produção teórica que insere o gênero nos estudos migratórios surge para explicar a ausência da mulher como protagonista nos estudos sobre as migrações – tendo em vista a sua crescente participação e protagonismo nas últimas décadas – e, posteriormente, para dar conta das particularidades deste fenômeno conhecido como feminização das migrações (LADINO, 2011).

A presença feminina nas migrações internacionais foi ignorada até meados da década de 1970, época em que surgiram os primeiros trabalhos sobre sua participação nas migrações. No entanto, a mulher foi retratada como um sujeito passivo que acompanhava ao homem no processo migratório, tendo sua atuação voltada para a reagrupação familiar. Tal visão advém das teorias econômicas clássicas que situam o homem no âmbito produtivo, ou seja, como único sujeito economicamente ativo. No caso das mulheres, ao não receber remuneração pelo seu trabalho no âmbito doméstico, este não conta como trabalho. Esta visão estereotipada da mulher como sujeito migratório passivo e relegada apenas ao âmbito reprodutivo contribuiu para ocultar os possíveis projetos migratórios femininos (CASAS, 1997).

Como resultado da divisão sexual do trabalho presente na maioria das sociedades, as mulheres são vistas como as principais encarregadas pelas tarefas relacionadas com o cuidado, a educação e a reprodução da vida social. Assim, a divisão sexual do trabalho – conceito desenvolvido por Kergoat (2009) – opera mediante a separação dos trabalhos para homens e mulheres, dando lugar a uma hierarquia onde aqueles trabalhos tidos como masculinos serão

¹ Androcentrismo refere-se a uma visão de mundo que privilegia o pensamento masculino.

mais valorizados e melhor remunerados que os trabalhos considerados femininos o que, por sua vez, explica a desvalorização dos trabalhos reprodutivos.

O aumento das migrações femininas dos países pobres rumo aos países ricos ocorre agora a nível global como resultado da globalização – que possibilita a mobilidade não só de pessoas mas também de informações, imagens e objetos – e da divisão internacional do trabalho reprodutivo, de maneira que a maioria destas mulheres provenientes do Sul global migram para trabalharem como domésticas, cuidadoras de crianças e idosos e como trabalhadoras sexuais, suprindo assim a demanda laboral dos países do Norte por uma mão de obra feminina migrante e barata (EHRENREICH e HOCHSCHILD, 2004).

No que se refere ao contexto europeu, especificamente no caso espanhol, o aumento da demanda por este tipo de trabalho reflete a delegação do trabalho reprodutivo por parte das mulheres nativas para outro grupo de mulheres socialmente menos favorecido, considerando a inexistência da repartição igualitária das tarefas domésticas e de cuidado entre os sexos (ARAUJO e SOLÍS, 2003).

Os enfoques teóricos que sustentam nossa pesquisa são a teoria da divisão internacional do trabalho reprodutivo – ou a transferência internacional do cuidado – discutidas por Rhacel Salazar Parreñas e a sociologia das emoções, desenvolvida por Arlie Russell Hochschild. Além disso, partimos de uma perspectiva interacionista por entender que são as próprias interpretações das mulheres acerca de suas experiências como trabalhadoras migrantes o que nos possibilita compreender suas trajetórias laborais como domésticas e cuidadoras na Espanha.

Arlie Russel Hochschild (1975), uma das vozes mais importantes da sociologia feminista e também da sociologia das emoções, nos chama a atenção sobre como os sociólogos têm ignorado em seus estudos a presença das mulheres e dos temas a nós relacionados. A autora observa, igualmente, a ausência de uma teoria sociológica que trate dos sentimentos e das emoções, e relaciona tal desinteresse por parte dos autores ao costume de nossa sociedade em considerar as dimensões cognitivas, intelectuais ou racionais da experiência como superiores às emocionais ou sentimentais (HOCHSCHILD, 1975).

Em uma sociedade onde o setor de serviços cresce cada vez mais e os trabalhos requerem de seus trabalhadores habilidades emocionais para lidarem com os clientes, as emoções não podem ficar de fora dos estudos sobre o trabalho. Do mesmo modo, ao fazer um recorte de gênero, percebe-se que o trabalho das mulheres continua sendo invisibilizado, quando são elas as que mais fazem uso de suas emoções em seu dia a dia no trabalho (HOCHSCHILD, 1983).

As emoções no trabalho são e permanecem invisíveis, sem reconhecimento. Enraizadas em uma cultura que vê um conflito entre emoção e razão e que ainda prescreve a invisibilidade das emoções para manter a ilusão de uma cientificidade ou de uma objetividade nas análises do trabalho. Essa racionalidade cartesiana também perpassa diversos tipos de análises do trabalho que tentam separar “corpo” e “alma” dissecando cada gesto, cada movimento das trabalhadoras e trabalhadores como se fossem robôs, sem emoções (SOARES, 2016, p. 42).

Segundo este autor, dada a proximidade do/a empregado/a com o público, seu trabalho assume diferentes dimensões (física, cognitiva, sexual, emocional e relacional) que são consubstanciais, ou seja, que se relacionam entre si. Do mesmo modo, as diferentes relações sociais (de sexo/gênero, raça, classes sociais), que também são consubstanciais (HIRATA; KERGOAT, 2007), elas perpassam as dimensões do trabalho exigindo, assim, uma carga suplementar de trabalho emocional. Há ainda uma divisão sexual das emoções no que diz respeito ao tipo de emoção que se espera de mulheres e homens. “Aos homens, confiam-se tarefas que exigem serem agressivos, duros, ásperos, frios, etc. Enquanto às mulheres, confiam-se tarefas que exigem ternura, bondade, sensibilidade, intuição, doçura, empatia, etc.” (SOARES, 2016, p. 48). Nessa perspectiva, o trabalho emocional ocorre em maior proporção entre os grupos menos favorecidos. É mais frequente entre as mulheres que entre os homens e, neste caso, está sendo delegado às mulheres migrantes provenientes, em sua maioria, dos países do Sul (HOCHSCHILD, 1983).

As questões que norteiam nossa pesquisa são: Como ocorre o fenômeno da feminização das migrações de mulheres latino-americana para a Espanha? Como as desigualdades de gênero, raça, etnia e classe social influenciam no exercício da profissão das trabalhadoras imigrantes? Como as relações de desigualdade entre os gêneros presentes nas sociedades de origem e de destino moldam as trajetórias das mulheres migrantes? Como surgem as redes de contatos e de apoio entre as mulheres migrantes e qual a sua importância no processo migratório? E, por último, que implicações o processo migratório teve na vida das mulheres migrantes?

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, discutimos acerca das concepções sociológicas das migrações internacionais e do importante papel que as migrações desempenham no cotidiano de todas as sociedades ao redor do mundo. A seguir, analisamos a participação feminina nas migrações internacionais ao longo dos anos, aprofundando na discussão da invisibilidade da mulher nas migrações como consequência de sua invisibilidade como sujeito econômico e social. Para tanto, evidenciamos a importância de

incluir o gênero como perspectiva de análise, não só para visibilizar a participação das mulheres nas migrações mas, principalmente, para explicar como as desigualdades de gênero presentes tanto nas sociedades de origem como nas sociedades de destino encontram-se nas bases de seu processo migratório. Por fim, analisamos o aumento do número de mulheres latino-americanas que escolhem a Espanha como país de destino a partir da década de 1990, trazendo dados referentes à sua situação sócio laboral.

No segundo capítulo apresentamos a escolha pela metodologia de pesquisa qualitativa, ressaltando sua importância para nosso objetivo de analisar as trajetórias laborais das mulheres migrantes e também suas emoções referentes ao processo migratório. Para isto, demonstramos a importância dos estudos feministas e suas contribuições para a construção de um conhecimento menos androcêntrico e, portanto, mais voltado para a realidade das mulheres. Por último, apresentamos as colaboradoras deste estudo por meio de um breve resumo de suas biografias.

O terceiro capítulo tem como foco o trabalho doméstico realizado pelas mulheres migrantes na Espanha. Primeiramente, discorremos acerca da necessidade de considerar o trabalho doméstico como trabalho, uma tarefa empreendida pelo movimento feminista e cuja importância de seguir reivindicando-a aumenta com o passar do tempo. Adotamos a interseccionalidade como perspectiva de análise de modo a demonstrar como as interações entre o gênero, a raça, a etnia e a classe social das mulheres migrantes direcionam sua entrada neste setor laboral. Além disso, a interseccionalidade também nos permite conhecer as diversas formas de discriminação, assédio e violências sofridas pelas migrantes em seus ambientes de trabalho.

No quarto capítulo, discutimos acerca dos motivos e das estratégias que estão por trás de seus projetos migratórios, evidenciando também a importância que as redes sociais – de apoio e de solidariedade – desempenham nas migrações internacionais. Em seguida, aprofundamos no tema das famílias das migrantes e nas consequências que a migração teve em suas vidas, reconstruindo a partir de suas narrativas as suas trajetórias laborais e de migração. Ao discutir acerca de suas emoções e das estratégias por elas utilizadas para manter suas relações de afeto com aqueles que ficaram em seus países de origem, percebemos que a adoção das novas tecnologias de comunicação é indispensável para que isso seja possível.

Para finalizar, trazemos na conclusão alguns dos resultados da pesquisa que evidenciam a entrada e a permanência das migrantes latino-americanas no trabalho doméstico, onde mesmo

depois terem sua situação regularizada na Espanha, estas continuam empregadas neste setor do mercado laboral devido à baixa mobilidade que experimentam por serem imigrantes.

1 MIGRAÇÕES FEMININAS COMO OBJETO DE PESQUISA SOCIOLÓGICA

“Birds of passage are also women.”

(Mirjana Morokvasic)

As migrações são processos sociais multifacetados e multidimensionais, tão antigos quanto nossa história, abrangendo em sua diversidade as migrações de trabalhadores/as em busca de melhores oportunidades, para fins de reagrupação familiar, de refugiados políticos ou ambientais e as migrações de povos colonizadores (predominantes no século XV). Da mesma forma com que este tema atravessa muitas esferas da vida dos indivíduos, ele também se relaciona com diversas áreas do saber – tais como a sociologia, antropologia, economia, geografia, história, ciência política, etc. – o que evidencia a importância de seu estudo sob diferentes perspectivas.

Por migração entende-se um deslocamento que traz consigo uma mudança de residência do indivíduo de um lugar de origem a um lugar de acolhida e que implica a travessia de divisões geográfico-administrativas, podendo ocorrer no interior de um país ou entre diferentes países (CASAS, 1997).

As migrações internacionais apresentam-se como um tema de grande relevância em nossos dias, situando-se constantemente na pauta dos meios de comunicações e na agenda de governos e organismos internacionais. Ainda que atualmente elas não apresentem o mesmo volume que as migrações em massa dos últimos séculos, o significado e a relevância que alcançaram é, sem dúvidas, incomparável com épocas anteriores. Assim como afirma Arango (2007), as migrações humanas não são uma novidade, considerando que em cada época histórica elas se diferenciam em suas causas, modalidades, consequências, nos significados que lhes são atribuídos, nas emoções que suscitam e nas narrativas coletivas que produzem.

Os seres humanos sempre se deslocaram em busca de novas oportunidades, para escapar de situações de pobreza, conflito ou degradação ambiental (CASTLES; MILLER, 1993). Nos últimos anos, outros termos como os de “migrantes transnacionais” e “trabalhadores transnacionais” surgiram para assinalar novas variações da figura do/a migrante (HONDAGNEU-SOTELO, 2000).

As migrações internacionais sofreram mudanças ao longo dos anos, adotando diversas causas e mobilizando diversas quantidades de pessoas. Um novo modelo migratório teve lugar com o começo da expansão europeia, a partir do século XVI, alcançando seu ápice durante as migrações em massa da Europa rumo à América do Norte, com o objetivo de “fazer a América”, em meados do século XIX. Este período ficou conhecido por alguns estudiosos como a “idade das migrações em massa” (CASTLES; MILLER, 1993). Mais tarde, ainda de acordo com estes autores, no período entre 1945 e 1980, houve uma maior expansão e diversificação dos fluxos migratórios rumo a todas as regiões do planeta.

Diferentemente do panorama do século XIX, onde 90% dos fluxos migratórios estavam compostos por mulheres e homens de origem europeia rumo às Américas, os movimentos atuais incorporam pessoas não-brancas dos países periféricos rumo aos Estados Unidos, Canadá e países da Europa, de modo que países como a Ásia, África e América Latina substituíram a Europa, constituindo-se como principais regiões de emigração.

Desse modo, a partir de finais do século XX, as migrações internacionais tornaram-se mais globais e heterogêneas, apresentando uma maior diversidade étnica, racial, de classe e de gênero – onde destacamos, coincidindo com nosso objeto de pesquisa, o aumento significativo do número de mulheres nos fluxos migratórios.

De acordo com Arango (2007), os fluxos migratórios diversificaram-se não só em relação ao número de indivíduos participantes mas, sobretudo, no que diz respeito ao seu alcance geográfico. Este autor refere-se a esta mudança como a mundialização das migrações internacionais, tendo como base o elevado e crescente número de países participantes das migrações e a multiplicação das rotas migratórias. A mundialização das migrações internacionais presente nas últimas décadas envolveu a maioria dos países do planeta, brindando a algumas pessoas a possibilidade de irem a qualquer parte do mundo.

A mundialização das migrações acompanha um processo maior de mudanças que intensificou-se a partir da Revolução Industrial e que continua a atingir a todas as sociedades com seus resultados. Trata-se do processo de globalização que envolve a revolução das tecnologias de transporte e comunicação, a interdependência das economias e uma profunda reestruturação do capital. As novas tecnologias de informação e comunicação trouxeram consigo a possibilidade das pessoas se conectarem com todas as partes do mundo através da internet, da televisão, do cinema e da comunicação com amigos e parentes distantes o que, por sua vez, aumentou as possibilidades de destino para aqueles/as que desejam sair de seus países em busca de uma vida melhor.

Por um lado, é certo que o barateamento dos meios de transporte proporcionou uma maior mobilidade humana, mas em nada se compara à liberdade de circulação do capital, pois o mundo continua dividido entre Norte e Sul, com abundância de riqueza, em algumas partes, e desemprego, pobreza e fome, em outras.

Para Castells (2005), este processo de globalização pode traduzir-se na existência de uma sociedade em rede que se difunde por todo o mundo, incluindo algumas pessoas e excluindo outras, embora a sua lógica e suas relações de poder afetem a toda a humanidade.

[...] a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia (CASTELLS, 2005, p. 18).

Consequentemente, tal diversificação dos fluxos migratórios apresentou novos desafios à soberania dos Estados no que diz respeito à tentativa de regular os movimentos populacionais em suas fronteiras a partir da criação de leis e políticas migratórias, gerando assim uma enorme quantidade de migrantes irregulares ou indocumentados nunca vista antes na história da humanidade (CASTLES; MILLER, 1993).

Vivemos atualmente a segunda era da globalização do capitalismo, caracterizada pela livre circulação de mercadorias e do capital ao redor do globo. Este período iniciou-se após a Segunda Guerra Mundial, com a criação de acordos e de instituições multilaterais que assegurariam a paz entre os países, ao mesmo tempo que promoveriam o comércio global. Esta nova era trouxe consigo um paradoxo, denominado por Donato e Massey (2016), como o “Paradoxo da Globalização do Século XXI”.

Nessa perspectiva, apesar das migrações humanas não serem um fenômeno novo, as migrações ilegais ou indocumentadas são recentes e surgem como resultado da imposição, por parte dos estados-nações, da necessidade de passaportes a partir de 1920, conforme acordado em conferência internacional realizada pela Liga das Nações. A partir desta data, inúmeras restrições que até então não existiam foram impostas sobre as migrações em diversos lugares do globo, de maneira que a livre entrada de imigrantes deixou de existir em todas as nações, ao passo que todas elas adotaram medidas restritivas para as migrações internacionais (DONATO; MASSEY, 2016).

Esta é a contradição fundamental da globalização pós-industrial: as nações hoje procuram criar e participar de um mercado global em que apenas alguns

fatores de produção são móveis. Este paradoxo forçou os formuladores de políticas em todo o mundo a uma negociação Faustiana²: a mobilidade internacional dos fatores é encorajada e facilitada apenas na medida em que os fatores em questão carecem de agência. Nos termos desta negociação, a imigração deve ser restrita porque o capital trabalhista e humano está ligado às pessoas e as pessoas tem agência (DONATO; MASSEY, 2016, p. 9).³

Assim, o mercado prefere trabalhadores/as na forma de sujeitos despersonalizados e que não apresentem necessidades ou problemas para os governos que, por sua vez, veem os estrangeiros, suas culturas diversas e sua descendência como uma ameaça social. Um dos meios encontrados pelos governos para usarem a mão de obra migrante sem a necessidade de lidarem com as consequências de sua permanência foi a criação de programas para trabalhadores convidados, realizados mediante acordos internacionais entre os países, de modo que os trabalhadores tivessem um prazo de entrada e de saída enquanto durasse seu trabalho temporário no país receptor.

Os formuladores de políticas consideraram os migrantes temporários como uma fonte de mão-de-obra flexível que poderia ser importada durante períodos de alta demanda e enviada para casa quando a demanda acabasse. Poucos esforços foram feitos para integrá-los nas sociedades de acolhimento. Em vez disso, eles foram separados das populações nativas e alojados em bairros pobres ou quartéis contratados pelo empregador, inicialmente recebendo pouco ou nenhum acesso a benefícios de previdência social, mobilidade laboral ou privilégios de reunificação familiar (DONATO; MASSEY, 2016, p. 11).⁴

Este modelo de contratação de mão de obra foi utilizado pelos governos estadunidense e europeus no período pós Segunda Guerra Mundial para a reconstrução econômica de seus países. Mediante acordos bilaterais com os países de emigração, mobiliza-se uma certa quantidade de trabalhadores para suprir a demanda por mão de obra necessária para a construção de suas infraestruturas. Assim, sabe-se que os Estados Unidos traziam trabalhadores

² Considerado símbolo cultural da modernidade, *Fausto* é um poema que relata a tragédia do Dr. Fausto, homem das ciências que, desiludido com o conhecimento de seu tempo, faz um pacto com o demônio Mefistófeles, que o enche com a energia satânica insufladora da paixão pela técnica e pelo progresso.

³ This is the fundamental contradiction of postindustrial globalism: nations today seek to create and participate in a global market in which only some factors of production are mobile. This paradox has forced policymakers throughout the world into a Faustian bargain: international factor mobility is encouraged and facilitated only to the extent that the factors in question lack agency. Under the terms of this bargain, immigration must be restricted because labor and human capital are attached to people and people have agency. (Tradução nossa).

⁴ Policymakers viewed temporary migrants as a flexible labor supply that could be imported during periods of high demand and sent home when demand faltered. Few efforts were made to integrate them into the host societies. Instead, they were separated from native populations and sequestered in poor neighborhoods or employer-provided barracks and initially granted little or no access to social welfare benefits, labor mobility, or family reunification privileges. (Tradução nossa).

do México, enquanto a Europa Oriental os trazia do sul da Europa, Oriente Médio e Norte da África.

Ao tentar pôr fim a esses programas, os governos “descobriram que os trabalhadores eram, na verdade, pessoas que muitas vezes desejavam permanecer, formar famílias e participar da sociedade receptora como cidadãos em vez de convidados” (DONATO; MASSEY, 2016, p. 10).⁵

O Programa Bracero, que emitiu quase cinco milhões de contratos temporários de trabalho para trabalhadores agrícolas mexicanos nos Estados Unidos entre 1942 e 1964, e o Programa Operário Convidado, que contou com homens turcos e argelinos para reconstruir cidades e trabalhar nas fábricas da Europa após a Segunda Guerra Mundial, são os exemplos desses sistemas modernos, nos quais o recrutamento de mão-de-obra dependia não apenas dos homens, mas de homens subordinados que eram submetidos a regras e regulamentos meticulosos e a inspeções corporais rigorosas e desumanas (HONDAGNEU-SOTELO, 2001, p. 6).⁶

Segundo esta autora, atualmente existe uma maior variedade de trabalhos nos contextos migratórios, além daqueles voltados para a indústria e a construção – tradicionalmente masculinos – como no caso da migração de profissionais altamente qualificados/as ou das trabalhadoras domésticas.

Nessa perspectiva, Donato e Massey (2016) identificam três níveis de mobilidade internacional em nossa atual economia global, de modo que tem-se uma mobilidade livre, concedida ao capital financeiro e físico, aos bens de consumo, conhecimento, informações, commodities e recursos naturais; uma mobilidade moderada, concedida apenas para indivíduos que incorporem alguma forma de capital – humano, social ou cultural – que seja valorizado e necessário para os estados-nações; e, por último, uma mobilidade limitada e fortemente controlada para aquelas pessoas que não detém nenhum tipo de capital – além de sua força de trabalho – que seja valorizado pelas sociedades de destino. Assim, a entrada de trabalhadores educados e altamente qualificados, ligados ao comércio e aos investimentos é permitida e até mesmo encorajada enquanto restringe-se a entrada para outros/as trabalhadores/as mais pobres e menos qualificados/as.

⁵ [...] They discovered that the workers were, in fact, people who often wished to stay, marry, raise families, and participate in their host society as citizens rather than as guests. (Tradução nossa).

⁶ The Bracero Program, which issued nearly five million temporary labor contracts to Mexican agricultural laborers in the United States between 1942 and 1964, and the Guest Worker Program, which relied on Turkish and Algerian men to rebuild cities and toil in the factories of Europe after World War II, are the exemplars of these modern systems, in which labor recruitment relied not only on men, but on subordinated men who were subjected to meticulous rules and regulations and to rigorous, dehumanizing bodily inspections. (Tradução nossa).

Os movimentos populacionais adotam diversas formas: as pessoas migram como trabalhadores manuais, especialistas altamente qualificados, empresários, refugiados ou como familiares de outros migrantes mais antigos. A classe social desempenha um papel importante: os países de destino competem para atrair as pessoas altamente qualificadas através de regras privilegiadas sobre a entrada e a residência, enquanto trabalhadores manuais e refugiados muitas vezes experimentam exclusão e discriminação (CASTLES; MILLER, 1993, p. 4)⁷.

Ainda de acordo com estes autores, seguindo esta mesma linha de raciocínio, a migração não é vivida do mesmo modo por todos os grupos a depender da classe social à qual pertençam. Consideramos esta uma afirmação importante para pensarmos sobre como outras categorias de diferenças, além da classe social, também influenciam nos processos e experiências migratórias dos indivíduos, determinando as condições dos/as migrantes no país de destino como, por exemplo, o gênero, a raça, a etnia e a nacionalidade.

Nesse sentido, após uma breve contextualização do fenômeno migratório em suas diferentes épocas e lugares, veremos a seguir como a maioria dos estudos sobre as migrações desconsiderou o gênero de suas análises, levando à invisibilização da presença das mulheres, assim como das especificidades dessas migrações como no caso do trabalho doméstico e de cuidados – realizado em sua maioria por mulheres migrantes – e também o tema das emoções, considerando o fato de que são mulheres que migram sozinhas e que, muitas vezes, precisam deixar seus filhos sob os cuidados de outras pessoas em seus países de origem.

1.1 A MULHER NO PROCESSO MIGRATÓRIO

São vários os aspectos que podem ser analisados quando se trata de estudar os fenômenos migratórios. No presente estudo, o enfoque central será a presença das mulheres nas migrações internacionais, onde trataremos especificamente das trajetórias laborais das migrantes latino-americanas que realizam – ou já realizaram em algum momento de seu processo migratório – o trabalho doméstico remunerado na Espanha.

Assim como elas, todos os dias milhares de mulheres deixam para trás suas famílias em seus países de origem e viajam em busca de trabalho em outros países mais ricos. A partir da década de 1980, conforme veremos a seguir, tem-se um crescimento das correntes migratórias

⁷ The movements take many forms: people migrate as manual workers, highly qualified specialists, entrepreneurs, refugees or as family members of previous migrants. Class plays an important role: destination countries compete to attract the highly skilled through privileged rules on entry and residence, while manual workers and refugees often experience exclusion and discrimination. (Tradução nossa).

femininas dos países do Sul global rumo aos países do Norte, por apresentarem melhores salários e condições de vida aos seus habitantes. Segundo dados da Federação Internacional dos Direitos Humanos (FIDH, 2007), em países como o Sri Lanka, Indonésia, Filipinas e na maioria dos países da América Latina, as mulheres migraram mais que os homens durante a década de 2000.

Apesar dos principais destinos serem quase sempre a Europa e os Estados Unidos, ultimamente presenciamos um incremento das correntes migratórias femininas de caráter Sul-Sul, como é o caso das mulheres asiáticas que escolhem os países do Oriente Médio como destino, ou o recente aumento da contratação de mulheres de origem filipina e boliviana na cidade de São Paulo para trabalharem como domésticas e babás, constituindo exemplos de como “o endurecimento das condições de acesso aos grandes polos, como a Europa, veio transformar os países de trânsito em países de imigração” (FIDH, 2007, p. 2).

A migração laboral de mulheres constitui uma importante fonte de rendimentos para seus países de origem através do envio de remessas. Apesar de ganharem menos que os homens, geralmente são elas que enviam maiores quantidades de dinheiro para seus países. Dados da Federação Internacional dos Direitos Humanos (FIDH, 2007), nos mostram que as migrantes residentes na Espanha enviam maiores quantidades de dinheiro que os homens, tanto nas migrações internas como nas migrações internacionais, sendo que essas remessas são aplicadas na satisfação das necessidades básicas, educativas e sociais daqueles que permaneceram no local de origem.

No que diz respeito à nossa investigação, todas as mulheres que participaram da pesquisa – correspondendo a um total de sete entrevistadas – responderam afirmativamente quando perguntamos sobre o envio de remessas às suas famílias que permaneceram nos países de origem, de modo que 57% delas enviam dinheiro todos os meses e 43% enviam quando podem. O tema do envio de remessas ou ajuda financeira aos familiares aparece na fala de algumas de nossas colaboradoras, de modo que adiantamos aqui alguns trechos de suas entrevistas⁸.

Você só pensa, a maioria dos imigrantes só pensa em suas famílias, em mandar dinheiro. Porque não tem outro jeito, sabe? É a única maneira que as pessoas imigradas têm para cobrir um pouco essa parte com a família. Eles nos necessitam (Trecho de entrevista – Serafina, 51 anos, Paraguai).

⁸ Informamos que a apresentação de todas as colaboradoras que participaram desta pesquisa encontra-se no segundo capítulo. Todos os nomes aqui utilizados são fictícios para preservar a identidade das mulheres migrantes.

Agora, como eu voltei a trabalhar, também estou ajudando a minha mãe, de novo. Ou seja, sempre ajudei, mas este mês eu comecei a ajudá-los novamente. Nos meses anteriores eu não pude ajudar porque quase não havia trabalho, eu quase não trabalhava (Trecho de entrevista – Visitación, 32 anos, Honduras).

Nós, aqui, vemos que eles gastam muitíssimo dinheiro. Mas agora está inexplicável, porque o câmbio de dinheiro baixou muitíssimo o valor do euro, baixou muito comparado com o que eu mandava antes. Quando mandava 100 euros, eram mil bolivianos, e com mil bolivianos se vivia durante um mês. Agora não dá para uma semana. Esse é o câmbio que há, e nos surpreendemos todas, porque converso com outras migrantes e digo “veja só, eu mandei 150 euros para o meu filho e não lhe chegou nada!” Tudo está caro (Trecho de entrevista – Bartolina, 53 anos, Bolívia).

No geral, as que mais emigram são as mulheres. Os homens, é mais difícil, eles sempre ficam. Mas as mulheres são as que vão em busca de vidas melhores, deixam seus lares, deixam seus filhos. Porque em nosso país, em nossa cultura, a mulher está quase sempre sozinha, porque os homens só ‘colocam o filho’ e deixam as mulheres. E elas tem que seguir adiante com seus filhos. Eu não sei como será nos outros países, mas em nosso país, no meu país é assim (Trecho de entrevista – Josefa, 53 anos, Nicarágua).

A modo de exemplo, analisamos o caso específico da Nicarágua que, de acordo com Fruttero e Wennerholm (2008), em 2005 as mulheres constituíram a maioria dos migrantes internos e apareceram em menor número nas migrações rumo ao exterior, representando 52% e 42% respectivamente. No referente aos motivos para migrar, sabe-se que 27% dos homens e 15% das mulheres dizem ter emigrado para aumentar seus ganhos; 15% das mulheres e 6% dos homens emigraram para contrair matrimônio ou mudar seu estado civil; e 35% das mulheres e 26% dos homens migraram por motivos familiares.

O envio de remessas representa entre 15% e 20% do PIB da Nicarágua, de maneira que cerca de 15% dos lares nicaraguenses recebem algum tipo de remessa do exterior e 17% destes lares possui um membro que vive permanentemente no exterior. Apesar da proporção de mulheres que enviam remessas para a Nicarágua – representando 57,5 % em 2005 – ser ligeiramente menor que a dos homens para o mesmo período – constituindo 59,2% -, percebe-se que o grupo das mulheres migrantes começa a enviar seus ganhos mais cedo que os homens, sendo também as que enviam durante mais tempo.

19% das meninas (10-14 anos) enviam remessas em oposição a 4% dos meninos, enquanto que 65% das mulheres com mais de 54 anos enviam remessas em oposição a 50% dos homens na mesma faixa etária. No que diz respeito às relações familiares, entre as mulheres, o grupo que mais envia remessas são as filhas (64%), enquanto entre os homens estão os cônjuges (82%) (FRUTTERO; WENNERHOLM, 2008, p. 8).⁹

Nessa perspectiva, apesar do importante papel que as mulheres migrantes desempenham tanto na economia de seus países de origem através do envio de remessas, quanto na economia dos países de destino com sua mão de obra, todavia persiste sua invisibilidade enquanto sujeito econômico e como cidadãs, sem que haja, por exemplo, um retorno adequado por parte dos governos quanto ao reconhecimento de seus direitos trabalhistas e de cidadania na Espanha.

A incorporação das trabalhadoras migrantes no mercado de trabalho dos países de destino ocorre nas profissões menos remuneradas e mais desvalorizadas da escala laboral, como é o caso do trabalho doméstico e das atividades do setor informal, de modo que elas enfrentam uma maior vulnerabilidade e um maior risco de abuso que outros grupos de trabalhadores – situação que piora no caso das trabalhadoras que não possuem a documentação exigida pelo país de destino.

No que se refere ao caso das imigrantes latino-americanas e do mercado laboral espanhol, percebe-se que 60% das migrantes latinas trabalhavam como domésticas em seus países de destino e que na Espanha, 70% do total de mulheres imigrantes encontram-se empregadas nesse setor. “Na Espanha, 80% dos migrantes provenientes da República Dominicana, 72% dos provenientes da Colômbia e 69% dos provenientes do Brasil são mulheres” (FIDH, 2007, p. 19).

Apesar de não constituir nosso objeto de estudo neste trabalho, vale lembrar como o mercado sexual e o tráfico de mulheres para a prostituição configura um importante cenário no âmbito das migrações internacionais. Este tipo de migração diferencia-se de nosso objeto de estudo segundo a natureza do trabalho das mulheres migrantes. Não obstante, vemos como ambos os tipos, que muitas vezes aparecem misturados na experiência das imigrantes, apresentam outros elementos semelhantes referentes à maneira em que são constituídas, como é caso das redes informais de apoio e solidariedade entre amigas/os e migrantes mais antigos que financiam as viagens dessas mulheres, e também o envio de remessas, presentes e o

⁹ 19% de las niñas (10-14 años) envía remesas versus el 4% de los niños, mientras que el 65% de las mujeres mayores de 54 años envía remesas versus el 50% de los hombres en el mismo grupo de edad. En lo que respecta a relaciones familiares, entre las mujeres el grupo que más envía remesas es el de las hijas (64%), mientras que entre los hombres son los esposos (82%). (Tradução nossa).

desenvolvimento de práticas transnacionais de cuidado e maternidade com aqueles que permanecem em seus países de origem.

Conforme aponta Piscitelli (2013) – autora de um elogiável trabalho etnográfico sobre as brasileiras que migram para trabalharem no mercado do sexo – trata-se de um tema de grande complexidade por envolver não só a criminalização do tráfico de pessoas, mas também a criminalização das migrações em geral.

Além dos riscos que a migração indocumentada produz, estas mulheres também precisam lidar com o perigo das redes de tráfico de pessoas que, muitas vezes, aparecem disfarçadas de agências de trabalho para captarem suas vítimas.

[...] os deslocamentos femininos a partir dos mercados do sexo conformam movimentos migratórios que envolvem diversos tipos de viagens, com destaque para o apoio de redes informais. Esses fluxos diversificados, que sempre envolvem ajuda e, às vezes, dívidas não podem ser automaticamente vinculados a grupos criminosos organizados transnacionalmente (PISCITELLI, 2013, p. 239).

O aumento das migrações femininas, independente da natureza de seu trabalho, tem mobilizado os governos para fecharem cada vez mais suas fronteiras. Nesse sentido, é importante ressaltar que a criminalização do tráfico também é utilizada como ferramenta para a criminalização de todas as migrações facilitando, assim, a deportação de outras trabalhadoras migrantes (PISCITELLI, 2013).

As migrações femininas apresentam algumas especificidades que não aparecem nas migrações masculinas, relacionadas à construção social da figura da mulher em cada sociedade que, por vezes, atuam como situações motivadoras para migrar. Nesse sentido, é comum que dentre os motivos que levam as mulheres a migrar figure a transgressão dos limites sexuais impostos pela sociedade; os problemas conjugais e a violência física; a impossibilidade de divórcio, os casamentos infelizes e desfeitos; a discriminação contra grupos femininos específicos e a ausência de oportunidades para as mulheres (ASSIS, 2007, p. 751).

Estas e outras características de sua vida social em seus países de origem aparecem com frequência nas bases de seus projetos migratórios, contribuindo para sua entrada em um determinado setor laboral e moldando sua experiência migratória na sociedade receptora. Assim, ao tratar o homem como sujeito universal das migrações, as questões referentes à experiência das mulheres acabam sendo ignoradas. Por este motivo, consideramos fundamental compreender que mecanismos perpetuam a invisibilidade das mulheres nas migrações ao longo dos anos e que caminhos devemos escolher para reverter este quadro de invisibilidades.

1.1.1 De migrantes invisíveis a pioneiras das migrações

As migrações de mulheres e homens ao redor do globo compõem a história da humanidade, de maneira que as mulheres sempre estiveram presentes nas migrações internas e internacionais sem que, no entanto, sua presença e o papel que desempenharam nestes processos constituísse objeto de interesse para a maioria dos estudiosos do tema, como resultado do androcentrismo presente nas diferentes áreas do saber.

A literatura sobre movimentos populacionais subestimou tradicionalmente a mulher imigrante: invisibilidade estatística, invisibilidade como sujeito político, como ator social e econômico, invisibilidade como objeto de estudo (CASAS, 1997, p. 3).¹⁰

Os primeiros estudos sobre as migrações iniciaram-se no período moderno, mas foi somente a partir de meados dos anos 1970 que as mulheres começaram a ter alguma visibilidade nestas análises. Neste período, as mulheres apareciam como um sujeito passivo que apenas acompanhava maridos e filhos em suas migrações. Sua figura economicamente inativa reduzia-se, portanto, ao objetivo de reagrupação familiar. Obedecia-se à crença de que “os homens eram os mais aptos a correr riscos, enquanto as mulheres eram as guardiãs da comunidade e da estabilidade” (ASSIS, 2007, p. 749). Mais tarde, já na década de 1980, teve lugar uma abertura conceitual voltada ao estudo da migração feminina que, por sua vez, coincidiu com o aumento das trabalhadoras migrantes que viajavam sozinhas, pioneiras da migração familiar que incorporaram a figura de chefas do lar economicamente ativas (CASAS, 1997).

A invisibilidade da mulher nas migrações ocorre como resultado de um tipo de invisibilidade ainda maior referente à sua desvalorização como atriz econômica e social. Isso ocorre porque as principais teorias migratórias (neoclássica/estrutural) se basearam nas teorias econômicas que, por sua vez, limitavam o conceito de trabalho somente ao trabalho produtivo realizado pelos homens. “A desvalorização do papel da mulher na sociedade ocorre pelo fato de que sua participação na atividade econômica não seja remunerada, mas também porque ela fica relegada ao espaço do lar” (CASA, 1997, p. 183).¹¹ Segundo esta autora, o fato de que os trabalhos realizados pelas mulheres migrantes ocorriam na economia informal e não eram

¹⁰ La literatura sobre movimientos poblacionales subestimó tradicionalmente a la mujer inmigrante: invisibilidad estadística, invisibilidad como sujeto político, como actor social y económico, invisibilidad como objeto de estudio. (Tradução nossa).

¹¹ La desvalorización del papel de la mujer en la sociedad viene dada por el hecho de que su participación en la actividad económica no sea remunerada, pero también porque queda relegada al espacio de la casa. (Tradução nossa).

reconhecidos pelos registros oficiais – tais como a prostituição, o serviço doméstico e os cuidados pessoais – favoreceu sua subestimação nas estatísticas.

O estudo realizado por Mirjana Morokvasic (1984), intitulado “Os Pássaros de Passagem também são mulheres”,¹² considerado pioneiro ao tratar da invisibilidade da migração feminina, defende que tal invisibilidade decorre do tradicional modelo familiar patriarcal que considera o homem como única autoridade na unidade doméstica, dada pelo seu poder econômico, e a mulher, como sua dependente.

Nesse sentido, as políticas migratórias ocidentais foram influenciadas pela ideologia dominante que considerava o homem como único sujeito capaz de ganhar o pão.

Na Europa, o sistema de migração laboral tem sido, até a interrupção da imigração de 1974, sustentado por políticas que tendiam a limitar a imigração somente aos trabalhadores solteiros evitando, assim, os custos associados à manutenção das outras pessoas ligadas aos trabalhadores que não estivessem empregadas e ganhando salários. As mulheres que se juntaram a esses fluxos migratórios desde o início foram confrontadas com a ideologia ocidental dominante, onde o homem é o ganha pão da família e a mulher é dependente. As mulheres migrantes foram assignadas nesse status de dependentes, independentemente de essa dependência ser ou não real (MOROKVASIC, 1984, p. 888).¹³

As primeiras estatísticas sobre o número de migrantes internacionais separados por sexo foram realizadas pela Divisão de População das Nações Unidas em 1998, e compreendem o período de 1965 a 1990 possibilitando, pela primeira vez, o conhecimento da porcentagem de mulheres nas migrações do passado. Assim, sabe-se que em 1960 as mulheres representavam 47% dos imigrantes que viviam fora de seus países de nascimento, passando para 48% em 1990 e, aproximadamente, 49% nos anos 2000, uma porcentagem significativa que confirma a hipótese de que as mulheres sempre estiveram presentes nas migrações internacionais. (ZLOTNIK, 2003).

O termo “feminização das migrações” tem aparecido com bastante frequência na literatura sobre migrações femininas, podendo denominar tanto o aumento substancial da

¹² *Birds of Passage are also women*. MOROKVASIC, 1984.

¹³ In Europe, the labor migration system has been, until the immigration halt of 1974, sustained by policies which tended to limit immigration to single workers only, avoiding thereby the costs attached to maintenance of all other persons related to these workers that were not themselves in waged employment. Women who joined these migration streams from the beginning were confronted with the dominant Western ideology where a breadwinner is a man and a woman a dependent. Female migrants have been assigned to this status of dependent whether this dependency was real or not. (Tradução nossa).

quantidade de mulheres migrantes entre determinadas regiões, como também o surgimento e consolidação de pesquisas e publicações sobre esta realidade.

Vale lembrar, tal como afirmam Donato e Gabaccia (2016), que desde o período da construção do império europeu, as mulheres eram traficadas além-mar em condição de escravidão, variando em sua quantidade segundo a época e o lugar. Mais adiante, no século XIX e início do século XX, a maioria dos migrantes estava composta por colonizadores e assalariados, de modo que os homens eram os primeiros a migrar e as mulheres migravam à medida que as colônias cresciam, equilibrando assim as diferenças entre homens e mulheres. Já no período seguinte, entre 1840 e 1924, predominaram as migrações masculinas voltadas para os trabalhos temporários em construções, plantações e na indústria pesada e, a partir de 1920, houve uma abertura para as migrações com fins de reunificação familiar, ao passo que restringia-se as migrações de trabalhadores masculinos, aumentando, assim, a presença das mulheres e das famílias nas migrações.

Segundo Casas (1997), a partir da década de 1990 já é possível notar nos registros sobre populações a incorporação das mulheres migrantes no mercado de trabalho, aumentando substancialmente sua presença entre a população ativa estrangeira. O Sul da Europa passa a receber cada vez mais correntes migratórias femininas de caráter econômico – ou voltadas para o trabalho – como resultado, em parte, da crescente demanda de seus países por mão de obra que realizasse seus trabalhos de reprodução.

Ao contrário das atividades industriais que são exportadas para outros países mediante a internacionalização de empresas e organizações, os serviços domésticos, de hotelaria e os serviços pessoais não podem ser exportados.

Em definitivo, as mulheres imigrantes realizam de maneira mercantilizada as tarefas necessárias para a reprodução social. Assim, surge uma transferência internacional Sul/Norte do trabalho reprodutivo; processo que é paralelo à transferência das atividades produtivas no âmbito mundial. Nos referimos, portanto, não só à globalização da produção, mas também à internacionalização da reprodução (CASAS, 1997, p. 52).¹⁴

Segundo Casas (1997), as mulheres são mais representadas nas migrações internas que nas migrações internacionais. Esta dificuldade de conceber a mobilidade feminina em longas

¹⁴ En definitiva, las mujeres inmigrantes realizan de manera mercantilizada las tareas necesarias para la reproducción social. Así, se constituye una transferencia internacional Sur/Norte del trabajo reproductivo; proceso que es paralelo al trasvase de las actividades productivas en el ámbito mundial. Nos referimos, por lo tanto, no sólo a la globalización de la producción, sino también a la internacionalización de la reproducción. (Tradução nossa).

distâncias pode estar associada às diferentes representações sociais acerca da figura do homem e da mulher, constituindo, portanto, o ideal social daquele que se desloca por longas distâncias e daquela que permanece, que cuida da casa e da terra.

Assim, entendemos que as mulheres emigrem em distâncias curtas, mas nos custará visualizar a figura de uma mulher só, atravessando mares e fronteiras quando não está acompanhada por um homem que carregue as pesadas malas cheias de ilusões (CASAS, 1997, p. 26).¹⁵

1.2 A INCORPORAÇÃO DO GÊNERO NOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Considerando o objetivo desta pesquisa em analisar as trajetórias laborais de migrantes latino-americanas na Espanha e nossa pretensão de destacar a (in)visibilidade das mulheres nos processos migratórios, faz-se necessária uma breve apresentação do conceito de gênero e da importância de sua incorporação para a análise deste fenômeno. Acrescenta-se, ainda, o enfoque deste estudo sobre as experiências das mulheres migrantes no trabalho doméstico e de cuidados na Espanha, sendo estas atividades laborais tradicionalmente tidas como “femininas”, o que reforça a necessidade de uma articulação entre gênero e trabalho para analisarmos, por exemplo, como ocorre a representação destas mulheres pela *Ley de Extranjería*¹⁶ e, conseqüentemente, a construção de sua cidadania na sociedade de destino.

Como já mencionado anteriormente, a migração das mulheres não foi objeto privilegiado pelas análises sociológicas, tanto no que se refere à sua experiência subjetiva, como também no sentido de pensar o gênero como variável relevante ou mesmo estruturante no processo migratório. Consciente desta invisibilidade, proponho a adoção de uma perspectiva de gênero na presente análise buscando compreender esses aspectos específicos das experiências das mulheres.

A inclusão do gênero surge para mostrar essa outra face das migrações, composta pelas experiências femininas que permaneceram ocultas até algum tempo atrás, o que nos possibilita visibilizar e analisar as migrações ocorridas no passado como também traçar novos olhares e questionamentos acerca das atuais e futuras migrações de mulheres.

¹⁵ A lo más, entenderemos que las mujeres emigren en cortas distancias, pero nos costará sacar a la luz la figura de una mujer sola, cruzando mares y fronteras, si no es acompañada de un hombre que lleve las pesadas maletas cargadas de ilusiones. (Tradução nossa).

¹⁶ *Ley de Extranjería* é o nome dado à Lei Orgânica 4/2000, de 11 de janeiro, sobre Direitos e Liberdades dos Estrangeiros na Espanha e sua Integração Social. Trata-se da norma espanhola que regula a entrada e permanência dos estrangeiros extracomunitários em território espanhol, assim como os direitos e liberdades que lhes são reconhecidos.

[...] a divisão das tarefas produtivas e reprodutivas não foi sempre a mesma ao longo da história e varia segundo os contextos sociais. Todas as sociedades conheceram uma distribuição de tarefas entre homens e mulheres, mas esta distinção em função dos papéis sociais assumidos pelos diferentes sexos não está determinada por uma diferença biológica (CASAS, 1997, p. 7).¹⁷

A distribuição dos papéis sociais para homens e mulheres ocorre de maneiras distintas nas diferentes sociedades, de maneira que uma mesma atividade pode ser considerada masculina em uma sociedade e feminina em outra. Esta associação das tarefas, modos de comportamento, vestimentas, etc., impostos aos indivíduos em função de seu sexo biológico é construída social e culturalmente. Nesse sentido, compreendemos o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21).

A construção social da diferença sexual implica no surgimento de relações de poder entre os sexos, onde o masculino tende a ser mais valorizado que o feminino, e essas mesmas relações sociais de poder que dão lugar às desigualdades de gênero também originam outras formas de desigualdades sociais, tais como as desigualdades baseadas na raça, etnia ou classe social (CASAS, 1997).

Nessa perspectiva, utilizar o gênero como categoria de análise das migrações internacionais é útil porque o mesmo constitui “um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1989, p. 23).

Se gênero é uma construção social que organiza as relações entre homens e mulheres, gênero atravessa e condiciona todos os aspectos da vida social, configurando de maneira diferente as experiências migratórias de cada sexo. Deste modo, a migração desconhece a contribuição da mulher para a economia, política e a vida social (FARIA et al. 2016, p. 3).

Segundo Parreñas (2009), não existe um único caminho para estudar o gênero ou reconhecer as desigualdades de gênero, sendo diversas as compreensões existentes acerca de sua incorporação nos estudos migratórios. Nesse sentido, concordamos com esta autora em seu entendimento de que a simples incorporação do gênero como uma variável a mais que trata somente das diferenças entre o masculino e o feminino não constitui uma análise feminista das

¹⁷ [...] el reparto de las labores productivas y reproductivas no ha sido unívoco a lo largo de la historia y varía según los contextos sociales. En todas las sociedades se ha conocido una distribución de tareas entre hombres y mujeres, pero esta distinción en función de los roles sociales asumidos por los distintos sexos no está determinada por una diferencia biológica. (Tradução nossa).

migrações. Por outro lado, a compreensão do gênero como uma relação de desigualdade entre os sexos visibiliza as experiências generificadas das mulheres, no sentido de que a nós, desde sempre, nos são atribuídas determinadas tarefas e responsabilidades – tais como o cuidado – que encontram-se ligadas no imaginário social ao feminino e não ao masculino.

Inicialmente, a incorporação do gênero nos estudos migratórios foi útil para visibilizar a participação feminina que havia sido, até então, ignorada pelos estudiosos das migrações. Uma vez feito isso, devemos agora direcionar tais estudos ao empoderamento das mulheres, o que só será possível mediante o entendimento de que “o gênero não se refere somente às diferenças sociais entre homens e mulheres, mas sim a uma diferença hierárquica e vertical entre os dois” (PARREÑAS, 2009, p. 2).¹⁸

As desigualdades de gênero entre homens e mulheres encontram-se nas bases das migrações das trabalhadoras domésticas que, por sua vez, resulta em uma relação direta de desigualdade entre as próprias mulheres. Ao mesmo tempo, a divisão internacional do trabalho reprodutivo nos mostra que a entrada das mulheres dos países do Norte no mercado de trabalho ocorre através da contratação de outras mulheres para realizarem o trabalho reprodutivo – trabalho doméstico e de cuidados – tradicionalmente considerado feminino. Assim, as mulheres que participam da exploração global do cuidado, tanto as que fornecem quanto as que recebem o cuidado, compartilham do mesmo peso por serem mulheres, uma vez que a maioria dos homens não se responsabiliza pelo trabalho doméstico e de cuidados.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho não excluiu sua responsabilidade pelo cuidado familiar e trabalho doméstico, causando-lhes uma grande pressão para conciliar o trabalho fora de casa e o trabalho dentro do lar. Soma-se a isso a ausência de políticas de bem estar social voltadas para o trabalho de cuidados por parte dos Estados, o que também contribui para essa necessidade de contratação de trabalhadoras dos países pobres. Por outro lado, a mulher migrante só consegue migrar porque outras mulheres – recompensadas financeiramente ou não – ficam a cargo de seus dependentes, sendo estas geralmente de seu próprio grupo familiar ou mesmo uma empregada doméstica ou babá contratada pela trabalhadora migrante (EHRENREICH; HOCHSCHILD, 2004).

A questão da separação dos filhos e da delegação dos cuidados são evidenciadas pelas migrantes quando perguntamos sobre seus filhos que ficaram nos países de origem, de modo que abrir mão de sua companhia nos primeiros anos da migração aparece como uma estratégia

¹⁸ [...] gender refers not only to social differences between men and woman but that it refers to a hierarchical and vertical difference between the two. (Tradução nossa).

comum entre estas mulheres, para assegurarem sua entrada e permanência no país de destino frente às dificuldades impostas pela *Ley de Extranjería*. Após encontrar trabalho na Espanha e registrar-se como moradora do país, a maioria das imigrantes consegue regularizar sua situação mediante um contrato de trabalho ou casando-se com um nativo. O processo para conseguir a documentação espanhola estabelece que o indivíduo permaneça no país durante três anos, sem sair do território o que, por sua vez, lhe impossibilita visitar sua família enquanto isso. Somente após conseguir a documentação espanhola – o que em determinados casos demora mais do que os três anos previstos na lei – é que as imigrantes iniciam a reagrupação familiar para levarem seus filhos consigo.

No que diz respeito às análises sobre cuidado e maternidade entre as colaboradoras deste estudo, sabe-se que dentre as sete entrevistadas somente uma delas não é mãe e, do total de mulheres que são mães, quatro delas afirmaram contar com o apoio de outras mulheres de seu grupo familiar para cuidar de seus filhos que permaneceram em seus países quando elas migraram. O tema da delegação do cuidado entre as mulheres aparece na fala de duas colaboradoras – Dandara, mãe de dois filhos e Bartolina, mãe de cinco filhos – que tinham filhos/as ainda pequenos/as e que necessitavam de cuidados quando migraram para a Espanha.

[Em relação aos seus filhos, quando você foi para a Espanha, eles ficaram sob os cuidados de quem? Questionamos].

Da família. Ficou com minhas irmãs, com as tias. Cada um ficou com uma tia. Já tinha a ausência do pai, o pai não participou em nada. Essa ausência do pai eu já tinha ela quando morava aí no Brasil (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

[Quando sua filha ficou na Bolívia, quem cuidava dela? Perguntamos].

A sua avó paterna cuidava dela, a deixei com a mãe de seu pai porque não havia com quem mais deixar. Minha irmã também tinha, tem suas obrigações. Não podia lhe deixar mais uma responsabilidade porque era uma responsabilidade minha. Minha filha estava ainda muito pequena (Trecho de entrevista – Bartolina, 53 anos, Bolívia).

Tanto Dandara quanto Bartolina passaram longos períodos de tempo longe de seus filhos, que cresceram sob os cuidados mais próximos de outras mulheres de suas famílias. Dandara, durante todo este tempo que mora na Espanha, dezenove anos exatamente, nunca voltou a morar com seus dois filhos após a migração, de modo que o fato de não possuir nenhum

familiar na Espanha contribuiu para que ela, mesmo após conseguir a dupla nacionalidade, voltasse a trabalhar como doméstica na modalidade interna – em referência à quando a trabalhadora reside na mesma casa onde trabalha, o que exige uma maior disponibilidade de seu tempo. Já Bartolina, mãe de cinco filhos e que mora na Espanha há onze anos, levou sua filha mais nova para morar consigo após oito anos de estarem separadas.

Afirmar que as desigualdades de gênero encontram-se nas bases dos processos migratórios significa dizer que ambas as mulheres, imigrantes e nativas, enfrentam tanto a divisão sexual do trabalho – que estabelece a separação entre trabalhos de homens e de mulheres – de modo que aqueles mais desvalorizados e precarizados são a elas destinados, como também a responsabilidade pelo trabalho doméstico e o cuidado dos filhos, considerando a ausência dos homens nestas atividades. E estas desigualdades de gênero são, ao mesmo tempo, atravessadas por outras desigualdades referentes à raça/etnia e classe social que, neste caso, atingem com mais força o grupo das mulheres imigrantes.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que as migrações de mulheres latino-americanas voltadas para o trabalho doméstico e de cuidados supõem, frequentemente, o movimento de um sistema de desigualdades para outro.

Qual é a situação das mulheres nos países de origem e de recepção das migrações que engendra esta cadeia? Quais são as políticas assistenciais do cuidado em ambos os extremos deste fluxo migratório que também resulta nesta cadeia? Na globalização, as mulheres – tanto nos países pobres como nos países ricos ou nos países de origem e de recepção das migrações – compartilham o duplo fardo de uma carga maior de trabalho dentro e fora de casa (PARREÑAS, 2009, p. 3).¹⁹

A este respeito, Mestre (2005) analisa a situação das mulheres migrantes na Espanha a partir da relação entre gênero e *Ley de Extranjería*, realizando uma crítica feminista ao direito – instituição responsável pela criação de uma lei que não prevê a igualdade de gênero para as mulheres imigrantes. Sabendo que as mulheres dos países do Sul vão para o Norte para realizar “trabalhos de mulheres”, a autora nos chama a atenção para o fato de que esses trabalhos são os que, em primeiro lugar, a sociedade espanhola considera como trabalhos de mulheres. Em outras palavras, por serem considerados trabalhos de mulheres eles são, conseqüentemente,

¹⁹ What is the situation of women in sending and receiving countries of migration that engenders this chain? What is the politics of care work in both ends of the migration stream that likewise results in this chain? In globalization, women – in both poor and rich countries or in both receiving and sending nations of migration – share the double burden of a greater workload inside and outside the home. (Tradução nossa).

mais afetados pela desregulamentação e precarização na sociedade de destino, criando por si só uma situação de desigualdade para as imigrantes recém-chegadas.

[...] as vias diferenciadas de acesso aos direitos que homens e mulheres migrantes utilizam e às quais têm acesso tem a ver com o modo como organizamos as relações entre os sexos. Como categoria jurídico-política, a lei de estrangeira está saturada de gênero, assim como também o está a cidadania (a outra cara da moeda). Assim, a participação que se espera das mulheres é diferente daquela que se espera dos homens e, nesse mesmo processo de atribuição, vai se construindo o gênero (o conteúdo social e cultural atribuído ao sexo) (MESTRE, 2005, p. 140).²⁰

Para esta autora, o modo como a lei que regula a migração na Espanha permite às mulheres imigrantes participarem dos recursos sociais e da cidadania – citando, como exemplo, o processo de reagrupação familiar e a criminalização do tráfico de mulheres – na sociedade de destino ocorre a partir das construções de gênero presentes nessa sociedade, de modo que o direito ao construir a lei, também cria o gênero. Neste sentido, o aspecto generificado da *Ley de Extranjería* materializa-se na compreensão de que qualquer mulher que migre sozinha em busca de autonomia – ou aquelas que não se enquadram no estereótipo por eles esperado para uma trabalhadora doméstica – pode ser considerada uma “vítima” do tráfico ou potencial trabalhadora sexual na Espanha tendo, conseqüentemente, sua entrada ou permanência neste país barrada. Enquanto isso, o homem que migra sozinho é visto apenas como um simples trabalhador, sem que os estereótipos de gênero pesem negativamente no exercício de suas profissões (MESTRE, 2005).

[...] as mulheres migrantes aparecem nos textos jurídicos como *esposas*, como trabalhadoras domésticas ou como vítimas (especialmente de tráfico com fins de exploração sexual). O direito é, não nos esqueçamos, um discurso normativo, que fala do que deve ser, e não do que é; desse modo, mais do que fazerem referência a uma realidade, essas categorias fazem referência a um estado de *ideal* de coisas prescritas que acabam se auto realizando, se auto cumprindo e, de fato, as mulheres migrantes são *esposas*, *trabajadoras domésticas* e, em ocasiões, *vítimas* (MESTRE, 2005, p. 142).²¹

²⁰ [...] las vías diferenciadas de acceso a los derechos que hombres y mujeres migrantes utilizan y a las que tienen acceso tienen que ver con cómo hemos organizado las relaciones entre los sexos. Como categoría jurídico-política, la extranjería está saturada de género, al igual que lo está la ciudadanía (la otra cara de la moneda). Así, la participación que se espera de las mujeres es diferente de la que se espera de los hombres y en ese mismo proceso de asignación se va construyendo el género (el contenido social y cultural asignado al sexo). (Tradução nossa).

²¹ [...] las mujeres migrantes en los textos normativos aparecen como *esposas*, como trabajadoras domésticas o como víctimas (especialmente de tráfico con fines de explotación sexual). El derecho es, no lo olvidemos, un discurso normativo, que habla de lo que debe ser, no de lo que es; de modo que esas categorías más que hacer referencia a una realidad, hacen referencia a un estado *ideal* de cosas prescritas que acaban autorrealizándose, autocumplándose y efectivamente las mujeres migrantes son *esposas*, *trabajadoras domésticas* y en ocasiones *víctimas*. (Tradução nossa).

Partindo destas considerações, vemos como as desigualdades de gênero e de classe presentes na vida das mulheres latino-americanas em seus países de origem fazem com que sejam elas as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos, sem contar com a ajuda dos pais ou de seus parceiros. Do mesmo modo, esta mesma construção de gênero presente na sociedade de destino, ao estabelecer o trabalho doméstico como tradicionalmente feminino – mais precarizado e desvalorizado – contribui para que ocorram as migrações voltadas para o preenchimento destes espaços no mercado de trabalho que, diante da hierarquia do sistema internacional e das consequentes desigualdades entre os países do Norte e Sul globais, são vistos por elas como uma oportunidade para ganhar salários mais altos e melhorarem a vida daqueles que ficam mediante o envio de remessas ou da reagrupação familiar.

1.3 A FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES LATINO-AMERICANAS RUMO À ESPANHA

Durante as últimas décadas houve um aumento das migrações latino-americanas de caráter regional e, principalmente, extra regional. A Espanha aparece como o segundo país, depois do Estados Unidos, mais acessado pelos migrantes latino-americanos, sendo que as mulheres chegaram a compor a maioria desta população a partir da década de 1990. Assim, em 2001, os seis países que mais enviaram mulheres para a Espanha foram República Dominicana, Brasil, Peru, Colômbia, México e Cuba (RICO, 2006).

Segundo a *Organización Internacional de las Migraciones* (2015), a migração rumo à Espanha teve seu ápice durante o período que antecede o momento de crise econômica que começa a surgir em 2008, o que não impediu que as migrações continuassem a crescer, ainda que em menor quantidade. A tabela a seguir representa o aumento da população de origem imigrante na Espanha entre 1998 e 2008, de maneira que em 1998 as mulheres representaram 49,4% do total de migrantes, e um 47,7% em 2008, demonstrando como as migrações femininas tiveram seu ápice durante os anos 1990.

Tabela 1 – Crescimento da população imigrante na Espanha (1998 – 2008)

	1998	2008
Ambos os sexos	637.085	5.300.000
Somente as mulheres	314.824	2.500.000

Fonte: *Organización Internacional de las Migraciones*

No que diz respeito à América Latina, esta continua sendo a região que mais envia mulheres para a Espanha, mesmo durante o período da crise de 2008, “considerando que pelo menos quatro de cada dez mulheres estrangeiras que vive na Espanha atualmente vem dessa região” (IGLESIAS et al, 2015, p. 16).

As mudanças na situação econômica que estão por trás deste aumento das migrações femininas ocorreram tanto nos países de origem, como nos países de destino. Tem-se, por um lado, o impacto das crises econômicas que atingiram a homens e mulheres no contexto das reformas estruturais ocorridas no final do século passado, em quase toda a região da América Latina e do Caribe e, por outro, o notável desenvolvimento econômico da Espanha após sua entrada na União Europeia, na década de 1980 (LADINO, 2011). Junto a este período de expansão econômica surge, portanto, na sociedade espanhola uma extraordinária demanda por mão de obra barata, flexível, feminina e migrante.

Segundo Iglesias et al. (2015), três fatores presentes na sociedade espanhola se inter-relacionam para explicar o aumento de tal demanda. Em primeiro lugar, nota-se a presença de um modelo de crescimento econômico de baixa produtividade baseado na expansão de setores intensivos em trabalho assalariado, que permitiu que alguns setores de trabalho como o da construção, o da exportação de frutas e hortaliças, o de turismo e hotelaria, por exemplo, utilizassem uma mão de obra barata e flexível para aumentar sua rentabilidade e competitividade. Em segundo lugar, vemos que este país passou por um processo de reestruturação produtiva, como resposta às novas condições globais de rentabilidade e de competitividade, culminando em um intenso processo de fragmentação e precarização do trabalho manual assalariado. E, por último, tem-se o surgimento e a consolidação de novas classes médias profissionais urbanas, acompanhadas pela crescente incorporação da mulher no mercado de trabalho, o que gerou, por sua vez, uma reorganização do cuidado e do ócio.

Segundo Casas (1997), o aumento da demanda por trabalhadoras domésticas encontra-se diretamente relacionado à inserção das mulheres espanholas no mercado de trabalho. Esta demanda ocorre em maior quantidade naqueles lares onde as mulheres passam a realizar trabalhos extra domésticos assalariados. O número de mulheres empregadas fora do lar na Espanha aumentou cerca de um milhão e meio entre 1982 e 1992. O serviço doméstico que antes era o setor que mais empregava as mulheres espanholas – até meados dos anos 80 – passou a empregar a maioria das mulheres imigrantes, à medida que as mulheres nativas conseguiram acessar cargos públicos e outros trabalhos mais profissionalizados da escala laboral.

O serviço doméstico utilizou-se, ao longo da história, da mão de obra migrante, mas as migrações internas já não preenchem este segmento laboral. Na verdade, são poucas as espanholas que querem realizar o trabalho doméstico em uma casa alheia. Elas têm suas próprias tarefas reprodutivas que fazer e quase não estão dispostas a realizar as tarefas dos outros, muito menos como internas (CASAS, 1997, p. 199).²²

A inserção das mulheres espanholas no mercado de trabalho possibilitou sua profissionalização, o direito de receber um salário e de ter um acesso maior ao espaço público. No entanto, as desigualdades de gênero ainda fazem com que seu status permaneça inferior ao dos homens: as mulheres não conseguem ter acesso aos cargos de direção e ainda recebem menores salários que eles pela realização do mesmo trabalho (CASAS, 1997). Além disso, sua entrada no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma divisão igualitária das tarefas do lar entre os casais, de modo que essa transferência do trabalho doméstico para as trabalhadoras imigrantes “mascara novamente o mito do igualitarismo marital e da emancipação feminina através do trabalho, enquanto permanecem intactas as estruturas patriarcais do lar e do trabalho” (ARAUJO; SOLIS, 2003, p. 19).²³

No século XX, também houveram oportunidades de emprego público que se abriram para as mulheres nos Estados Unidos, Espanha e outros países. Como já se sabe, esta feminização da força laboral foi seguida pela feminização da força de trabalho global, com as mulheres das nações mais pobres que migram através de continentes e oceanos para fazer as tarefas domésticas abandonadas por outras mulheres. Mulheres privilegiadas dos países ricos puderam, assim, transferir a carga de trabalho de reprodução social a outras mulheres que estão a elas subordinadas por questões de raça, classe, idioma, nacionalidade e cidadania. Assim, o trabalho doméstico segue sendo uma ocupação de gênero, mas que traz consigo novas relações entre os diferentes grupos de mulheres (HONDAGNEU-SOTELO et al. 2011, p. 811).²⁴

²² El servicio doméstico se ha nutrido a lo largo de la historia de migrantes, pero las migraciones internas ya no colman este segmento laboral. En efecto, ya pocas españolas quieren realizar las tareas domésticas en una casa ajena, tienen sus propias labores reproductivas que solventar y están poco dispuestas a realizar las de otros. Y menos como internas. (Tradução nossa).

²³ [...], lo que enmascara nuevamente el mito del igualitarismo marital y de la emancipación femenina a través del empleo, mientras mantiene intactas las estructuras patriarcales del hogar y del trabajo. (Tradução nossa).

²⁴ En el siglo xx, hubo también oportunidades de empleo público que se abrieron a las mujeres en los Estados Unidos, España y otros países. Como ya es bien conocido, esta feminización de la fuerza laboral fue seguida por la feminización de la fuerza de trabajo global, con las mujeres de las naciones más pobres que migran a través de continentes y océanos para hacer las tareas domésticas abandonadas por otras mujeres. Mujeres privilegiadas de los países ricos pudieron, así, transferir la carga de trabajo de reproducción social a otras mujeres que están subordinadas a ellas por cuestiones de raza, clase, idioma, nacionalidad y ciudadanía. Así, el trabajo doméstico sigue siendo una ocupación de género, pero que trae consigo nuevas relaciones entre los diferentes grupos de mujeres. (Tradução nossa).

O trabalho doméstico ao qual nos referimos remete à definição presente na lei espanhola que regula esta atividade. Trata-se do “Real Decreto 1620/2011, de 14 de novembro, que regula a relação laboral de carácter especial do serviço do lar familiar”.²⁵ A lei possui carácter especial por se tratar de um trabalho realizado no âmbito privado da família, envolvendo relações de intimidade e confiança entre empregador/a e empregado/a mas que, ao mesmo tempo, está sujeito aos direitos e deveres presentes no âmbito público das relações contratuais entre os indivíduos. Nesse sentido, vemos como a definição jurídica do trabalho doméstico na Espanha abrange também o trabalho de cuidados para com os membros da família e, especificamente, o cuidado das crianças.

O objeto desta relação laboral especial são os serviços ou atividades prestadas no lar familiar, podendo abranger qualquer das modalidades das tarefas domésticas, assim como a direção ou o cuidado do lar em seu conjunto ou de algumas de suas partes, o cuidado ou atenção dos membros da família ou das pessoas que formam parte do âmbito doméstico ou familiar e outros trabalhos que surjam formando parte do conjunto das tarefas domésticas, tais como o cuidado de crianças, jardinagem, condução de veículos e outros semelhantes (BOE, 2011, p. 5).²⁶

O cuidado dos filhos e da casa continuou sendo uma responsabilidade somente das mulheres, que passaram a contratar outras mulheres imigrantes para trabalharem como empregadas domésticas e babás. As mulheres migrantes passaram a realizar aqueles trabalhos de reprodução que os homens nunca se ocuparam e que agora as mulheres do Norte já não estão dispostas a realiza-los (EHRENREICH; HOCHSCHILD, 2004, p. 3).

Apesar de trabalharem agora fora do lar, as mulheres continuam sendo responsáveis, direta ou indiretamente, pelas atividades domésticas. Aquelas que não dispõem de meios para contratar alguém, realizam uma dupla jornada de trabalho, dentro e fora do lar. Já aquelas que possuem os meios, como no caso das mulheres dos países do Norte, cumprem sua responsabilidade para com o lar mediante a contratação de outra mulher subalternizada em termos de raça, etnia ou nacionalidade. No caso das mulheres imigrantes, o cuidado dos filhos

²⁵ “Real Decreto 1620/2011, de 14 de noviembre, por el que se regula la relación laboral de carácter especial del servicio del hogar familiar”. Esta lei foi publicada pelo Ministério de Trabalho e Imigração no BOE (Boletín Oficial del Estado) nº 277.

²⁶ El objeto de esta relación laboral especial son los servicios o actividades prestados para el hogar familiar, pudiendo revestir cualquiera de las modalidades de las tareas domésticas, así como la dirección o cuidado del hogar en su conjunto o de algunas de sus partes, el cuidado o atención de los miembros de la familia o de las personas que forman parte del ámbito doméstico o familiar, y otros trabajos que se desarrollen formando parte del conjunto de tareas domésticas, tales como los de guardería, jardinería, conducción de vehículos y otros análogos. (Tradução nossa).

durante sua ausência é delegado a outras mulheres pertencentes ao seu mesmo grupo familiar, tais como avós, irmãs e tias.

A feminização dos fluxos migratórios encontra-se, portanto, vinculada às dinâmicas de gênero presentes na sociedade de destino, onde as tarefas domésticas e de cuidado continuam ligadas à figura da mãe e da esposa que, ao serem externalizadas e comercializadas, passam a ser responsabilidade das mulheres imigrantes. Nesse sentido, pode-se afirmar que o mercado de trabalho espanhol apresenta uma segregação ocupacional por gênero, raça e etnia na qual as trabalhadoras imigrantes ocupam as últimas posições da escala laboral, ou seja, os serviços domésticos ou de reprodução (RUBIO, 2000).

Este segmento laboral encontra-se fortemente hierarquizado em função de desigualdades sociais construídas em torno das diferenças baseadas no gênero, na etnia e na raça. O serviço doméstico cumpre não só uma função utilitária de produção de serviços, mas também mantém o aparelho ideológico que legitima as relações de classe no interior do lar e, conseqüentemente, a estrutura social (CASAS, 1997, p. 157).²⁷

As mulheres de origem latina são vistas como aquelas que melhor desempenham as tarefas de cuidado com o outro por carregarem consigo um estereótipo de “criadoras, maternais e amorosas” (HONDAGNEAU-SOTELO, 2011, p. 812). Além da feminização, também ocorre a racialização dos trabalhos de cuidados no contexto das migrações internacionais. Uma série de juízos de valor referentes aos supostos modos de ser e de fazer das mulheres relacionam-se com sua raça ou nacionalidade, de maneira que os atributos de serem carinhosas, pacientes, dóceis e, até mesmo, sensuais concorrem para o surgimento e a consolidação de determinadas ocupações, destinadas exclusivamente para as mulheres imigrantes (SAA, 2014).

Brites (2013), em sua análise sobre o trabalho doméstico, afirma que além de ser um trabalho altamente feminilizado, este também é fruto de um entrecruzamento de desigualdades de gênero, classe, raça, etnia e também de origem geográfica. A feminilização do trabalho doméstico refere-se a que as mulheres são as principais responsáveis por sua realização, mas também aponta que a qualidade deste trabalho esteve, desde sempre, vinculada à capacidade reprodutiva das mulheres. Logo, sua desvalorização advém de sua naturalização como um trabalho da mulher.

²⁷ Este segmento laboral ha estado fuertemente jerarquizado en función de desigualdades sociales construidas en torno a diferencias en base al género, la etnia y la raza. El servicio doméstico cumple no sólo una función utilitaria de producción de servicios, sino que también mantiene el aparato ideológico que legitima las relaciones de clase al interior del hogar y, en definitiva, la estructura social. (Tradução nossa).

Para esta autora, o gênero, a raça e a nação carregam consigo determinados atributos e habilidades que foram naturalizados pelo imaginário social, o que explica, por exemplo, a preferência por criadas “de cor” nos Estados Unidos, fazendo referência às mulheres caribenhas, por aceitarem longas jornadas de trabalho e serem carinhosas com as crianças.

1.3.1 Análise sócio laboral das trabalhadoras migrantes

A inserção laboral da população feminina imigrante na Espanha se dá em trabalhos flexíveis e de baixos salários, como resultado de um processo de concentração étnica nos trabalhos mais elementares da escala laboral. Elas aparecem, assim, representadas nas ocupações mais precarizadas e desvalorizadas como resultado das desigualdades de gênero presentes nesta sociedade, que se vê refletida na diferença salarial entre homens e mulheres (IGLESIAS et al., 2005, p. 8).

Tabela 2 – Salário médio anual por trabalhador/a, sexo e nacionalidade (euros)

Ano 2013	Ambos sexos	Mulheres	Homens
Espanha	23.181,18	19.886,49	26.299,66
Estrangeira	15.651,94	13.520,65	17.325,48

Fonte: Encuesta Anual de Estructura Salarial. Série 2008 – 2013. INE, 2015

Como podemos observar, existe uma hierarquia laboral que afeta duplamente as mulheres imigrantes, que se veem submetidas tanto às desigualdades de gênero quanto às desigualdades de etnia ou nacionalidade, ocupando os piores postos de trabalhos e ganhando os menores salários do mercado laboral espanhol. Assim, os seis setores que mais empregam as mulheres imigrantes na Espanha são o serviço doméstico, as empresas de limpeza, a hotelaria, os empregos administrativos, as trabalhadoras autônomas e as trabalhadoras sexuais (Colectivo IOÉ, 2005). Neste contexto, o trabalho doméstico é também o mais desvalorizado e o que possui os menores salários do mercado laboral espanhol.

A jornada de trabalho fora do lar das trabalhadoras imigrantes é de mais ou menos 46 horas por semana, frente a 28 horas por semana das trabalhadoras espanholas. Uma das explicações para esta situação seria, segundo o *Colectivo IOÉ* (2005), que sua jornada de trabalho fora do lar é maior como consequência da separação dos cônjuges e filho/as, de modo que as mulheres imigrantes que não possuem familiares na Espanha encontram-se, de certa forma, ‘liberadas’ das tarefas do lar que consomem grande parte do tempo das mulheres em

geral, dedicando grande parte de seu tempo para o trabalho fora do lar, tanto na modalidade interna como na modalidade externa por horas.

Apesar das trabalhadoras imigrantes desempenharem um papel significativo na economia espanhola, elas ainda enfrentam grandes dificuldades para serem reconhecidas como sujeitos políticos. A resposta do governo em termos de direitos e cidadania não é adequada se considerarmos que a maioria das imigrantes já sofreu ou sofre várias limitações no exercício de seus direitos laborais e políticos, se comparadas com o resto da população. De acordo com o *Colectivo IOÉ* (2005), é frequente a ocorrência de atitudes, discursos e práticas discriminatórias por parte dos nativos, sejam empregadores ou companheiros de trabalho das mulheres imigrantes. Frente a isso, sua articulação coletiva costuma ser pouca ou inexistente, o que implica em pouco poder de negociação tanto no âmbito laboral como político.

De acordo com pesquisas realizadas nos anos 2000 pelo *Colectivo IOÉ*, 19% das trabalhadoras chegaram na Espanha com uma autorização para trabalhar e outro 7% utilizou-se do direito de reagrupação familiar, que permite a residência mas não dá direito a trabalhar. O restante das imigrantes, ou seja, a maioria delas empregaram-se primeiramente de forma irregular.

[...] o serviço doméstico pode chegar a converter-se para muitas imigrantes em um gueto laboral segregado e aglomerado, onde entraram por necessidade e não por livre escolha e do qual lhes resulta difícil sair (uma em cada cinco o conseguiu, mas a grande maioria permanece nele contra suas aspirações) (*Colectivo IOÉ*, 2005, p. 28).²⁸

A mobilidade ocupacional ascendente das trabalhadoras domésticas é escassa e, quando ocorre, “dirige-se lentamente desde ocupações com menor status (trabalho doméstico, limpezas e hotelaria) rumo às demais categorias laborais (escritórios e conta própria)” (*Colectivo IOÉ*, 2005, p. 37).²⁹ Outro tipo de ascensão ocorre também entre os subsetores, como quando as trabalhadoras internas conseguem passar para o regime externo, ou quando as trabalhadoras externas conseguem trabalhar por horas. Trabalhar como interna significa, para a maioria das mulheres migrantes, abrir mão de seu convívio social e de seu tempo livre, dedicando-se exclusivamente ao trabalho na mesma casa onde se reside. Já a modalidade externa permite à trabalhadora um maior controle sobre seu tempo, podendo assim também trabalhar em mais de

²⁸ [...] el servicio doméstico se puede llegar a convertir para muchas inmigrantes en un nicho laboral segregado y atomizado, al que han entrado por necesidad, no por libre elección, y del que les resulta difícil salir (una de cada cinco lo ha conseguido, pero la gran mayoría permanece en él, en contra de sus aspiraciones). (Tradução nossa).

²⁹ [...] se dirige lentamente desde las ocupaciones con menos estatus (empleo doméstico, limpiezas y hostelería) hacia las demás categorías laborales (oficinas y cuenta propia). (Tradução nossa).

um lugar. No que diz respeito à modalidade externa e por horas, percebemos que apesar da mesma contribuir para uma maior autonomia das trabalhadoras em relação à montagem de seus horários, também implica em abrir mão de seus direitos trabalhistas em troca de uma maior flexibilidade.

O tempo de estadia na Espanha varia para cada regime de trabalho: o tempo médio de estadia é de 6 anos para as trabalhadoras internas, de 7 anos para as trabalhadoras externas e de 8 anos para aquelas que trabalham por hora. Isso significa que com o passar do tempo, aumentam as possibilidades das imigrantes de trabalharem em um subsetor caracterizado por uma maior liberdade (Colectivo IOÉ, 2005).

A inserção das imigrantes no trabalho doméstico constitui, para muitas delas, um processo de mobilidade sócio profissional descendente no contexto receptor frente à posição social que ocupavam em seus países de origem, considerando os casos em que estas mulheres antes trabalhavam como professoras, enfermeiras, comerciantes, secretárias, trabalhadoras de fábricas ou eram estudantes antes de irem para a Espanha (CASAS, 2005).

Casas (2005) trabalha com a noção de estratégia social para explicar o paradoxo da mobilidade sócio profissional descendente das mulheres imigrantes. Aqui, o comportamento estratégico não está necessariamente ligado a uma conduta racional ou a escolhas em função da percepção de seus interesses. Neste caso, as mulheres migrantes adotam uma estratégia voltada para o futuro onde elas sacrificam o presente em nome de maiores ganhos ou uma maior estabilidade no dia de amanhã, ou quando retornem a seus países de origem.

Assim, o processo de declínio ou de estagnação sócio profissional que acarreta a migração para muitas das mulheres que se inserem como empregadas domésticas ou como trabalhadoras sexuais na Espanha poderia ser analisado como parte de uma estratégia social: em nome da projeção da realização de alguns objetivos futuros que explicaria uma situação mais precária e uma mobilidade social descendente no espaço social receptor em comparação com a posição social deixada na comunidade de origem (CASAS, 2005, p. 86).³⁰

Isso demonstra que a realidade que as imigrantes enfrentam na Espanha contraria muitas vezes suas expectativas iniciais acerca dos projetos migratórios e que as estratégias migratórias envolvem, além de projetos individuais, também do tipo familiar, o que explicaria a posição da

³⁰ Así, el proceso de descenso o de estancamiento socio profesional que conlleva la migración para muchas de las mujeres que se insertan como empleadas de hogar o como trabajadoras sexuales en España podría analizarse como parte de una estrategia social: por la proyección hacia el logro de unos objetivos en el futuro, que explicaría una situación más precaria y una movilidad social descendente en el espacio social receptor, en comparación con la posición social dejada en la comunidad de origen. (Tradução nossa).

imigrante como indivíduo que decide renunciar a uma vida mais cômoda para garantir a sobrevivência de outros familiares em seu lar transnacional.

A presença de familiares economicamente dependentes no país de origem pode ser considerada como um indicador de uma migração que responde a estratégias familiares já que implica desde o ponto de vista econômico a vários componentes do lar, ainda que só ocorra o deslocamento de algumas dessas pessoas (CASAS, 2005, p. 87).³¹

As principais estratégias de mobilidade voltam-se para a sobrevivência diária dos membros do lar transnacional, ou seja, para cobrir os gastos com comida e vestimenta; para a conquista de objetivos materiais como a compra de uma casa, comércio ou o consumo de outros bens; e, por último, objetivos de caráter imaterial como, por exemplo, a garantia de estudos para os filhos (CASAS, 2005).

As estratégias de mobilidade individuais, por outro lado, ocorrem no caso das imigrantes solteiras que não possuem nenhum familiar dependente em seu país de origem, podendo voltar-se para objetivos materiais ou imateriais e uma maior independência como mulher, tanto economicamente quanto em relação a um maior acesso ao espaço público. No entanto, ambas as estratégias, familiar ou individual, não se excluem entre si, uma vez que constituem categorias de análise que frequentemente misturam-se na realidade das mulheres migrantes. O mais comum é que as estratégias familiares encubram estratégias individuais e vice-versa.

Claudia Pedone e Sandra Gil Araujo (2016) desenvolveram um estudo sobre as imigrantes de origem dominicana e brasileira que trabalham na Espanha e afirmam que as mulheres latino-americanas são as pioneiras dessas cadeias migratórias, constituindo-se em chefes de seus lares. A distância geográfica presente nas migrações supõe novas formas de organização familiar, obrigando os indivíduos a construir suas famílias à distância. A partir disso, estas autoras questionam “como são mantidos esses vínculos familiares se os membros da família não vivem sob o mesmo teto, muito menos no mesmo país? Quem mantém esses vínculos? Como eles se modificam com o passar do tempo?” Para dar conta destes questionamentos, utiliza-se a perspectiva do cuidado transnacional para entender como ocorre “o intercâmbio de cuidado e de apoio que transcende a distância geográfica e as fronteiras do estado-nação” (ARAUJO e PEDONE, 2016, p. 246).

³¹ La presencia de familiares económicamente dependientes en origen puede ser considerada como un indicador de una migración que responde a estrategias familiares, puesto que implica, desde el punto de vista económico, a varios componentes del hogar, aunque sólo conlleve el desplazamiento de algunos de ellos. (Tradução nossa).

As migrações de mulheres do Sul rumo aos países do Norte para realizarem os trabalhos de reprodução que sua população já não está disposta a realizar nos chama a atenção para um outro tipo de cuidado que emerge dentro das famílias transnacionais. Agora, além da definição do cuidado como uma atividade que requer o elemento face a face entre quem proporciona e quem recebe os cuidados, será necessário incluir essa outra dimensão da distância geográfica que também o constitui e que se materializa nas novas estratégias e no uso de novas ferramentas desenvolvidos pelas/os imigrantes para manter os vínculos com seus entes queridos.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

“Si el estudio de las mujeres no es nuevo, sí lo es su estudio desde la perspectiva de sus propias experiencias, de modo que puedan entenderse a sí mismas y al mundo.”

(Sandra Harding)

Acreditamos que para realizar uma pesquisa satisfatória é importante escolher bem a metodologia e os métodos de modo que estes mostrem-se adequados ao tema da pesquisa e também aos interesses da pesquisadora. Nesse sentido, concordamos com Somekh e Lewin (2015) em que todas essas escolhas se produzem a partir do modo como nós, pesquisadores/as, vemos o mundo.

Durante muito tempo, desde seu surgimento no séc. XIX – com domínio masculino – até finais da década de 1960, a sociologia esteve marcada por debates entre positivistas – ou aqueles que defendem uma sociologia científica e objetiva, e que tratam os seres humanos como objetos – em oposição aos chamados interpretativistas ou defensores de uma sociologia compreensiva que, por sua vez, enxergam os seres humanos como seres reflexivos e consideram, por este motivo, que os métodos devem levar em consideração sua capacidade de interação e também de analisar e atribuir significados às situações.

A concepção tradicional de ciência defende a existência de uma natureza objetiva que a mente humana seria capaz de compreender mediante o uso da razão. Para tanto, os defensores do racionalismo objetivo chegaram a afirmar que somente uma mente livre de fatores como classe, religião, raça, nacionalidade ou gênero seria capaz de compreender essa realidade objetiva. Consequentemente, tanto as emoções como as paixões foram consideradas abordagens não racionais da realidade por este ideal cartesiano da racionalidade (FARGANIS, 1997).

Nesta perspectiva, na qual o objeto das ciências sociais deve ser estudado tal qual o das ciências físicas, a pesquisa é uma atividade neutra e objetiva, que busca descobrir regularidades ou leis, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 2004, p. 17).

O debate entre positivistas e defensores de uma sociologia compreensiva ou interpretativa intensificou-se no final da década de 1960, havendo certa resistência por parte dos positivistas à uma diversificação da sociologia que começava ocorrer nesse contexto,

caracterizado pelo surgimento de vários movimentos de resistência como o “antibelicista, o *Black Power* e a ascensão dos movimentos femininos e de liberação homossexual” (SOMEKH; LEWIN, 2015, p. 33).

Nesse sentido, a sociologia já não podia desconsiderar determinadas questões como as relacionadas ao gênero, à raça e à sexualidade diante da tomada de consciência e das lutas de todos estes grupos historicamente oprimidos pela sociedade.

Partindo da problemática da invisibilidade da mulher, não só na sociologia, mas nos diversos campos da ciência, o feminismo se propõe a chamar a atenção para a ausência das mulheres na história do pensamento social e político, deixando claro como o gênero – entendido como construção social – e suas conseqüentes relações de poder e dominação do masculino sobre o feminino afetam a produção do conhecimento.

2.1 CONSTRUINDO UMA PESQUISA FEMINISTA

Uma das principais críticas feministas à produção de conhecimento, tanto nas ciências naturais quanto nas ciências sociais, dirige-se ao positivismo e à sua tendência a invisibilizar as mulheres e os temas a nós relacionados. De acordo com Henwood e Pidgeon (1995), tal invisibilização ocorre porque a ciência, diferentemente do que defendem os positivistas, não está imune às práticas institucionalizadas que produzem e reforçam os preconceitos de gênero na sociedade. O mesmo ocorre no caso específico da sociologia onde, segundo Smith (1972), à medida que esta encontra-se constituída por conceitos formulados por homens para explicar as experiências e a vida das mulheres, nós nos mantemos alienadas de nossas próprias experiências.

A epistemologia feminista – como teoria do conhecimento – questiona “a maneira em o que gênero influencia nas concepções do conhecimento, na pessoa que conhece e nas práticas de investigar, perguntar e justificar” (GRAF, 2012, p. 22). Nesse sentido, reivindica-se uma ciência que visibilize a vida das mulheres e que seja, ao mesmo tempo, uma ciência para nós emancipadora, tendo em vista que

[...] o viés masculino da investigação social deixou nas sombras a vida das mulheres, deformou nossa ideia das interações e crenças de homens e

mulheres e as estruturas sociais nas quais se produzem esses comportamentos e crenças (HARDING, 1996, p. 76).³²

A presente teoria critica as ideias de objetividade, racionalidade, neutralidade e universalidade presentes nas ciências e destaca, por outro lado, a importância que tem para a produção do conhecimento o ato descrever e considerar o contexto social, histórico, político e cultural em que se realiza a atividade científica. Isso porque a pessoa que conhece, ou que produz conhecimento, encontra-se situada em um contexto histórico, político e social que influencia no modo em que a mesma enxerga e descreve o mundo e os indivíduos ao seu redor.

Nessa perspectiva, a suposta universalidade da ciência mostra-se, na verdade, parcial por basear-se em normas e necessidades masculinas quando deveriam, contrariamente, constituir representações inclusivas de toda a humanidade (GRAF, 2012).

A ciência não pode ser descrita como uma atividade de valor neutro ou exclusivamente objetiva porque os pressupostos subjacentes à ciência em geral, bem como projetos científicos específicos, são sempre definidos pela cultura, política e valores da sociedade (HENWOOD; PIDGEON 1995, p. 8).³³

Partindo deste questionamento, a teoria do Ponto de Vista Feminista ou *Standpoint Theory*, defende que diante de determinadas situações de exclusão ou de não representatividade, – como no caso das mulheres – nada melhor seria que este tipo de conhecimento fosse produzido a partir de nossas próprias experiências. Destaca-se o caráter situado do conhecimento ou, em outras palavras, o fato de que este é produzido sempre desde um lugar ou de posições sociais particulares e a partir das próprias perspectivas e experiências dos/as pesquisadores/as.

Para esta teoria, o conhecimento só será, portanto, menos parcial e distorcido quando produzido a partir da perspectiva dos grupos marginalizados, considerando que os mesmos “podem ter uma visão especial por estarem de fora do modelo patriarcal dominante de pensamento uma vez que podem enxergar aquilo que é invisível desde dentro de tal modelo” (HENWOOD; PIDGEON, 1995, p. 17).³⁴

³² [...] El sesgo masculino de la investigación social ha dejado en las sombras la vida de las mujeres, ha deformado nuestra idea de las interacciones y creencias de hombres y mujeres y las estructuras sociales en las que se producen esos comportamientos y creencias. (Tradução nossa).

³³ Science cannot be described as a value-neutral or exclusively objective activity because the assumptions underlying science in general, as well as particular scientific projects, are always set by the culture, politics and values of society. (Tradução nossa).

³⁴ [...] marginalized groups can have special insight, as outsiders to dominant patriarchal frameworks of thought, since they can see what is invisible from within that order. (Tradução nossa).

Sandra Harding (1996), uma das principais teóricas da *Standpoint Theory*, realiza uma crítica aos fundamentos intelectuais e sociais do pensamento científico, explicando como desde suas origens este tem sido pautado por valores e vieses que são, muitas vezes, difíceis de serem percebidos ou de que sejamos conscientes de sua existência por se esconderem detrás de uma suposta cortina de neutralidade.

Dorothy Smith, outra importante autora da *Standpoint Theory*, questiona a dominação masculina na constituição da sociologia e analisa os problemas que esta ciência apresenta por ser escrita desde o ponto de vista de homens que ocupam lugares de poder ou posições privilegiadas na sociedade. Para ela, nós, mulheres, vivemos em um mundo intelectual, cultural e político do qual fomos quase completamente excluídas de sua produção e organização, sendo reconhecidas apenas como vozes marginais, considerando que “as instituições que encerram a sociologia às estruturas ocupadas pelos homens são as mesmas instituições que prendem as mulheres às situações em que se encontram oprimidas” (SMITH, 1972, p. 8)³⁵.

A publicação da obra “*Another Voice: Feminist Perspectives on Social Life and Social Science*” em 1995, uma coletânea das primeiras críticas feministas às ciências sociais constitui, a este respeito, um avanço nesta área do conhecimento por trazer uma maior valorização do significado social das emoções por parte desses/as cientistas sociais. Destacam-se, neste contexto, as publicações de Arlie Russel Hochschild ³⁶sobre a sociologia das emoções e, mais tarde, sobre o trabalho emocional.

A partir da leitura da obra acima citada, Harding (1996) destaca cinco aspectos problemáticos que dizem respeito às origens do androcentrismo na investigação social, dos quais ressaltamos aqui aquele referente ao modo como as emoções e os sentimentos foram descartados e invisibilizados na produção de conhecimento. Por utilizarem modelos convencionais de definição de campos como, por exemplo, o modelo da racionalidade weberiana, os autores das ciências sociais ignoraram a existência de importantes áreas de investigação, como no caso das emoções, invisibilizando a função que estas desempenham na vida e na estrutura social (HARDING, 1996).

Grande parte da sociologia do século XX foi influenciada pela posição de Max Weber de que a ação racional humana – se verdadeiramente racional – deveria

³⁵ [...] the institutions which lock sociology into the structures occupied by men are the same institutions which lock women into the situations in which they find themselves oppressed. (Tradução nossa).

³⁶ Para mais informações, ver: HOCHSCHILD, Arlie Russel. *The Sociology of Feeling and Emotion: Selected Possibilities*. *Sociological Inquiry*. Vol. 45, Issue 2-3, April 1975, pages 280-307; _____. *The managed heart: commercialization of human feeling*. Berkeley, University of California Press, 1983.

estar desprovida de contexto emocional, e a emoção não poderia ser senão o oposto da racionalidade (SKRBIS, 2008, p. 235).³⁷

O contraste entre razão e emoção existiu com bastante força na tradição filosófica ocidental, onde as abordagens positivistas defendiam que as emoções deveriam permanecer separadas das demais faculdades humanas na produção do conhecimento. Ao serem equiparadas às sensações e ficando restringidas ao campo da fisiologia, as emoções foram vistas como algo corporal, uma espécie de instinto básico dos seres humanos e não como algo socialmente construído.

Nesse sentido, a sociologia de Max Weber, por exemplo, localiza as emoções e as paixões no universo dos impulsos irracionais e da natureza, enquanto outras qualidades como o propósito, o controle e a premeditação constituem a racionalidade, que seria a “realização do propósito individual contra o impulso e a natureza” (BARBALET, 2000, p. 336).

[...] a emoção é entendida por Weber como espontânea, desregrada e desorganizada. A ação racional, portanto, ao perceber os motivos que são mantidos há muito tempo e seriamente considerados, deve ser contra as emoções porque, como Weber explica, as emoções são forças espontâneas impulsivas que distraem a pessoa de seus propósitos. O resultado disso é que a emoção criará desordem nos assuntos humanos, onde a racionalidade “traz ordem à conduta” das pessoas (BARBALET, 2000, p. 336).³⁸

Nesse sentido, Jaggar (1997) critica a supressão das emoções na produção de conhecimento e reivindica o caráter social das mesmas sem excluir, no entanto, a presença das sensações e estímulos fisiológicos de sua constituição. Segundo esta autora, o fato de ensinarmos às crianças aquilo que nossa cultura define como respostas adequadas a determinadas situações já evidencia o caráter social das emoções.

As emoções são, pois, vistas erradamente como respostas necessariamente passivas ou involuntárias ao mundo. Em vez disso, são trajetórias através das quais nos engajamos ativamente e até construímos o mundo (JAGGAR, 1997, p. 166).

³⁷ Much of twentieth-century sociology was influenced by Max Weber's position that human rational action - if truly rational - ought to be bereft of emotional context, and emotion could be nothing else but rationality's opposite. (Tradução nossa).

³⁸ [...] emotion is understood by Weber to be spontaneous, unruly and disorganizing. Rational action, therefore, in realizing motives that are long-held and seriously regarded, must be against emotions because, as Weber explains, the emotions are spontaneous impulsive forces that distract a person from their purposes. The implication is that emotion will create disorder in human affairs where rationality 'bring order into the conduct' of persons. (Tradução nossa).

Uma perspectiva feminista das emoções postula que a produção de conhecimento se dê a partir de uma relação constitutiva entre razão e emoção – e não a partir de uma relação de oposição, tal como aquela defendida pelo positivismo – de modo que em vez de excluí-las em nome de um maior rigor metodológico, as emoções sejam consideradas em interdependência com as demais faculdades humanas, tais como a observação, a razão e a ação, no sentido de que cada uma dessas faculdades reflete um aspecto do conhecimento que é inseparável dos outros (JAGGAR, 1997).

Esta invisibilização das emoções se produz mediante a negação da consciência do sentimento e da emoção como motivo ou causa das ações humanas, como se os mesmos não constituíssem elementos motivadores das ações sociais. Uma das hipóteses levantadas para explicar esta tendência é a de que as emoções estariam relacionadas aos estereótipos de gênero, de modo que “a motivação por sentimentos e emoções conscientes correspondem exclusivamente às mulheres, enquanto os homens estariam motivados pelo cálculo instrumental ou outras considerações racionais” (HARDING, 1996, p. 76).

Outro importante aspecto da vida social das mulheres ignorado pela metodologia tradicional refere-se à noção de que “o pessoal é político”. Apesar dos avanços conquistados pelo feminismo, a metodologia tradicional tende a desconsiderar este questionamento tão importante que surgiu com o movimento pelos direitos e liberdades das mulheres constituindo, também, um slogan desta luta nos anos 1960.

Esta noção advém das discussões levantadas pelas feministas de segunda onda, a partir de 1960, sobre a dicotomia “público/privado” que remete tanto à separação Estado/sociedade, quanto àquilo que se considera doméstico/não doméstico. E é justamente a permanência desta última separação o “que torna possível que os teóricos ignorem a natureza política da família, a relevância da justiça na vida pessoal e, conseqüentemente, uma parte central das desigualdades de gênero” (OKIN, 2008, p. 307).

Ocorre que esta dicotomia articula-se historicamente à divisão do trabalho entre os sexos, onde os homens relacionam-se e aparecem como responsáveis pelas esferas econômicas e políticas, enquanto as mulheres aparecem como responsáveis pelas ocupações próprias da esfera privada ou doméstica, relacionadas à reprodução biológica e social.

[...] desde os princípios do liberalismo no século XVII, tanto os direitos políticos quanto os direitos pertencentes à concepção moderna liberal de privacidade e do privado têm sido defendidos como direitos dos indivíduos; mas esses indivíduos foram supostos, e com frequência explicitamente definidos, como adultos, chefes de família masculinos. Assim, os direitos

desses indivíduos a serem livres de intrusão por parte do Estado, ou da igreja, ou da vigilância curiosa de vizinhos, eram também os direitos desses indivíduos a não sofrerem interferência no controle que exerciam sobre os outros membros da sua esfera de vida privada – aqueles que, seja pela idade, sexo ou condição de servidão, eram vistos como legitimamente controlados por eles e tendo sua existência limitada à sua esfera de privacidade (OKIN, 2008, p. 308).

Assim, vemos como essa histórica distinção entre a esfera doméstica e pública não se aplica na realidade. Determinar que o trabalho doméstico e o cuidado familiar sejam responsabilidades das mulheres remete à estrutura da própria cultura profissional, que parte do “pressuposto de que um profissional tem uma esposa-do-lar, e se beneficia de seu trabalho não remunerado” (SCHIEBINGER, 2001, p. 183). Nessa perspectiva, a dificuldade das mulheres de seguirem carreiras profissionais, tal como o fazem seus parceiros, constitui muito mais uma questão pública que privada.

As narrativas de si tornam-se assim um elemento fundamental no contexto das pesquisas feministas, considerando a experiência das mulheres, como grupo que enfrenta diversos tipos de opressões, o que as diferencia da maioria dos pesquisadores do sexo masculino que, historicamente, não têm se preocupado em visibilizar ou problematizar

[...] as conexões múltiplas entre os papéis domésticos das mulheres e a desigualdade e segregação a que estão submetidas nos ambientes de trabalho, e a conexão entre sua socialização em famílias generificadas e os aspectos psicológicos de sua subordinação (OKIN, 2008, p. 313).

Nossa pesquisa sobre trajetórias laborais de trabalhadoras domésticas na Espanha nos possibilita adentrarmos em um universo marcado pelas emoções decorrentes dos processos migratórios, razão pela qual defendemos o uso de uma metodologia feminista que mostre-se capaz de alcançar a dimensão emocional presente nessas experiências. A importância das emoções para este tipo de pesquisa decorre da própria natureza da migração, “um processo que dissocia as pessoas de suas famílias e redes de amizades assim como de outros referentes socialmente significativos que possuem fortes conotações emocionais” (SKRBIS, 2008, p. 236).

Trata-se de processos complexos e multifacetados que em suas diferentes composições, as migrantes podem defrontar-se com expectativas e frustrações; encontros e distanciamentos; aceitações e discriminações; perdas e superações experimentando, assim, as mais diversas emoções. Soma-se a isto as longas distâncias geográficas, as leis que restringem a mobilidade

humana e o elevado custo dos meios de transportes, dentre outros fatores, que contribuem para que as migrantes passem longos períodos de tempo longe de suas famílias.

[...] as emoções não devem simplesmente ser vistas como um recurso conveniente e ocasional chamado a explicar certas peculiaridades da vida familiar transnacional, mas precisam ser vistas como parte constitutiva da própria experiência familiar transnacional (SKRBIS, 2008, p. 236).³⁹

Por estas razões, concluímos que nossa análise das trajetórias laborais de mulheres imigrantes na Espanha não seria possível se não considerássemos o importante lugar que as emoções ocupam em suas experiências migratórias.

2.2 METODOLOGIA QUALITATIVA

Conforme visto anteriormente, a tradição de pesquisa na sociologia esteve fortemente influenciada pelos princípios de neutralidade e de objetividade decorrentes do Iluminismo, de modo que as metodologias qualitativas só ganharam destaque e legitimidade na sociologia, como nas ciências sociais em geral, com o passar do tempo, enquanto a pesquisa com seres humanos passou a ser vista, acima de tudo, como uma relação entre sujeitos. Consequentemente, também

Os Relatos Orais passaram a serem valorizados, paulatinamente pelas Ciências Sociais, na medida em que se percebeu que comportamentos, valores, emoções permanecem escondidos nos dados estatísticos. [...] Desta forma, os Relatos Orais têm se apresentado como uma valiosa contribuição para os estudos na área de história social e cotidiano das mulheres com especial ênfase na história da família (GONÇALVES; LISBOA, 2006, p. 2).

Reconhecendo, portanto, as interações e trocas de subjetividades que se produzem entre pesquisador/a e entrevistados/as, a pesquisa qualitativa busca uma aproximação mais estreita dos dados, de modo que sua análise seja a mais completa possível. Para isso, a escolha dos métodos qualitativos e técnicas de coleta de dados ocorre sempre de acordo com o estudo que está sendo feito, evidenciando assim a flexibilidade como elemento constituinte deste tipo de pesquisa (MARTINS, 2004).

³⁹[...] emotions should not simply be seen as a convenient and occasional resource called upon to explain certain peculiarities of transnational family life but they need to be seen as constitutive part of the transnational family experience itself. (Tradução nossa).

Aqui, o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método, e não o contrário. Os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana (FLICK, 2009, p. 24).

De acordo com Henwood e Pidgeon (1995), a metodologia qualitativa contribui para os objetivos de uma pesquisa feminista no sentido de que os métodos da entrevista e da observação participante possibilitam um maior envolvimento entre a pesquisadora e as participantes ou colaboradoras, e tal proximidade permite que a pesquisadora perceba as participantes como pessoas e não somente como objetos, reafirmando, assim, a importância da subjetividade tanto da pesquisadora quanto das participantes da pesquisa no processo de construção do conhecimento.

A pesquisa qualitativa tem sido resgatada nas ciências sociais, por considerar que ela abarca uma relação inseparável entre o mundo natural e o social, entre o pensamento e a base material, entre a ação de homens e mulheres enquanto sujeitos históricos e as determinações que os condicionam, entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos pesquisados. Esta forma de abordagem tem sido valorizada, uma vez que trabalha com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofunda um lado não perceptível das relações sociais e permite a compreensão da realidade humana vivida socialmente [...] Também são indispensáveis para compreender fenômenos que se manifestam em longos intervalos de tempo – como o caso de trajetórias de mobilidade social ou mudanças geracionais (GONÇALVES; LISBOA, 2006, p. 1).

Não se trata aqui de afirmar que a metodologia qualitativa é por si só emancipatória. Tal característica surge a partir da possibilidade de conhecer as experiências das mulheres contadas por elas mesmas, o que responde ao objetivo central de uma pesquisa feminista referente à produção de conhecimento para as mulheres no lugar de produzir um conhecimento somente sobre as mulheres.

A objetividade e a ética defendidas pela pesquisa feminista referem-se à produção de uma escrita reflexiva ou pessoal de modo a desmascarar o mito da objetividade científica tal como é postulado pelo positivismo. Esta escrita reflexiva seria, assim, aquela capaz de revelar as influências pessoais e sociais que, inevitavelmente, desempenham um papel na produção do conhecimento constituindo, nesse sentido, as bases de uma pesquisa mais completa, satisfatória e objetiva desde o ponto de vista feminista (HENWOOD; PIDGEON; 1995).

Como exemplos de subjetividades que podem comparecer em uma escrita do tipo reflexiva temos:

[...] as visões privilegiadas dos/das participantes da pesquisa, as suposições pessoais, os compromissos e valores do/a pesquisador/a, e os pressupostos culturais mais amplos que estabelecem agendas e estruturas para a compreensão (HENWOOD; PIDGEON, 1995, p. 12).⁴⁰

Considerando a complexidade do fenômeno migratório, utiliza-se a pesquisa qualitativa com o objetivo de analisar, por meio da aplicação de questionário⁴¹ e da realização de entrevistas semiestruturadas, a experiência particular de cada mulher imigrante de modo a compreender também as possíveis dinâmicas vividas pelo grupo como um todo. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa mostra-se adequada para os objetivos de uma pesquisa feminista sobre as migrações por utilizar entrevistas em profundidade, observação participante e histórias de vida, o que também privilegia a tradição oral das mulheres. Sobre isso, Terragni (2005, p. 154) afirma que “a metáfora da voz – do escutar, do ouvir e do falar – tem um lugar de primeiro plano na investigação feminina.”

Para tanto, pretende-se conhecer sobre os acontecimentos passados e presentes da experiência de vida destas mulheres, tanto em seus países de origem como de destino e analisar sob quais condições ocorre sua inserção e permanência no mercado de trabalho espanhol. Entendemos que as possibilidades de um estudo qualitativo, quando se trata de conhecer trajetórias de vida em profundidade, torna-se o melhor caminho a percorrer para atingir tal objetivo.

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 1999, p. 80).

Algumas situações apresentam complexidades que não podem ser analisadas mediante o uso de outras metodologias que não a pesquisa qualitativa, como é o caso das emoções ou os

⁴⁰ [...] the (insider) views of research participans, the personal assumptions, commitments and values of the researcher, and the wider (often tacit) cultural assumptions which set agendas and frameworks for understanding. (Tradução nossa).

⁴¹ Em anexo.

significados que as protagonistas dão às suas próprias experiências a partir do modo como se sentem. Nessa perspectiva, a metodologia qualitativa mostra-se adequada para a compreensão de aspectos psicológicos presentes nesse tipo de narrativas, tais como as atitudes, as motivações, expectativas e valores (RICHARDSON, 1999).

2.2.1 O método biográfico: os relatos orais como meio de reconstrução de trajetórias laborais

Optamos por analisar as migrações de mulheres latino-americanas na Espanha a partir de suas trajetórias laborais, entendendo que a migração, para a maioria dessas mulheres, significa a busca por uma vida melhor para si e para suas famílias através do trabalho. Como ponto de partida desta análise, consideramos a hipótese de que o que levou estas mulheres migrantes a trabalharem como cuidadoras e empregadas domésticas na Espanha, foi a articulação entre as categorias de gênero, raça/etnia, classe e nacionalidade, condicionando sua entrada em segmentos específicos do mercado de trabalho e influenciando seu processo migratório em geral.

Concordamos com Sayad (1998) em que trabalho e imigração encontram-se inter-relacionados, no sentido de que os/as imigrantes existem porque existem trabalhos a eles/as destinados.

Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. [...] E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes (SAYAD, 1998, p. 54 – 55).

A Trajetória de Vida aparece como um desdobramento da Biografia e da História de Vida, referindo-se a “um determinado percurso, itinerário ou ciclo que desperta o interesse do pesquisador” (GONÇALVES; LISBOA, 2006, p. 6). A Biografia, segundo Bourdieu (2006), é o relato de uma vida, a história dessa vida contada por alguém que, no caso de ser o próprio

indivíduo, passa a chamar-se autobiografia. Significa, nesse sentido, compreender a vida como um conjunto de acontecimentos de uma existência individual, de modo que isso constitua uma história e também a possibilidade do relato dessa história.

É exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas [...] isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a “mobilidade”), que tem um começo (“uma estreia na vida”), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (BOURDIEU, 2006, p. 183).

Ao produzir uma história de vida, de acordo com este autor, o sujeito sempre a elabora a partir do modo específico que escolheu naquele momento para acessar e organizar suas memórias daquilo que já viveu, de sorte que a mesma história, provavelmente, não será contada duas vezes exatamente do mesmo jeito ou com as mesmas palavras. Por isso Bourdieu (2006) chama a atenção para o fato de que as biografias ou histórias de vida são, sob este aspecto, também ilusões, considerando que a história elaborada pelo indivíduo não é, necessariamente, um relato exato e preciso de todos os acontecimentos de sua vida, mas sim um relato que é construído a partir daqueles elementos, lembranças, e experiências que lhe parecem significativos e que aparecem, portanto, dotados de uma coerência.

A aceitação por parte do biógrafo do relato de uma vida como uma sucessão longitudinal dos acontecimentos leva “à construção da noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2006, p. 189).

Todos esses elementos citados por Bourdieu encontram-se presentes nos processos migratórios que, em nosso caso, são observados a partir da questão norteadora do trabalho, tanto aquele que as mulheres latino-americanas realizavam antes de migrar como o que realizam agora, constituindo suas trajetórias laborais. Nesta perspectiva, observando nosso objetivo de analisar o trabalho doméstico das imigrantes na Espanha, acreditamos que

[...] as trajetórias sócio ocupacionais irão mostrar a dificuldade de ascensão na escala da mobilidade social, e ao mesmo tempo apontar a multiplicidade de funções assumidas por estas mulheres, sujeitos múltiplos, que ocupam sucessivamente diferentes tipos de ocupações no espaço social (GONÇALVES; LISBOA, 2006, p. 3).

Além destas contribuições, a trajetória de vida também nos possibilita conhecer e aprofundar as histórias individuais de cada migrante entrevistada, assim como estabelecer as semelhanças e diferenças presentes em seus processos migratórios, considerando a heterogeneidade deste grupo no que diz respeito às suas diferentes nacionalidades, costumes, ideias e valores.

2.2.2 Método *Snowball* e pesquisa no ambiente virtual

Diante da impossibilidade de um encontro *vis-à-vis* com as participantes deste estudo, como resultado da distância geográfica que nos separa, e reconhecendo a importância que as novas práticas comunicacionais através da Internet desempenham nas migrações contemporâneas, adotamos o uso das mesmas para entrar em contato com nossas colaboradoras e entrevista-las. Para isso, optamos pela aplicação de um questionário online, em primeiro lugar, contendo perguntas mais objetivas, a apresentação da pesquisa, assim como o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) onde as colaboradoras tinham a opção de concordar com seu preenchimento e posterior realização da entrevista.

As entrevistas foram realizadas através de chamadas de vídeo pelo WhatsApp Messenger, um aplicativo de troca de mensagens instantâneas via internet que constitui, atualmente, uma das plataformas de comunicação online mais utilizadas pelas imigrantes para entrarem em contato com suas famílias e amigos ao redor do mundo. Como nossa pesquisa abrange diversas nacionalidades latino-americanas, desenvolvemos questionários em português e em espanhol, assim como as entrevistas, que também foram feitas em um ou outro idioma segundo a nacionalidade da entrevistada.

Uma vez definida a metodologia qualitativa como aquela que daria direção ao estudo, fez-se necessária a escolha de um caminho que nos possibilitasse um contato inicial com as informantes ou o campo em si, que muitas das vezes nos é estranho. Entendendo as informantes como colaboradoras neste estudo e reconhecendo o processo de interação que tem como sujeito também a pesquisadora é que escolhemos o método do *snowball sampling* ou “bola de neve”, que consiste em coletar informações das participantes através de cadeias de referências, objetivando adentrar-nos em sua rede de amigas e conhecidas que já realizaram ou realizam o trabalho doméstico remunerado na Espanha.

Para isso, partimos do pressuposto da existência de uma rede de contatos e de solidariedade entre as mulheres imigrantes de origem latino-americana que vivem e trabalham

em diferentes cidades desse país. Para verificar tal hipótese e estabelecer o contato com essa possível rede, contamos com a colaboração de duas mulheres, de nacionalidades brasileira e hondurenha, que vivem nesse país há mais de quinze anos.

O método *snowball* é uma forma de amostra não probabilística que funciona mediante um contato inicial com algumas informantes para que estas, posteriormente, possam indicar novas informantes que correspondam ao perfil da pesquisa e, assim, sucessivamente. Trata-se de um método bastante utilizado em pesquisas que se ocupam de assuntos delicados ou de difícil acesso para quem não faz parte do grupo estudado (BIERNACK; WALDORF, 1981).

De acordo com Vinuto (2014), a técnica *snowball* requer um primeiro contato com um ou mais informantes, também chamados de “sementes”, que seriam aquelas pessoas que possibilitariam o arranque da pesquisa através de indicações sobre novos informantes. Não obstante, tem-se a possibilidade de que nem sempre as pessoas indicadas atuem como fontes válidas para a coleta de informações, no sentido de que

[...] algumas áreas que teoricamente produziriam um grande número de entrevistados podem vir a ser falsos pontos de partida ou produzir poucos entrevistados em relação ao esforço necessário para obter acesso para iniciar novas correntes (BIERNACK; WALDORF, 1981, p. 148).⁴²

Assim, ao se esgotar uma fonte inicial ou mesmo quando os informantes indicados não aceitam participar, será necessário acessar uma nova fonte ou “semente” que possa reestabelecer uma outra cadeia de referências.

Por outro lado, tem-se como aspecto positivo deste método o fato de funcionar através das redes de informantes, o que possibilita uma maior heterogeneidade entre os participantes, mediante o acesso a grupos variados ou que vivem em diferentes regiões (BALDIN; MUNHOZ, 2011). A adoção deste método para esta pesquisa foi, portanto, estratégica considerando que o grupo de imigrantes que se deseja estudar pode apresentar diversas nacionalidades e habitar diferentes regiões da Espanha. Além disso, como um dos objetivos da investigação consiste em visibilizar a existência de uma rede de contatos entre as mulheres imigrantes, foi importante que as participantes desta pesquisa fossem indicadas pelas próprias trabalhadoras imigrantes.

Como critério de recrutamento, escolhemos duas mulheres imigrantes com as quais convivemos durante nossa própria experiência migratória na Espanha, Dandara e Visitación, de

⁴² [...] some areas that theoretically would be expected to yield a high number of respondents may turn out to be false starts or yield too few respondents relative to the effort required to gain access in order to initiate new chains. (Tradução nossa).

diferentes nacionalidades – a primeira do Brasil e a segunda de Honduras – que relataram suas trajetórias como trabalhadoras imigrantes e evidenciaram a existência de uma rede de contatos e de solidariedade que se estabelece entre os/as imigrantes e que atua tanto no momento da partida como também após a chegada na Espanha, indicando-nos familiares e amigas para participarem desta pesquisa.

É importante destacar que nem todas as mulheres indicadas por Dandara e Visitación aceitaram participar da pesquisa ou realizar a entrevista de modo que, ao esgotarem-se estas fontes obtidas através da bola de neve, optamos por procurar novas colaboradoras para dar continuidade à pesquisa através de sites de redes sociais, mais especificamente em comunidades do Facebook. Para isto, procuramos neste site de rede social por comunidades de imigrantes de diversas nacionalidades latino-americanas que se encontram na Espanha.

Após a aceitação para participar dessas comunidades – tendo em vista que a maioria delas não são abertas ao público – publicamos um anúncio em forma de comentário contendo as informações da pesquisa assim como o perfil da pesquisadora. Neste caso, pensamos que a apresentação da pesquisadora como alguém que já viveu na Espanha como imigrante contribuiu para a aproximação e o interesse em participar das novas colaboradoras.

Isso pode ser particularmente interessante no campo dos estudos de migração, quando o/a pesquisador/a é um expoente de um grupo minoritário, um “forasteiro”, um outro, que pesquisa outros grupos minoritários, outros forasteiros, outros “outros” (DE TONA, 2006, p. 2).⁴³

Conforme afirma esta autora, possuir uma experiência de migração nos posiciona na pesquisa qualitativa de uma maneira particularmente interessante e reveladora. Em nosso caso, tal afirmação evidencia-se tanto através do modo como se deu o primeiro contato com as colaboradoras Dandara e Visitación como, posteriormente, através da busca por comunidades de imigrantes no site de rede social Facebook, que surgiram a partir de nosso conhecimento resultante do processo migratório.

Por outro lado, estamos cientes de que assim como o fato de ser mulher e imigrante pode significar uma maior aproximação das colaboradoras em alguns momentos, em outros isso não necessariamente significa o mesmo. Consideramos que outros marcadores – além do gênero e da condição de haver sido imigrante – estão também em jogo, tais como a raça/etnia,

⁴³ I think when migrants research migration, they bring to it an insight that the person who did not experience migration in a same way, doesn't, or a person who has experienced migration but does not consider herself a migrant, does. (Tradução nossa).

nacionalidade, idade, classe social ou mesmo o fato de ser membro da universidade. Todas essas questões influenciam, portanto, no modo como as colaboradoras enxergam a pesquisadora.

Nesse sentido, explicitar desde o início que já havíamos vivido como imigrante na Espanha pode ter contribuído para uma maior identificação e simpatia por parte das colaboradas para que nos contassem suas histórias de vida e experiências laborais. Em contrapartida, percebemos como a questão da idade e de não ter filhos também nos distanciou em alguns momentos destas mulheres no referente às experiências de vida, uma vez que todas elas situam-se entre os trinta e cinquenta anos e são mães, em sua maioria.

A existência de comunidades de várias nacionalidades latino-americanas no Facebook demonstra como os/as imigrantes criam e ocupam “diferentes espaços como sites, blogs, sites de redes sociais, etc., para um “falar de si” e de suas experiências migratórias, assim como para a geração de dinâmicas de interação e conversação” (COGO, 2015, p. 92).

De acordo com esta autora, existe uma distinção entre o conceito de rede social e site de rede social. O primeiro refere-se a um grupo de atores que utilizam determinadas ferramentas para publicar suas conexões e interagir, enquanto o segundo diz respeito ao espaço técnico que proporciona a emergência dessas redes. Nesse sentido, o Facebook constitui um site de rede social que funciona como uma espécie de ferramenta que possibilita a publicação e a construção de redes sociais que, por sua vez, “são as estruturas dos agrupamentos humanos que se constituem pelas interações que os grupos sociais constroem” (COGO, 2015, p. 94).

Compreendemos que a presença das mulheres imigrantes e sua apropriação destes espaços virtuais situa-se no contexto daquilo que Castells (1999) chama de “sociedade em rede”, onde

[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura, como os personalizando ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela (CASTELLS, 1999, p. 40).

Todas estas transformações resultantes do processo de globalização e da revolução das tecnologias comunicacionais e de transportes produzem impactos não só na vida das imigrantes, mas também nos pesquisadores/as, que passam a ter a possibilidade de “acompanhar ativamente

os câmbios tecnológicos analisando as suas implicações socioculturais para as relações e os universos simbólicos e materiais das pessoas que estuda” (SANCHEZ, 2017, p. 27).

Nessa perspectiva, uma pesquisa qualitativa realizada em ambiente virtual apresenta um olhar sensível a estes novos aspectos relacionados ao uso de aplicativos de comunicação e sites de redes sociais pelos imigrantes como, por exemplo, o surgimento de outras percepções de tempo e de espaço referentes à possibilidade de “estar aqui e lá ao mesmo tempo”, não fisicamente, mas por meio de um tipo de pertencimento que torna-se possível através do compartilhamento constante de imagens, vídeos e sentimentos entre os que foram e os que ficaram.

Não seria, portanto, de todo incomum que os/as pesquisadores/as também se utilizassem destas mesmas ferramentas – incorporadas quase que massivamente na vida dos/as imigrantes – para estabelecer esse contato e explorar um pouco mais acerca de suas experiências. Não se trata aqui de descartar as formas clássicas de fazer pesquisa, mas sim de incorporar as novas possibilidades de acessar e analisar um fenômeno tão complexo e dinâmico como o das migrações.

Assim sendo, concordamos com Sanchez (2017) em que as tecnologias digitais de comunicação também incidem na constituição dos instrumentos metodológicos dos/as pesquisadores/as, de forma que os mesmos são reavaliados conforme os mecanismos modernos que dispomos para depositar e transmitir a informação.

2.3 APRESENTAÇÃO DAS COLABORADORAS

As sete mulheres imigrantes que dão vida a este trabalho representam seis países da América Latina: Honduras, Nicarágua, Peru, Bolívia, Brasil e Paraguai. Os nomes utilizados para suas apresentações e identificação ao longo da pesquisa – visando preservar suas identidades – não foram inventados aleatoriamente, mas escolhidos a partir de outras mulheres que são consideradas grandes lutadoras e importantes figuras históricas em seus países de origem. Adotamos este critério de escolha dos nomes como uma forma de homenagear algumas das mulheres que possuem uma importância histórica para os países de cada uma das participantes, alinhando este feito com nossa busca por visibilizar o protagonismo das mulheres ao longo da história.

Visitación⁴⁴

Visitación é hondurenha, tem 32 anos, vive na Espanha há 14 anos e possui a documentação do país. É solteira, não tem filhos e sua família – irmã, mãe e avô – vive em Honduras. As poucas oportunidades de trabalho, os salários baixos e a delinquência fizeram com que Visitación deixasse seu país, onde trabalhava como assessora de crédito, para trabalhar na Espanha como doméstica e cuidadora. Sua rede de apoio para migrar deu-se através de uma amiga de sua cidade natal que já morava na Espanha, e que também lhe ajudou a conseguir seu primeiro emprego em um bar. Depois disso trabalhou como cuidadora de duas crianças na modalidade interna durante mais de dez anos.

Quando chegou na Espanha, Visitación era ainda muito jovem e o sentimento de solidão foi muito forte por encontrar-se sozinha em um país onde passava a maior parte do tempo no trabalho, o que também a deixava frustrada por não poder se divertir e fazer o mesmo que o resto das pessoas de sua idade. Somente depois de oito anos Visitación conseguiu retornar a Honduras e rever sua família. Ela, assim como a maioria das imigrantes, trabalha para enviar-lhes todos os meses uma quantidade de dinheiro. Em seu caso, ela não tem filhos mas envia o dinheiro para sua mãe, que graças à isso já tem sua casa própria e também entrou na universidade.

Apesar de sentir saudades e tristeza por estar longe, Visitación também vive mais tranquila por pensar que a qualidade de vida de sua mãe está um pouco melhor que antes, de maneira que ela não pretende voltar a viver em Honduras, mas gostaria poder visita-los com mais frequência. Infelizmente a situação financeira que tem na Espanha e a impossibilidade de ficar sem trabalhar constituem os principais obstáculos para que isso aconteça. Passados esses dez anos em que Visitación viveu só na Espanha, ela mudou-se recentemente para a mesma cidade onde estão suas primas, estando agora mais feliz por ter sua companhia.

Dandara⁴⁵

⁴⁴ Visitación Padilla (1882 – 1960) nasceu em Talanga, Honduras. Foi professora de educação infantil e ativista feminista que, dentre outras coisas, organizou as associações mútuas de Honduras; fundou, em 1924, a “*Sociedad Cultural Femenina*”, onde liderou um vasto grupo de mulheres na luta por seus direitos; autora de diversos escritos pedagógicos, literários, políticos, feministas e jornalísticos. Foi por causa de seu trabalho que o Estado hondurenho reconhece o segundo domingo de maio como o dia dedicado às mães, contribuindo também para que em 1954 fosse outorgado às mulheres o direito ao voto. Visitación é assim considerada uma das mulheres mais importantes de seu país durante o século XX.

⁴⁵ Dandara foi uma das lideranças femininas que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII. Apesar de não haver registros do local de seu nascimento, acredita-se que nasceu no Brasil e estabeleceu-se no Quilombo dos Palmares ainda menina. Dandara não se encaixava nos padrões de gênero que ainda hoje são impostos às mulheres. Plantava, trabalhava na produção da farinha de mandioca, aprendeu a caçar e também a lutar capoeira, empunhar armas e, quando adulta, liderou as falanges femininas do exército negro palmarino. Foi também esposa de Zumbi, com quem teve três filhos e a quem auxiliou nas estratégias e planos de ataque e defesa do Quilombo

Dandara é brasileira, tem 50 anos e vive na Espanha há 19 anos. Atualmente possui a nacionalidade espanhola e mora em Madrid, apesar de ter vivido a maior do tempo em Valencia. É solteira, não possui nenhum outro familiar na Espanha e é mãe de dois filhos já adultos que moram no Brasil. Nasceu em Porangatu, cidade do interior de Goiás, onde estudou até a oitava série e casou-se com o pai de seus filhos. Nessa época, ela trabalhava como auxiliar em um salão de beleza e também vendia roupas. Após sofrer violência física por parte de seu ex-marido, Dandara decidiu então por separar-se.

Depois disso mudou-se para Goiânia, onde trabalhou em uma confecção e em alguns restaurantes. Como o que ganhava não era suficiente para sobreviver, Dandara decidiu migrar para a Espanha. À época, ela contou com a ajuda de uma amiga de sua cidade natal que já morava na Espanha e que se dispôs a leva-la consigo. Elas moraram juntas durante dois anos até que Dandara se adaptou melhor ao novo país e, a partir daí, começou a construir sua própria rede de contatos. Seus dois filhos ficaram sob os cuidados de duas tias, irmãs de Dandara e também da avó, aqui no Brasil.

Sempre trabalhou como doméstica na Espanha, fazendo limpezas em casas, bares e restaurantes, como cuidadora de crianças e idosos e também como ajudante de cozinha e garçoneiro. Atualmente trabalha em uma casa onde é responsável por todas as atividades domésticas e também pelo preparo da comida. Ela trabalha como interna, – modalidade onde a trabalhadora vive na mesma casa em que trabalha – o que dificulta a definição exata de seu horário de trabalho, de modo que ela trabalha até mais tarde e sempre acorda cedo no outro dia para repetir a mesma jornada.

Depois de tantos anos vivendo na Espanha, Dandara lamenta pelo tempo que passou longe de sua família mas entende, por outro lado, que ir para a Espanha foi a única saída que tinha à época para sobreviver e cuidar de seus filhos, mesmo que fosse à distância. Ela considera que ficar longe dos mesmos contribuiu para que o carinho que antes havia entre eles se perdesse, e também por isso acredita que os benefícios econômicos não superaram os custos emocionais do processo migratório. Ela conta como é difícil ser feliz estando longe da família e, ao mesmo tempo, trabalhando em algo tão duro como é o trabalho doméstico. Mas, por outro lado, ao olhar para trás em sua trajetória como mulher migrante, Dandara reconhece que hoje se sente mais confiante que antes, considerando-se capaz de fazer qualquer coisa, e também afirma que não pretende retornar ao Brasil para viver.

dos Palmares. Dandara suicidou-se depois de presa, em seis de fevereiro de 1694, para não voltar à condição de escravizada.

Micaela⁴⁶

Micaela é peruana, tem 48 anos, vive na Espanha há 9 anos e possui a documentação do país. É casada, tem dois filhos e uma filha e mora em Cantabria junto ao seu marido, seus três filhos e um neto. A rede de contatos que possibilitou sua migração foram duas irmãs de seu marido que já moravam na Espanha. Diferentemente da maioria das entrevistadas, quem migrou primeiro foi seu marido junto com seu filho mais velho. Depois foram Micaela, seu filho do meio e sua filha mais jovem. No começo, Micaela não queria migrar para a Espanha porque, segundo ela, sua situação no Peru não era assim tão ruim, uma vez que ela era dona de uma academia de esportes e também de sua própria casa. No entanto, para que a família permanecesse unida ela acabou cedendo a migrar, mas com a condição de que seus outros dois filhos também fossem. A situação na Espanha foi mais difícil do que ela imaginava, tendo que enfrentar a falta de trabalho, os empregos precários e mal pagos, assim como as situações de violência e discriminação sofridas por ser imigrante. Assim como a maioria das imigrantes latino-americanas, Micaela já trabalhou como ajudante de cozinha em um bar, como doméstica em casas particulares e, atualmente, ela trabalha como babá de duas crianças e como doméstica para a mesma família. Após sua chegada na Espanha, Micaela teve que passar por diversas cirurgias devido à um problema que tem nos olhos, o que não lhe permite mais realizar trabalhos duros que comprometam sua saúde. Por este motivo e pela sua idade, ela afirma que não pensa voltar a viver em seu país de origem pelo medo de não encontrar trabalho.

Marielle⁴⁷

⁴⁶ Micaela Bastidas Puyucahua (1745 – 1781), filha de mãe indígena e de pai espanhol, foi uma valente lutadora peruana na independência hispano-americana. Esposa de Tupac Amaru – e também sua principal conselheira durante a revolução – foi um exemplo de determinação e coragem por defender seus ideais de liberdade e justiça. Morreu de forma cruel e despiada nas mãos dos espanhóis, convertendo-se assim em um símbolo e em uma lenda da luta americana contra a exploração colonial. Também considerada o motor da revolução, Micaela reuniu exércitos, escreveu proclamações e conseguiu somar à causa revolucionária a padres, vizinhos de prestígio e a numerosos caciques. Antes de morrer proferiu os seguintes dizeres “*Por la libertad... no verá florecer a mis hijos*”.

⁴⁷ Marielle Franco nasceu no Complexo da Maré, na cidade de Rio de Janeiro em 27 de julho de 1979. Foi uma importante mulher negra, socióloga, feminista e política brasileira que lutou pela defesa dos direitos das mulheres, da população negra e da comunidade LGBT durante sua trajetória. Foi eleita vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL (2017 – 2020) sendo também a quinta parlamentar mais votada nessa cidade. Em 1998, Marielle deu à luz sua primeira e única filha, ano em que também perdeu uma de suas melhores amigas, vítima de uma bala perdida em um confronto entre policiais e traficantes da Maré. Em 2002 começou o curso de Ciências Sociais e após terminar, realizou também um mestrado em Administração Pública onde defendeu a dissertação intitulada “UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança do Estado do Rio de Janeiro”. Marielle criticava a intervenção federal que se estabeleceu no Rio de Janeiro em 2018, denunciando os constantes casos de abusos e assassinatos da Polícia Militar contra pessoas pobres e inocentes nas comunidades mais pobres do Rio. Marielle foi assassinada no dia 14 de março de 2018 quando voltava de um encontro com outras mulheres negras. Até hoje não se sabe quem mandou matar Marielle.

Marielle nasceu em Anápolis, Brasil. Tem 49 anos, vive em Barcelona, na Espanha, há sete anos e possui a documentação espanhola. É mãe de dois filhos, mas nenhum deles mora com ela. Seu filho mora nos Estados Unidos junto à sua mãe, e sua filha mora no Brasil. Marielle estudou até o ensino fundamental no Brasil, casou-se aos 17 anos e ficou viúva aos 28, quando era então dona de casa. Logo, teve uma floricultura e mais tarde conseguiu ter sua própria casa, que alugava para ter sua renda. Marielle foi à Espanha pela primeira vez para visitar sua irmã que já vivia ali há dez anos. Foi então quando ela conheceu seu atual companheiro em Barcelona e decidiu casar-se e ficar para morar. Para sobreviver, ela começou a trabalhar como doméstica e cuidadora de um senhor mais velho, até que ele veio a falecer três anos depois, motivo pelo qual ela passou a trabalhar como doméstica para o filho de seu antigo chefe.

Quando decidiu migrar para a Espanha, Marielle contou com o apoio de uma rede de amigos e familiares. Seu objetivo era ter uma melhor qualidade de vida que a que tinha no Brasil, motivo este também que a fez levar seu neto – filho de sua filha – ainda pequeno para morar consigo em Barcelona. Ela afirma que sua vida no Brasil era difícil, assim como a de todo brasileiro/a que tem que trabalhar para comer.

Serafina⁴⁸

Serafina nasceu no Paraguai, tem 51 anos e vive na Espanha há quinze anos. Atualmente mora em Madrid e trabalha como empregada doméstica em casas particulares, mas ela também já trabalhou em bares, restaurantes e cuidando de crianças e idosos. Para conseguir sua nacionalidade através de um contrato de trabalho, tal como o faz a maioria das trabalhadoras imigrantes, Serafina teve que trabalhar durante três anos sem sair do país. Além disso, também teve que esperar outros sete anos para conseguir juntar algo de dinheiro e visitar seu país pela primeira vez desde que migrou. Somente depois desse processo ela conseguiu trazer quatro de seus seis filhos para viver consigo na Espanha. Os outros dois decidiram terminar os estudos e ficar no Paraguai. Todos os meses ela envia quantias de dinheiro para seu país, onde mora a sua mãe que recém completou 90 anos.

⁴⁸ Serafina Davalos (1883 – 1957) foi a primeira mulher advogada no Paraguai e também a primeira feminista proeminente do país. Apresentou a tese “Humanismo” em que questionou a submissão das mulheres, defendeu sua educação e a melhoria de sua situação no casamento. Dentre outras coisas, criou o Movimento Feminista de Assunção e participou, em 1910, como delegada oficial do governo paraguaio no Primeiro Congresso Feminino Internacional da República Argentina, onde teve uma destacada atuação. Foi Presidente Honorária da Liga Paraguaia Pro Direitos da Mulher onde trabalhou pela modificação das leis discriminatórias contra a mulher. Sua meta era que o direito da mulher ao voto fosse reconhecido. Não pode votar pois morreu – quase como indigente – quatro anos após este acontecimento.

Serafina considera que a vida de todos os imigrantes na Espanha é difícil porque trabalham muito, têm empregos precários e quase sempre mal pagos. Em seu último emprego, por exemplo, ela esteve trabalhando como doméstica em uma casa das sete da manhã às onze da noite, durante quinze dias sem receber nada de seus chefes. No momento que foi feita esta entrevista, Serafina acabava de sair desta casa e encontrava-se, portanto, desempregada. Para ela, o fato de ter conseguido a nacionalidade não muda quase nada sua situação laboral, uma vez que continua realizando aqueles trabalhos que são destinados às imigrantes. Segundo Serafina, neste contexto, a maioria das mulheres imigrantes que conhece deixou seu país para trabalhar na Espanha com o objetivo de sustentar seus filhos e suas famílias, enfrentando as mesmas dificuldades laborais.

Apesar de atualmente estar perto de quatro de seus filhos, Serafina afirma que sente que sua vida é incompleta, o que a deixa sempre triste por viver longe de sua terra natal e de sua família.

Josefa⁴⁹

Josefa nasceu na Nicarágua, tem 53 anos, mora na Espanha há nove anos e possui a documentação do país. Casou-se com um Espanhol e atualmente mora em Madrid. Josefa é mãe de dois filhos e uma filha que moram na Nicarágua. Coursou até o ensino fundamental e antes de ir para a Espanha, ela trabalhava eventualmente como cozinheira para festas e eventos, dedicando também seu tempo para a religiosidade. Josefa trabalha há cinco anos como encarregada da limpeza de uma fundação de empregos para pessoas com necessidades especiais. Uma vez na Espanha, também fez um curso profissionalizante em cozinha, o que também lhe possibilita trabalhar às vezes como ajudante de cozinha em hotéis. Mas antes disso, até encontrar esse trabalho na fundação, Josefa cuidava de pessoas idosas na modalidade interna.

Josefa migrou só, com o objetivo de comprar sua casa própria em seu país de origem. Seu contato inicial para migrar foi de uma amiga também da Nicarágua que já morava na Espanha. Ela é pastora e ajuda como pode, junto ao seu marido que também é pastor, a outros/as imigrantes necessitados que aparecem em seu caminho, oferecendo quartos em sua casa para

⁴⁹ Josefa Emilia Toledo (1866 – 1961) nasceu na Nicarágua e foi durante muito tempo a primeira educadora da Nicarágua, onde também é considerada a pioneira do feminismo por haver lutado pela libertação e pelos direitos da mulher. Em 1924 foi nomeada Diretora Geral de Instrução Pública e, pela primeira vez na história do país, uma mulher aceitou um cargo público tão alto. Encabeçava as lutas feministas de seu tempo de modo que o colégio por ela dirigido era o único onde as mulheres podiam obter o ensino médio para logo ingressarem na universidade.

aqueles/as que não tem onde ficar, e isso faz com ela conheça e mantenha contanto com imigrantes de diversas nacionalidades latino-americanas. Josefa não possui nenhum familiar na Espanha, todos seus filhos e netos vivem na Nicarágua e seu desejo é poder levar seu filho mais velho e sua filha do meio o quanto antes para viver consigo através da reagrupação familiar. Desde que migrou, Josefa ainda não conseguiu retornar ao seu país para ver sua família.

Bartolina⁵⁰

Bartolina nasceu na Bolívia, tem 53 anos e vive na Espanha há onze anos, na cidade de Valencia. É mãe de cinco filhos e cursou até o ensino fundamental. Atualmente está casada com o pai de sua filha mais nova. Os outros quatro filhos são de seu casamento anterior na Bolívia, onde seu ex-marido retirou a guarda dos mesmos após o divórcio. Em seu último emprego antes de migrar, Bartolina trabalhava em uma casa de jogos durante as noites e, como o que ganhava não era suficiente para seu sustento e o de seus filhos, ela decidiu migrar inicialmente para o Japão. No entanto, como seu marido migrou primeiro para a Espanha, ela acabou mudando de ideia e indo também para este país. Quando seu marido decidiu ir para a Espanha, a filha recém nascida do casal ficou sob os cuidados de Bartolina na Bolívia. Um ano depois, quando esta também decidiu migrar, a criança ficou então sob os cuidados de sua avó paterna.

Bartolina conseguiu seu primeiro emprego na Espanha – onde ainda se encontra até os dias de hoje – através de um contato que fez com uma espanhola que trabalhava em uma ONG em sua cidade natal na Bolívia. Após conseguir sua documentação, Bartolina levou sua filha, já com a idade de oito anos para reencontrá-los na Espanha.

⁵⁰ Bartolina Sisa (1753 – 1782) nasceu na Bolívia e foi uma heroína indígena aymara que participou no levante contra a exploração colonial espanhola junto ao seu esposo Tupac Katari. Bartolina dedicava-se ao comércio da folha de coca e dos tecidos nativos. Sabia montar a cavalo e manejar armas. Foi mãe de quatro filhos e fazia parte de um grupo de mulheres guerreiras, trabalhadoras e dirigentes no mesmo nível dos homens, como prega a filosofia aymara. Foi capturada e morta em 5 de setembro de 1782 pelas forças espanholas – data em que se comemora atualmente o Dia Internacional da Mulher Indígena. Bartolina gritou antes de morrer, em idioma aymara “*Me matarán... pero mañana volveré y seré millones*”.

3 TRABALHO DOMÉSTICO E MIGRAÇÃO

“Se é certo que tanto no discurso econômico como no capital as categorias são sexualmente cegas, é evidente que, para que as relações de trabalho sejam perceptíveis quando no feminino, torna-se necessário instituir novas categorias que deem conta das relações invisíveis entre sexo e trabalho.”

(Elisabeth Souza-Lobo)

Segundo a *International Labour Office* (ILO, 2013), a maioria das pessoas empregadas no serviço doméstico ao redor do mundo são mulheres, constituindo mais de 80% desse total. Trata-se de um grupo particularmente vulnerável à exploração – por ser este um trabalho realizado a portas fechadas no interior das residências particulares – sendo também o grupo de trabalhadores que recebe os menores salários.

O trabalho doméstico representa uma parcela significativa do emprego assalariado global, mas os trabalhadores domésticos permanecem em grande parte excluídos do escopo das leis trabalhistas e, portanto, da proteção legal de que gozam outros trabalhadores (ILO, 2013, p. 6).⁵¹

As trabalhadoras domésticas “realizam tarefas tão variadas quanto limpar, cuidar de pessoas idosas ou crianças, vigiar a casa, levar crianças para a escola, cuidar do jardim, cozinhar e muito mais” (ILO, 2013, p. 7).⁵² Apesar de não apresentar uma definição única do que seja o trabalho doméstico, a *International Labour Office* (2013) postula como requisito comum para que as pessoas se enquadrem na definição de trabalhadores/as domésticos/as a característica de estarem empregadas e prestarem serviços para uma família privada.

Pensar o trabalho doméstico significa, entre outras coisas, visibilizar os desafios e sofrimentos vivenciados pela maioria das mulheres em quase todas as sociedades, tendo em vista que tal atividade perpetuou-se por gerações como um destino ou dever “natural” ligado ao feminino e realizado, de forma gratuita, dentro do lar.

⁵¹ Domestic work represents a significant share of global wage employment, but domestic workers remain to a large extent excluded from the scope of labour laws and hence from legal protection enjoyed by other workers. (Tradução nossa).

⁵² [...] they perform tasks as varied as cleaning, looking after elderly people or children, guarding the house, driving children to school, gardening or cooking and beyond. (Tradução nossa).

A maioria dos estudos referentes ao trabalho doméstico estão de acordo em que o mesmo é executado em contextos de desigualdades, injustiças e invisibilidades, cuja protagonista principal é a mulher sendo aquela, portanto, uma atividade altamente feminilizada e fruto de um entrecruzamento de desigualdades. Mesmo quando mercantilizado, o trabalho doméstico é realizado majoritariamente por mulheres mais pobres, pouco escolarizadas e oriundas de culturas e etnias estigmatizadas pelo sistema de valores nacionais, constituindo-se em “um espaço de desigualdades de gênero e classe, étnicas e raciais, e também de origem geográfica” (BRITES, 2013, p. 428).

Os argumentos utilizados para a naturalização do trabalho reprodutivo como uma responsabilidade das mulheres giram em torno de estereótipos da diferença sexual, vinculados à nossa capacidade de reprodução. Consequentemente, desvaloriza-se uma série de atividades que requerem o dispêndio de tempo e de energia enquanto extrai-se força de trabalho feminina, de forma gratuita, na esfera doméstica ou familiar.

Toda discriminação costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação. Com frequência, esses traços são considerados como algo inato, com o qual se nasce, algo supostamente “natural”, decorrente das distinções corporais entre homens e mulheres, em especial daquelas associadas às suas diferentes capacidades reprodutivas. [...] Quando as distribuições desiguais de poder entre homens e mulheres são vistas como resultado das diferenças, tidas como naturais, que se atribuem a uns e outras, essas desigualdades também são “naturalizadas” (PISCITELLI, 2009, p. 118-119).

Longe de ser natural, a suposta diferença entre homens e mulheres tem origem nos diversos processos de socialização e subjetivação a que são expostas, de modos diferentes, as crianças de ambos os sexos: as meninas ocupam-se do trabalho doméstico – cozinhar, lavar, cuidar, etc. – primeiro como brincadeira e depois, como profissão. Logo, como as ocupações das mulheres quase sempre envolvem cuidados, pode-se afirmar que estas encontram-se regidas pelo gênero, tanto no âmbito do mercado como na vida privada (TRONTO, 1997).

No que se refere às discussões acadêmicas sobre esta temática, foram as feministas francesas nos anos 1970 – oriundas dos movimentos sociais e da produção acadêmica – que iniciaram os debates em torno do trabalho doméstico, questionando sua invisibilidade e sua não remuneração. A partir disso, o movimento feminista considerou necessária a revisão da questão do trabalho, de modo que este fosse reconceituado e instituído como uma questão sociológica

que apresenta em sua constituição diversos tipos de relações sociais de poder (HIRATA; ZARIFIAN, 2009).

Posteriormente, em 1990 e início do séc. XXI, o debate em torno do trabalho doméstico voltou a ganhar destaque entre as estudiosas feministas, devido a uma série de fatores, tais como a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho; a reestruturação e flexibilização produtivas nas sociedades pós-industriais; a feminização do trabalho; o declínio do Estado de Bem-Estar Social nos países do Norte e o envelhecimento populacional que resultou em uma crise global dos cuidados (BRITES, 2013). Todos estes aspectos decorrem do processo de globalização que, dentre outras coisas, estabeleceu novos padrões de emprego flexíveis, atingindo em grande escala a situação das mulheres trabalhadoras.

Por exemplo, (focando aqui nas mulheres migrantes), existe a questão da flexibilidade que o capital global precisa e muitas mulheres migrantes preenchem funções específicas no mercado de trabalho, sendo mão de obra barata e flexível para os setores de serviços e, em alguns países, para indústrias manufatureiras pequenas e leves (ANTHIAS, 2012, p. 106).⁵³

Maria Betânia de Melo Ávila (2009) analisa o trabalho doméstico a partir da relação entre trabalho remunerado e não remunerado e demonstra como sua naturalização como uma tarefa feminina incide diretamente no uso do tempo das mulheres, de modo que estas se veem afetadas por uma sobrecarga de trabalho – dentro e fora de casa – não podendo, por exemplo, dedicar-se aos estudos e construir uma carreira profissional; dispor de tempo para o lazer ou para participar da vida pública em geral, permanecendo, desse modo, em situação de desigualdade frente aos homens.

É neste sentido que “o trabalho reprodutivo, considerado como uma atribuição natural das mulheres, implica que o tempo do trabalho para a sua realização não seja visível como parte da organização social do tempo” (ÁVILA, 2009, p. 21). Nessa articulação entre espaço doméstico e espaço produtivo, é possível observar como operam as “estratégias de utilização (apropriação) do corpo através de suas qualidades naturais ou sociais, como representações de qualidades” (SOUZA-LOBO, 2011, p. 154).

Concordamos com Hondagneu-Sotelo et al. (2011) em que a desvalorização do trabalho doméstico como não trabalho abre espaço para a exploração das trabalhadoras e para o não

⁵³ For example (focussing here on migrant women), there is the issue of the flexibility that global capital needs and many migrant women fill particular functions in the labour market, being cheap and flexible labour for the service sectors and, in some countries, for small/light manufacturing industries. (Tradução nossa).

cumprimento das responsabilidades por parte do empregador/a – situação que se agrava no caso das migrantes que não possuem a documentação regularizada.

Frequentemente, o trabalho doméstico remunerado não é reconhecido como um trabalho real, porque está muito relacionado com as tarefas não remuneradas que as mulheres realizam em suas casas particulares. Diferentemente das fábricas ou dos escritórios, a casa é considerada o lugar destinado à família e ao ócio, e é vista como um lugar que representa a antítese do trabalho. Por outra parte, as tarefas das trabalhadoras domésticas, como limpar, cozinhar e cuidar de crianças e idosos, estão amplamente associadas com expressões ‘naturais’ de amor das mulheres para com suas famílias (HONDAGNEU-SOTELO et al, 2011, p. 811).⁵⁴

Desse modo, o trabalho doméstico não remunerado e instituído como uma atribuição das mulheres é estruturado, primariamente, como uma relação social de sexo/gênero. Quando mercantilizado, soma-se a estas relações sociais de sexo/gênero também as relações de raça e de classe, como podemos observar no caso do Brasil, onde as mulheres pobres e negras constituem a maioria das pessoas empregadas no trabalho doméstico (AVILA, 2009).

O trabalho doméstico não assalariado não é considerado trabalho e o trabalho doméstico assalariado é considerado um trabalho particular em que as relações não são regulamentadas da mesma forma que nas outras relações de empregos (SOUZA-LOBO, 2011, p. 167).

A concepção do trabalho doméstico como um tipo inferior faz com que suas relações de trabalho sejam marcadas por arranjos pessoais, fugindo muitas vezes das leis que regem as relações trabalhistas em outras profissões. Assim, alguns elementos aparecem como característicos das relações no trabalho doméstico, tais como a desigualdade salarial (quando comparado a outras categorias); as longas jornadas de trabalho e a não definição das horas de trabalho em cada jornada; a disponibilidade do tempo das empregadas; o não direito ao descanso e às férias, dentre outros.

Embora as feministas tenham argumentado que o trabalho reprodutivo produz valor e que a sustentabilidade do trabalho produtivo e da própria sociedade depende disso, as atividades domésticas permanecem amplamente definidas em contraste com o trabalho. E quando essas atividades domésticas são

⁵⁴ Con frecuencia, el trabajo doméstico remunerado no se reconoce como un empleo real, porque está muy relacionado con las tareas no remuneradas que realizan las mujeres en sus casas particulares. A diferencia de las fábricas o de las oficinas, la casa es considerada el sitio destinado a la familia y al ocio, y es vista como un lugar que representa la antítesis del trabajo. Por otra parte, las tareas de las trabajadoras domésticas, como hacer la limpieza, cocinar y el cuidado de los niños y los ancianos, están ampliamente asociadas con expresiones «naturales» de amor de las mujeres hacia sus familias. (Tradução nossa).

realizadas por trabalhadores remunerados, eles parecem manter sua invisibilidade como trabalho (MIGNON, 2007, p. 316).⁵⁵

A invisibilidade do trabalho reprodutivo à que se refere Mignon (2007) constitui um tema recorrente na experiência de muitas das trabalhadoras migrantes entrevistadas, considerando que – como trabalhadoras domésticas na modalidade interna – elas enfrentam constantemente longas jornadas de trabalho, assim como a não definição das horas trabalhadas. O fato de morar na mesma casa onde se trabalha faz com que suas jornadas de trabalho comecem muito cedo e se prolonguem até tarde da noite. Como resultado de uma visão estereotipada das trabalhadoras domésticas como serviçais, é comum que seus/suas empregadores/as demandem que elas estejam sempre disponíveis, o que as impede muitas vezes de descansarem ao longo do dia ou de disporem de tempo para si, enfrentando períodos de solidão e exclusão da vida social, conforme nos explica uma de nossas colaboradoras quando perguntamos acerca de suas condições de trabalho na Espanha.

Eu estive trabalhando em uma casa, de onde estou saindo agora, porque eu e outra companheira não tivemos uma boa experiência, sabe? Assim de ruim. Pior, este foi o pior dos trabalhos que já consegui desde que cheguei aqui na Espanha. Foi o pior trabalho. Foi uma experiência única porque trabalhamos com uns chefes ladrões. Ladrões eles não são, mas se eles não nos pagam o que têm que pagar e além disso também não pagam a indenização, pois... É um trabalho precário, um trabalho muito ruim, como eu te disse, um dos piores que já consegui aqui na Espanha.

[E você trabalhava de que hora a que hora? Questionamos].

Olha, trabalhávamos desde cedo até as onze e meia da noite e tínhamos uma hora e meia, às vezes, de descanso e um só dia de descanso no total desses treze dias que estivemos trabalhando lá. Um só dia que pudemos descansar duas horas. Trabalhamos durante treze dias sem receber nada (Trecho de entrevista – Serafina, 51 anos, Paraguai).

A outra trabalhadora citada na entrevista por haver vivenciado esta experiência junto a Serafina é Dandara, também uma de nossas colaboradoras. Neste caso, o fato de ambas possuírem a documentação espanhola lhes abriu a possibilidade de acionarem a justiça trabalhista, mediante a interposição de uma denúncia contra o casal que contratou seus

⁵⁵ Although feminists have argued that reproductive labor produces value, and that the sustainability of productive labor and of society itself depends on it, domestic activities remain largely defined in contrast to work. And when those domestic activities are performed by paid workers, they seem to retain their invisibility as labor. (Tradução nossa).

serviços⁵⁶. Vemos como a posse da documentação para trabalhar de forma legal na Espanha não resguarda as trabalhadoras imigrantes dos trabalhos precários, nem de passar por este tipo de situação. A diferença é que por estarem regularizadas, desaparece o perigo da deportação, o que as deixa livres para pedir ajuda às autoridades para que seus direitos trabalhistas sejam minimamente respeitados.

Concordamos com Ávila (2009) em que o trabalho reprodutivo compreende tanto aquelas atividades ligadas ao trabalho doméstico como também o cuidado de pessoas – considerando que ambas atividades quase sempre aparecem misturadas de modo a compor o conjunto de responsabilidades da maioria das trabalhadoras domésticas – constituindo, nesse sentido, uma prática social que “envolve questões objetivas e subjetivas e requer conhecimentos técnicos e sensibilidade humana” (ÁVILA, 2009, p. 105).

O trabalho doméstico implica, entre outras tarefas, a arrumação e limpeza da casa, com a preparação dos alimentos e vestimentas, o autocuidado, o cuidado direto com as pessoas, pois o cuidado, é importante salientar, é constituído também pela relação de afetividade e de aconchego. [...] A abordagem que utilizo sobre trabalho doméstico não considera esta separação, estando, portanto, a atividade do cuidado com as pessoas considerada como uma dimensão do trabalho doméstico (ÁVILA, 2009, p. 104).

Esta informação pode ser comprovada na fala de Dandara, ao descrever o conjunto de suas responsabilidades como empregada doméstica em uma residência particular em Madrid. Seus chefes são empresários que promovem, semanalmente, jantares de negócios em sua residência de modo que Dandara, além de realizar as atividades domésticas diárias da casa, também é encarregada de cozinhar e servir os convidados, sem ganhar nada mais por este trabalho adicional.

É difícil, é difícil porque geralmente as donas das casas, que contratam as imigrantes, elas não sabem nada. Aqui mesmo onde eu trabalho, se o meu patrão chegar agora, se ele tiver que pegar uma meia, ele não sabe onde a meia dele está. Ele não sabe onde está a camisa, então você tem que fazer tudo, você é uma super máquina na casa. Você tem que dar conta de lavar, de passar, de cuidar de menino – porque tem casa que você entra que é a mãe, o pai e os filhos. Você tem que lavar, passar, cuidar, fazer a comida, levar o menino na escola e trazer o menino da escola. É um trabalho escravizador (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

⁵⁶ De acordo com Dandara e Serafina, após acionarem a justiça trabalhista contra o casal que não pagava por seus serviços e de outros/as trabalhadores/as dessa residência, o mesmo foi multado e obrigado a pagar-lhes os dias trabalhados.

No relato a seguir, Micaela – que alega enfrentar dificuldades para encontrar trabalho na Espanha como consequência de sua idade – nos conta quais atividades os/as empregadores/as demandam de uma cuidadora de idosos nos anúncios de trabalho que ela vê pela internet.

Olha, recentemente, eu estava vendo um trabalho pela internet, em uma página onde estou inscrita, e eu vi que tem uma família que está precisando de uma pessoa para cuidar a uma pessoa dependente, para atende-la, para cozinhar, para limpar a casa, para ajudar a vestir-se, passar a roupa, lavar, certo? E o horário é praticamente o dia todo. Mas o que acontece? Nos querem pagar 200 euros! 200 euros para cuidar da casa inteira durante todo o dia! (Trecho de entrevista – Micaela, 48 anos, Peru).

A teoria social feminista, como produtora de conhecimento das ciências sociais e de tantas outras áreas atua em diversas frentes do saber de modo a reconstruir análises e teorias sobre as relações sociais que, historicamente, desconsideraram – e continuam a desconsiderar – as relações de gênero e as experiências das mulheres (AVILA, 2009). Mas tamanho esforço parece ainda insuficiente uma vez que

[...] nos deparamos frequentemente com um tipo de resistência institucional das ciências sociais que, ao fixar fronteiras entre teorias gerais e particulares, termina por compartimentar problemáticas que atravessam as relações sociais e, ao serem circunscritas a espaços “específicos”, são isoladas e perdem todo alcance e extensão (SOUZA-LOBO, 2011, p. 149).

Partindo dessa perspectiva, parece-nos imprescindível uma breve discussão acerca do conceito de trabalho que vise incluir o trabalho doméstico em sua definição para, assim, aprofundarmos nossa análise sobre o trabalho doméstico remunerado e as trajetórias laborais das imigrantes latino-americanas na Espanha.

3.1 RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Nos primeiros anos da década de 1970, na França, sob o impulso do movimento feminista, iniciou-se o debate acerca da não remuneração do trabalho doméstico realizado pelas mulheres na esfera do lar (HIRATA; KERGOAT, 2007). Tanto o movimento social feminista quanto o feminismo acadêmico uniram forças para visibilizar as diversas formas de opressão da mulher na sociedade, decorrentes da dominação entre os sexos.

[...] tornou-se coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres; que esse trabalho era invisível; que era feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal (KERGOAT, 2009, p. 68).

Uma das causas da invisibilidade do trabalho das mulheres remete à definição clássica de trabalho que situa o homem como sujeito universal, de modo que “os próprios homens são os homens e as mulheres” (HIRATA; ZARIFIAN, 2009, p. 252). O esforço das feministas francesas à época foi então o de criar conceitos, para além de uma análise de classes, que evidenciassem as relações sociais entre os sexos e, conseqüentemente, as desigualdades entre os gêneros no trabalho. A partir disso, foi necessário definir o trabalho doméstico como trabalho e questionar, assim, a própria definição deste conceito por se restringir àquelas atividades relacionadas à produção de bens de consumo (ÁVILA, 2009).

A noção moderna de trabalho surge com o advento do capitalismo e diz respeito ao trabalho assalariado onde se dá a apropriação do tempo do/a trabalhador/a por parte do capitalista. Logo, o trabalho constitui-se como uma atividade que pode ser objetificada ou, em outras palavras, que podemos “descrever, analisar, racionalizar, prescrever em termos precisos” (HIRATA; ZARIFIAN, 2009, p. 253). Por outro lado, no caso do trabalho doméstico, este não se constitui sob os mesmos aspectos. Como conjunto de atividades cotidianas realizadas majoritariamente pelas mulheres na esfera do lar, sua função de produção do viver aparece separada da noção de captação do tempo presente no trabalho assalariado.

O conceito de trabalho reprodutivo tem origem na obra de Karl Marx e Friedrich Engels (2013), em sua análise do trabalho produtivo – ou aquele que produz bens de consumo – e da reprodução da força de trabalho, necessária para a manutenção dessa economia produtiva. Segundo estes autores, a produção da força de trabalho pressupõe a existência do indivíduo de modo que este, ao reproduzir-se, produz outros indivíduos e mais força de trabalho. E para que esse ciclo ocorra, será necessária uma certa quantidade de meios de subsistência entre as quais encontram-se a comida, roupa, habitação e combustível.

Em outras palavras, os meios de subsistência promoverão o reestabelecimento e a recriação da força de trabalho que, por sua vez, será utilizada na produção de mercadorias.

Assim, o tempo de trabalho necessário à produção da força de trabalho corresponde ao tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência, ou, dito de outro modo, o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor (MARX, 2013, p. 317).

No entanto, a simples existência dos meios de subsistência não satisfaz as necessidades imediatas dos indivíduos de modo que, para que estes sejam consumidos e produzam força de trabalho, será necessário um trabalho adicional para o seu preparo, ou seja, o trabalho doméstico realizado quase sempre pelas mulheres no ambiente do lar.

A comida precisa ser cozinhada, roupas limpas, camas feitas, lenha cortada, etc. O trabalho doméstico é, portanto, uma peça-chave no processo de reprodução do trabalhador do qual a mais-valia é extraída. Sendo as mulheres quem usualmente realiza o trabalho doméstico, elas são articuladas ao nexo global da mais-valia, condição *sine qua non* do capitalismo, através da reprodução da força de trabalho (RUBIN, 1993, p. 4).

Apesar de desempenhar um papel fundamental nas relações de produção, o trabalho doméstico, considerando a perspectiva marxista, não é visto como produtivo porque não gera um produto de cuja troca se obtenha um valor. O dispêndio de força de trabalho só é considerado útil se voltado para a produção de mercadorias, ainda que as atividades domésticas contribuam para a “[...] produção de uma mercadoria especial - a força de trabalho - absolutamente imprescindível à reprodução do capital” (GONÇALVES, 2013, p. 23).

O trabalho de uma empregada doméstica não pode ser considerado como um trabalho produtivo; embora haja um contrato que regule a venda de sua força de trabalho a uma unidade familiar, não produz mercadoria para ser trocada no mercado (GONÇALVES, 2013, p. 23).

Nesse sentido, o marxismo clássico, enquanto teoria da vida social fracassou em expressar ou conceituar plenamente a opressão sexual por mencionar somente as diferenças entre as classes – trabalhadores, camponeses e capitalistas –, deixando de lado o sexo ou as diferenças entre as experiências sociais de homens e mulheres. Sobre esta questão, a teoria feminista produziu diversas análises e críticas de modo a complementar a análise marxista sobre a situação de opressão específica das mulheres.

Algumas autoras foram além em suas abordagens, localizando a “opressão das mulheres no coração da dinâmica capitalista, ao apontar a relação entre o trabalho doméstico e a reprodução da força de trabalho” (RUBIN, 1993, p. 3).⁵⁷

Para a crítica feminista, somar o trabalho doméstico ao trabalho assalariado não era suficiente, pois à medida que as estudiosas avançavam em torno de tais questionamentos, elas chegaram a uma definição de trabalho “não mais centrada na valorização do capital, e sim

⁵⁷ Sobre este assunto, ver: DALLA COSTA, Mariarosa e JAMES, Selma. *The Power of Women and the Subversion of the Community*. Bristol, Falling Wall Press, 1972.

naquilo que alguns chamaram de produção do viver” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 596). A nova definição de trabalho, agora mais ampla, inclui ambas atividades – de produção e reprodução – por considerar que “o tempo do assalariamento é condicionado pelo tempo do trabalho doméstico” (HIRATA; ZARIFIAN, 2009, p. 254).

Para explicar como ocorrem as relações de poder entre os sexos e, conseqüentemente, as relações de desigualdades à que estão expostas as mulheres no trabalho, Kergoat (2003) elabora a noção de relações sociais de sexo, construindo assim as bases teóricas de seu conceito de divisão sexual do trabalho, que revela de que modo se dá a separação das atividades para homens e mulheres e a conseqüente valorização das primeiras em detrimento das últimas.

Segundo Kergoat (2003), uma relação social é uma relação antagônica entre dois grupos sociais instaurada em torno de uma disputa, de modo que toda relação social constitui uma relação conflituosa. Logo, as relações sociais são múltiplas – podem adotar diversas formas – e consubstanciais⁵⁸, permitindo entender como as práticas sociais constituem-se o tempo todo através de tensões e enfrentamentos.

[...] a relação social pode ser equiparada a uma tensão que atravessa a sociedade; essa tensão cristaliza-se pouco a pouco em disputas em torno dos quais os seres humanos enfrentam-se constantemente para “produzir sociedade” ou “para inventar novas formas de pensar e agir” (KERGOAT, 2003, p. 845).⁵⁹

Ao introduzir o componente sexo nas relações sociais, nos deparamos novamente com os mesmos princípios de disputa e enfrentamento, onde os grupos sexuais – homens e mulheres – aparecem como construções sociais e não como um destino biológico, de modo que tais “grupos constroem-se por tensão, oposição ou antagonismo em torno a uma disputa, a disputa pelo trabalho” (KERGOAT, 2003, p. 845).⁶⁰

Na análise de Kergoat (2003) sobre a divisão sexual do trabalho, a questão da qualificação⁶¹ aparece como um exemplo de como operam as relações sociais de sexo, visto que a mesma configura-se diferentemente para homens e mulheres. Nesse sentido, a qualificação, que diz respeito à “soma das competências adquiridas pelos trabalhadores(as) na

⁵⁸ A noção de consubstancialidade presente na elaboração de Kergoat (2003) diz respeito à impossibilidade de separar as relações sociais que conformam a sociedade na realidade prática, de modo que tal separação só é possível na análise sociológica.

⁵⁹ [...] la relación social puede ser equiparada a una tensión que recorre la sociedad; esta tensión cristaliza poco a poco en retos en torno a los cuales los seres humanos se enfrentan sin cesar, para producir sociedad, para reproducirla o para inventar nuevas maneras de pensar y de actuar. (Tradução nossa).

⁶⁰ A autora refere-se à definição de trabalho como “produção do viver”, elabora por Hirata; Zarifian (2009).

⁶¹ Para mais informações, ver: NAVILLE, P. *Essai sur la qualification du travail*. Paris, Marcel Rivière, 1956.

família, na escola e na empresa, forma um conjunto de saberes e habilidades que serão apropriados no local de trabalho” (NEVES, 2013, p. 12). Resulta que o trabalho quanto mais é visto como resultado de qualidades consideradas “naturais”, menos ele é valorizado.

Segundo Kergoat (2003), no caso das mulheres, tais qualidades consideradas tipicamente “femininas” – como a capacidade de se relacionar, a doçura, ou o “instinto materno” – são menos valorizadas que aquelas consideradas tipicamente “masculinas” – tais como o espírito de competição, a agressividade, a vontade de poder ou a força física. A este respeito, diferentes autoras que analisam o trabalho feminino a partir das relações de gênero demonstram como a questão da qualificação também é permeada pela divisão sexual ao apresentar critérios diferentes para o trabalho de homens e de mulheres (SOUZA-LOBO, 2011; PHILLIPS&TAYLOR, 1980; NEVES, 2013).

Assim, por trás da desvalorização do trabalho das mulheres existe uma associação entre qualificação e sexo, de modo que a qualificação encontra-se saturada por um viés sexual. Isso implica que aqueles trabalhos que historicamente têm sido realizados por mulheres são vistos como desqualificados em decorrência dessa “identificação dos homens com o status de qualificados e das mulheres com o status de semiqualificadas ou desqualificadas” (PHILLIPS; TAYLOR, 1980, p. 84).

A divisão sexual do trabalho, ao contrário de referir-se a uma repartição igualitária das tarefas entre os sexos – como se poderia pensar frente a uma primeira leitura do conceito – diz respeito a uma relação de poder que se estabelece entre os sexos, de maneira que homens e mulheres realizam tarefas distintas e valorizadas socialmente de maneira hierárquica.

A divisão sexual do trabalho caracteriza-se, por um lado, pela atribuição prioritária dos homens à esfera produtiva, e das mulheres à esfera reprodutiva; e, por outro, pela detenção por parte dos homens das funções com um alto valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.). Esta forma de divisão social encontra-se regida por dois princípios organizadores: o princípio da separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e pelo princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher) (KERGOAT, 2003, p. 847).⁶²

⁶² La división sexual del trabajo se caracteriza, por un lado, por la asignación prioritaria de los hombres a la esfera productiva, y de las mujeres a la esfera reproductiva; y, por el otro, por el acaparamiento por parte de los hombres de las funciones con un alto valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etcétera). Esta forma de división social se halla regida por dos principios organizadores: el principio de separación (hay trabajos de hombres y trabajos de mujeres) y el principio jerárquico (un trabajo de hombre “vale” más que uno de mujer). (Tradução nossa).

A este respeito, Hirata e Kergoat (2003) explicam que estes dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho – o da separação e da hierarquização – aplicam-se a todas as sociedades conhecidas no tempo e no espaço, e são legitimados e aplicados mediante a ideologia naturalista, que consiste em rebaixar o gênero ao sexo biológico de modo a reduzir as práticas sociais a “papeis sociais” sexuados, como se fossem um destino natural das pessoas. Afirmar isso, no entanto, não significa dizer que esta forma de divisão constitui um dado imutável mas, pelo contrário, existe em diversas modalidades que variam segundo a época e o lugar. O que, por outro lado, permanece estável e é comum às sociedades é “a distância entre os grupos de sexo” (HIRATA; KERGOAT, 2003, p. 600).

A escravidão como modelo econômico presente nos Estados Unidos entre os séculos XVII e XIX é um exemplo de como a ideologia naturalista adota diversas formas ao interseccionar-se com os marcadores de gênero e de raça.

Segundo Ângela Davis (2016), em sua brilhante análise sobre a situação das mulheres negras durante a escravidão nos Estados Unidos, a ideologia da feminilidade que era fortemente difundida entre as mulheres brancas no século XIX, lhes reservava o papel de mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis com seus maridos. No entanto, essa mesma ideia não se aplicava às mulheres negras em condição de escravidão, uma vez que desprovidas de gênero, seus proprietários calculavam seu lucro tendo como base a relação entre rendimento e produtividade exigida no trabalho.

As mulheres não eram “femininas” demais para o trabalho nas minas de carvão e nas fundições de ferro, tampouco para o corte de lenha e a abertura de valas. Quando o canal Santee foi construído, na Carolina do Norte, as escravas corresponderam a 50% da força de trabalho. As mulheres também trabalharam nos diques em Louisiana, e muitas linhas férreas que ainda estão em operação no Sul foram construídas, em parte, pelo trabalho das escravas (DAVIS, 2016, p. 22).

Exemplos como este – que visibilizam como a raça intersecciona-se ao gênero dando lugar a diferentes “maneiras de ser mulher” esperadas pela sociedade, para os diferentes grupos em diferentes épocas – demonstram a importância de analisar o trabalho sob uma perspectiva histórica e, sobretudo, interseccional, conforme evidenciado por Davis (2016), evitando assim prender-se às armadilhas da generalização e universalização das experiências dos indivíduos.

3.2 INTERSECCIONALIDADE COMO PERSPECTIVA DE ANÁLISE DAS MIGRAÇÕES

De acordo com Kathy Davis (2008), a interseccionalidade constitui uma das mais importantes contribuições feitas pelos estudos feministas até hoje, por ser capaz de visibilizar diferentes tipos de experiências de subordinação resultantes da interação do gênero com outras categorias de diferenças. Ainda segundo esta autora, a interseccionalidade pode ser concebida de diversas formas para diferentes autores/as, ora como uma teoria, ora como um conceito ou, ainda, como uma estratégia de leitura para fazer análises feministas.

“Interseccionalidade” refere-se à interação entre gênero, raça e outras categorias de diferenças presentes nas vidas individuais, práticas sociais, arranjos institucionais e ideologias culturais, sendo também os resultados dessas interações em termos de poder (DAVIS, 2008, p. 68).⁶³

Como veremos a seguir, a interseccionalidade nos permite entender como as experiências dos indivíduos encontram-se o tempo todo atravessadas por diferentes eixos ou categorias de diferenças que relacionam-se entre si passando, muitas vezes, despercebidas. Neste sentido, é possível que algumas análises deem mais importância a uma determinada categoria – como, por exemplo, o gênero – sem atentar-se para as demais formas de desigualdades resultantes de sua intersecção com outras categorias, tais como a raça/etnia, classe, sexualidade, etc. Por este motivo, concordamos com esta autora em que

A “interseccionalidade” aborda a preocupação teórica e normativa mais central dentro dos estudos feministas: a saber, o reconhecimento das diferenças entre as mulheres. O próprio fato das diferenças entre as mulheres tornou-se o principal tema das teorias feministas nos últimos anos. Isto porque toca no problema mais premente que o feminismo contemporâneo enfrenta – o longo e doloroso legado de suas exclusões (DAVIS, 2008, p. 70).⁶⁴

As discussões acerca das relações e conexões entre as categorias de diferenças ou identidades surgem a partir do trabalho das feministas negras norte-americanas que reivindicavam sua representação no movimento feminista, dado que o mesmo postulava como experiências e questões das mulheres somente aquelas que diziam respeito às mulheres brancas

⁶³ “Intersectionality” refers to the interaction between gender, race, and other categories of difference in individual lives, social practices, institutional arrangements, and cultural ideologies and the outcomes of these interactions in terms of power. (Tradução nossa).

⁶⁴ ‘Intersectionality’ addresses the most central theoretical and normative concern within feminist scholarship: namely, the acknowledgement of differences among women. The very fact of differences among women has become the leading subject of feminist theories in recent years. This is because it touches on the most pressing problem facing contemporary feminism – the long and painful legacy of its exclusions. (Tradução nossa).

da época. Como exemplo disso, sabe-se que em 1977 houve nos EUA um grupo de feministas lésbicas negras, o *Combahee River Collective*, que lançou um manifesto onde defendia que o gênero, a raça, a classe e a sexualidade deveriam ser inerentes a qualquer análise feminista sobre poder e dominação (DAVIS, 2008).

O conceito de interseccionalidade surge por volta de 1980 com Kimberlé Crenshaw, uma importante autora e jurista feminista que constatou como “as experiências e lutas das mulheres negras caíam entre as fissuras do discurso feminista e antirracista” (DAVIS, 2008, p. 68).⁶⁵ Ou, em outras palavras, como a discriminação racial é frequentemente marcada pelo gênero, fazendo com que homens e mulheres sejam diferentemente afetados pela discriminação racial e outras formas de opressão sem que, no entanto, isso seja algo perceptível.

Em sua análise, Crenshaw (2002) demonstra como estas interações e conexões existentes entre gênero, raça e outras categorias passam, frequentemente, inadvertidas pelos indivíduos ao identificarem e classificarem a natureza da opressão ou da discriminação, ocasionando assim a vulnerabilidade de determinados grupos e indivíduos referente ao acesso aos direitos humanos.

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são “diferenças que fazem diferença” na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Nesse sentido, a interseccionalidade mostra-se ideal para qualquer análise que tenha por objetivo explorar e visibilizar como as categorias de raça, classe e gênero estão entrelaçadas e são mutuamente constitutivas, evidenciando como a raça é ‘sexuada’ e como o gênero é ‘racializado’, assim como ambos – o gênero e a raça – estão ligados às continuidades e transformações da classe social (DAVIS, 2008).

Apesar da interseccionalidade estar fortemente associada às feministas negras estadunidenses, este conceito foi retomado e utilizado por uma outra importante vertente da teoria feminista que “coincide com as perspectivas foucaultianas sobre o poder, centradas em processos dinâmicos e na desconstrução de categorias normalizadoras e homogeneizadoras” (DAVIS, 2008, p. 71)⁶⁶. Trata-se das teóricas feministas inspiradas pelo pós-modernismo que

⁶⁵ [...] the experiences and struggles of women of colour fell between the cracks of both feminist and anti-racist discourse. (Tradução nossa).

⁶⁶ It coincided with Foucaultian perspectives on power that focused on dynamic processes and the deconstruction of normalizing and homogenizing categories. (Tradução nossa).

têm por objetivo desconstruir as oposições binárias fortemente presentes na filosofia e ciência ocidentais, mediante a busca por alternativas para as conceptualizações estáticas da identidade.

Enquanto, por um lado, as teóricas feministas pós-modernistas enxergam a categorização como um ato de poder e defendem, portanto, a desconstrução de categorias e identidades, o grupo das feministas inspirados pelas políticas feministas contemporâneas – que teorizam a interação entre gênero, raça e classe – por outro lado, estão mais interessadas em analisar o modo como estas categorias ou identidades são moldadas uma pela existência da outra, influenciando na experiência de subordinação ou de desigualdade das mulheres. Logo, a desconstrução de categorias e identidades defendida pelo primeiro grupo contraria o interesse do segundo grupo que defende o poder de resistência política que estas categorias possuem (DAVIS, 2008).

Nesse sentido, ao passo que as teóricas feministas pós-modernistas mostram-se bastante críticas a muitos dos conceitos adotados pelo grupo das feministas que teorizam raça, classe e gênero, este segundo grupo, por sua vez, também critica as feministas pós-modernistas por prestarem insuficiente atenção para as consequências materiais destas categorias na experiência das mulheres de cor (DAVIS, 2008).

O discurso sobre o tráfico de mulheres é um exemplo disso. Quando se presta atenção em quais mulheres são traficadas, é óbvia a ligação com a sua marginalização racial e social. Contudo, o problema do tráfico é frequentemente absorvido pela perspectiva de gênero sem que se discuta raça e outras formas de subordinação que também estão em jogo. Por exemplo, no recente relatório sobre tráfico de mulheres, do Comitê sobre a Condição das Mulheres, não se deu atenção alguma ao fato de que, muitas vezes, a raça ou formas correlatas de subordinação contribui para aumentar a probabilidade de que certas mulheres, ao invés de outras, estejam sujeitas a tais abusos (CRENSHAW, 2002, p. 175).

Seguindo esta linha de pensamento, Patricia Hill Collins (1993), outra importante teórica feminista da interseccionalidade, defende a ideia de que a natureza interligada da raça, classe e gênero estrutura tanto a dimensão institucional da opressão como também sua dimensão simbólica. Segundo esta autora, diferentes características, modos de ser e ideias são atribuídos aos indivíduos de acordo com a raça, classe e gênero às quais pertençam, de modo a constituir a dimensão simbólica da opressão. Logo, é comum que as pessoas associem algumas características como a agressividade, a liderança, a racionalidade, a força e a intelectualidade ao masculino e, por outro lado, seguindo esta dicotomia, associem a passividade, a não liderança, o emocional, a fraqueza e o físico ao feminino.

Collins cita este exemplo para visibilizar como outras questões como a raça interferem na ideia que temos dos diferentes gêneros, demonstrando como as características masculinas acima citadas “somente são aceitáveis quando exibidas por homens brancos de elite, ou quando utilizadas por homens negros ou hispânicos contra eles mesmos ou contra as mulheres de cor” (COLLINS, 1993, p. 32).⁶⁷ Já no caso das mulheres negras ou mulheres brancas trabalhadoras pobres, estas muitas vezes não são sequer vistas como mulheres.

Cada um de nós vive com uma parcela de privilégio e penalidade institucional e com níveis variados de rejeição e sedução inerentes às imagens simbólicas aplicadas a nós. Este é o contexto em que fazemos nossas escolhas. Tomadas em conjunto, as dimensões institucional e simbólica da opressão criam um pano de fundo estrutural contra o qual todos nós vivemos nossas vidas (COLLINS, 1993, p. 34).⁶⁸

Como o pensamento dicotômico, que nos leva a entender e dividir as coisas do mundo em categorias opostas, opera sempre segundo uma lógica de exclusão, é possível que caiamos na armadilha de tentar classificar a opressão que opera na vida das pessoas, o que em algumas ocasiões nos impossibilita compreender como uma mesma pessoa pode ser oprimida e também ser opressora; ou que uma mesma pessoa disfrute de privilégios em alguns espaços e sofra desigualdades em outros. Para tanto, segundo Collins (1993), torna-se fundamental entender que todas estas categorias – raça, classe e gênero – encontram-se relacionadas e conectadas entre si, sem que o indivíduo possa separá-las ou classificá-las em suas experiências do dia a dia.

Considerando as discussões e conceitos apresentados pelas autoras acima citadas acerca da interseccionalidade defendemos, portanto, sua importância para a análise do trabalho reprodutivo remunerado – em nosso caso, aquele realizado pelas mulheres imigrantes na Espanha. Conforme sustenta Duffy Mignon (2007), este tipo de análise nos permite entender, dentre outras coisas, como as desigualdades de gênero e raça encontram-se presentes tanto no mercado laboral, como na sociedade como um todo, no sentido de que mesmo após uma série de mudanças ocorridas neste setor, ainda persiste a histórica associação de alguns trabalhos

⁶⁷ O termo ‘mulheres de cor’ refere-se à expressão utilizada em inglês *women of colour* para referir-se às mulheres negras ou mulheres não brancas em geral.

⁶⁸ Each of us lives with an allotted portion of institutional privilege and penalty, and with varying levels of rejection and seduction inherent in the symbolic images applied to us. This is the context in which we make our choices. Taken together, the institutional and symbolic dimensions of oppression create a structural backdrop against which all of us live our lives. (Tradução nossa).

como a limpeza, o preparo de alimentos e seu serviço – chamados pela autora de trabalhos sujos ou *dirty work* – às mulheres negras ou não brancas.

Para tanto, Mignon (2007) analisa em sua pesquisa o desenvolvimento do trabalho reprodutivo remunerado nos Estados Unidos entre 1900 e 2000, centrando-se na composição de gênero, étnico-racial e de imigrantes deste setor. Assim, sabe-se que

Durante a segunda metade do século XIX, quase todas as famílias das classes média e alta empregavam pelo menos uma trabalhadora doméstica e algumas famílias mais ricas empregaram uma equipe inteira para realizar as funções diárias de suas famílias. Noventa por cento desses trabalhadores eram mulheres. [...] Estas eram trabalhadoras que geralmente viviam nas casas de seus empregadores e se ocupavam de todos os aspectos do trabalho reprodutivo – limpeza, preparo de alimentos e serviço, lavanderia e cuidados com as crianças, doentes e idosos (MIGNON, 2007, p. 320-321).⁶⁹

Segundo esta autora, à medida que a produção desloca-se do espaço privado do lar para o espaço público, durante o século XIX, tem-se também um deslocamento dos trabalhos de reprodução nesse sentido, expandindo-se durante o século XX em diante. Assim, Mignon (2007) chama a atenção para as mudanças na composição da mão de obra neste setor, de modo que, em termos de gênero, percebe-se que os homens encontram-se em maior quantidade no trabalho reprodutivo no espaço público, enquanto as mulheres predominam no espaço privado das residências particulares; já em termos de raça, percebe-se que as mulheres negras e as imigrantes, sobretudo aquelas vindas do México e da América Central, constituem a maioria das trabalhadoras neste setor – tanto no ambiente privado como no público – durante os séculos XIX e XX, respectivamente. No caso dos homens, a segregação por raça e etnia também faz-se presente, tendo em vista que a maioria destes trabalhadores são também hispanos e negros.

A partir deste exemplo, a autora demonstra que “a raça e o gênero têm um impacto interligado na segregação por conteúdo, bem como na localização do trabalho” (MIGNON, 2007, p. 331). Além destes marcadores, Mignon (2007) também considera a classe e a condição migratória como importantes fatores que nos permitem entender como alguns trabalhos – como, por exemplo, o trabalho reprodutivo – tornam-se guetos profissionais para os membros marginalizados da sociedade.

⁶⁹ Throughout the last half of the nineteenth century, “nearly everybody” in middle- and upper-class families employed at least one domestic servant, and some wealthier families employed an entire staff to carry out the daily functions of their households. Ninety percent of these servants were women. [...] These were workers who usually lived in the homes of their employers and were engaged in every aspect of reproductive labor—cleaning, food preparation and service, laundry, child care, and care for the ill and elderly. (Tradução nossa).

Nessa perspectiva, Hondagneu-Sotelo (2001) – autora de diversas pesquisas sobre o trabalho doméstico e de cuidados realizados pelas mulheres imigrantes nos Estados Unidos – nos chama a atenção para o fato de que

As mulheres dos mais variados países, como o Peru, Filipinas, Moldávia, Eritreia e Indonésia estão deixando suas famílias, comunidades e países para migrar milhares de quilômetros de distância para trabalhar na nova indústria mundial em crescimento: o trabalho doméstico remunerado (HONDAGNEU-SOTELO, 2001, p. 4).⁷⁰

Ao destacar a importância que tal fenômeno representa no atual contexto da globalização, esta autora compara a invisibilidade histórica das trabalhadoras domésticas na sociedade à continuidade de sua invisibilidade nos estudos sobre a globalização, no sentido de que nem os críticos nem os favoráveis ao tema têm levado em consideração a importância das trabalhadoras domésticas no cenário global e, principalmente, nas sociedades pós-industriais. Enquanto isso, outros assuntos como o comércio ou as empresas multinacionais parecem ser mais importantes quando se discute sobre a globalização, isso porque o trabalho doméstico ainda é visto, apenas, como um trabalho de mulheres (HONDAGNEU-SOTELO, 2001).

Nesse sentido, concordamos com a autora ao pontuar que os estudos existentes acerca do trabalho doméstico remunerado em diversas partes do mundo – e sobre como alguns desses lugares tornam-se regiões de emigração e imigração – têm sido realizados, principalmente, pelas estudiosas feministas.

Os países de origem das trabalhadoras domésticas são diversos, assim como as circunstâncias por trás de sua migração e empregabilidade no trabalho doméstico, mas elas compartilham entre si o status das novas limpadoras e cuidadoras do século XXI (HONDAGNEU-SOTELO, 2001, p. 5).⁷¹

Seguindo esta linha de raciocínio, Maria José Magliano (2015), autora de um trabalho sobre as trabalhadoras doméstica de origem peruana na Argentina, demonstra a importância da interseccionalidade para analisar as trajetórias laborais de mulheres migrantes, levando em consideração o gênero, a raça/etnia, a classe, a nacionalidade – dentre outras possíveis

⁷⁰ Women from countries as varied as Peru, the Philippines, Moldavia, Eritrea, and Indonesia are leaving their families, communities, and countries to migrate thousands of miles away to work in the new worldwide growth industry: paid domestic work. (Tradução nossa).

⁷¹ The domestics' countries of origin are diverse, as are the circumstances situating their migration and domestic employment, but they share a status as the new cleaners and caregivers of the twenty-first century. (Tradução nossa).

categorias – para dar conta das diversas relações originadas da articulação entre migração e trabalho.

No campo de investigação sobre migração e trabalho, a interseccionalidade pode resultar potencialmente útil para examinar os sentidos e implicações do mercado laboral na vida dos/as migrantes, tanto no referente a como a articulação de classificações sociais (sejam de gênero, etnicidade, classe, sexual, etc.) pode produzir subordinação respeito ao trabalho, quanto em justificar e naturalizar a inserção dos/as migrantes em atividades específicas, em geral, instáveis, mal pagas e informais (MAGLIANO, 2015, p. 701).⁷²

Concordamos com esta autora em que as categorias de gênero, classe, origem nacional, raça, etnicidade, idade, condição migratória e religião influenciam diretamente no dia a dia das mulheres imigrantes determinando, nesse sentido, seu acesso a direitos e oportunidades no mercado laboral do país de destino, assim como as situações de privilégios ou de exclusão sociais resultantes desses processos.

3.2.1 Discriminação, assédio e violências

No que diz respeito aos resultados de nossa pesquisa sobre as experiências das migrantes como trabalhadoras domésticas na Espanha, todas elas reconheceram em algum momento das entrevistas haverem sofrido algum tipo de discriminação, assédio ou violência durante seu processo migratório, tanto em seu ambiente de trabalho como fora dele. Aqui, as condições de ser mulher e ser migrante articulam-se para dar lugar a postos de trabalhos precarizados e desvalorizados, de modo que as próprias mulheres migrantes reafirmam a existência de uma divisão entre os trabalhos destinados às pessoas de origem espanhola e às pessoas migrantes.

Em um primeiro momento, poderíamos relacionar a enorme presença das mulheres migrantes no trabalho doméstico à situação de irregularidade administrativa na Espanha enfrentada pela maioria delas durante os primeiros anos de sua migração, supondo que após o processo de regularização, as mesmas poderiam ascender na escala ocupacional através de mais oportunidades no mercado de trabalho. No entanto, o que observamos em nossa pesquisa – onde

⁷² En el campo de investigación sobre migración y trabajo, la interseccionalidad puede resultar potencialmente útil para examinar los sentidos e implicancias del mercado laboral en la vida de los/as migrantes, en tanto la articulación de clasificaciones sociales (sean de género, etnicidad, clase, sexual, etc.) puede producir subordinación respecto al trabajo a la vez que justificar y naturalizar la inserción de los/as migrantes en actividades específicas, en general inestables, mal pagas e informales. (Tradução nossa).

todas as participantes (sete em total) possuem a documentação espanhola⁷³ – é que mesmo depois de terem regularizado sua situação, elas continuam trabalhando como domésticas e cuidadoras em residências particulares. Somente duas das participantes trabalham, atualmente, no setor de serviços, de modo que uma delas – Visitación, 38 anos, de Honduras – trabalha como limpadora em um frigorífico e a outra – Josefa, 53 anos, da Nicarágua – trabalha como limpadora em uma fundação.

A trajetória laboral da brasileira Marielle – nascida em Anápolis, Goiás – que vive atualmente em Barcelona, constitui um exemplo de como mesmo após conseguir a documentação, as migrantes continuam realizando o trabalho doméstico em residências particulares. Neste caso, nossa colaboradora atribui a condição de ser brasileira, somada ao fato de não possuir um grau de escolaridade elevado – tendo cursado até o ensino médio no Brasil – como causas de sua entrada e permanência no trabalho doméstico na Espanha, conforme evidencia em um trecho da entrevista.

Eu tive muita, mas muita sorte, porque como minha irmã já vivia aqui há 10 anos e já conhecia as pessoas, então o primeiro trabalho que eu tive foi porque uma pessoa que tinha trabalhado pra minha irmã, trabalhava numa casa cuidando de um senhor. E como eu decidi ficar e não tinha dinheiro pra ficar aqui então o que acontece, essa amiga disse que queria sair do trabalho porque ia casar e se eu me interessava de trabalhar com esse senhor. Então, esse foi o meu primeiro trabalho e é a casa que eu estou até hoje. Infelizmente o meu chefe morreu tem um ano, mas esse último ano eu continuei com o filho dele. Então eu trabalhei três anos com ele ilegal e ele que fez o meu contrato, ele que fez o meu arraigo social. Porque o arraigo social é um direito que tem na Espanha que se você mora 3 anos ilegal, você tem direito, se você tem contrato de trabalho, se você tem o seu nome na prefeitura da cidade durante 3 anos, você tem o direito de pedir uma residência. Ai acaba que meu chefe fez isso pra mim, me legalizou aqui. Tudo foi através do meu chefe, não foi do casamento não. Fiquei os 3 anos ilegal e trabalhando e, agora, já vai fazer quatro anos que eu estou legal e trabalhando.

[Então o seu primeiro emprego foi cuidando desse senhor?
Perguntamos].

Sim, passei 3 anos cuidando dele e nesse último ano eu limpei a casa pro filho dele.

⁷³ Em relação ao tema da documentação das mulheres migrantes, trabalhamos com a hipótese de que aquelas que não possuem a documentação não se manifestaram para participar da presente pesquisa pelo medo que a situação de irregularidade lhes traz.

[Você poderia descrever como é o seu dia a dia no trabalho? O que você faz? questionamos].

Nesse último ano, porque antes quando eu estava com meu chefe, eu cuidava dele, né. Agora, nesse último ano, como eu fiquei só com o filho dele e o filho dele é solteiro, eu cuido da casa, normal. Cuido da casa, passo a roupa dele. E é esse serviço de casa mesmo, porque uma pessoa sem formação nenhuma e do Brasil é o que vai ter é isso mesmo, né (Trecho de entrevista – Marielle, 49 anos, Brasil).

Em contraposição à percepção de Marielle sobre a importância que o grau de escolaridade possui na hora de encontrar trabalho na Espanha, trazemos o caso de Visitación, de origem hondurenha, que mesmo depois de realizar vários cursos profissionalizantes na Espanha afirma encontrar dificuldades na hora conseguir trabalho devido à existência de uma segregação ocupacional em razão da nacionalidade dos indivíduos.

[Que dificuldades você encontra na hora de procurar trabalho na Espanha? perguntamos].

Atualmente, que há muito desemprego na Espanha, então muitos postos de trabalho preferem os espanhóis. Os trabalhos que você tem a oportunidade são aqueles que os espanhóis não querem realizar.

[Que atividades você costuma fazer durante seu tempo livre ou para se divertir? questionamos].

Olha, antes quando eu trabalhava de interna eu estive estudando no meu tempo livre. Assim que eu entrava no meu quarto eu começava a estudar. Estudei para ser auxiliar de enfermagem e também fiz outros dois cursos de manipulação de alimentos; um curso de valenciano e fiz mais outros cursos que agora mesmo eu não me lembro. E logo, aqui, até ter novamente uma rotina, eu comecei a trabalhar e agora quero fazer um curso de francês ou de inglês para ter meu tempo ocupado. Aos domingos, como hoje, são os únicos dias que eu não trabalho e tento, pois, estar em casa, sair para comer em família ou com os amigos, ver televisão e não muito mais que isso (Trecho de entrevista – Visitación, 38 anos, Honduras).

Nessa perspectiva, pode-se concluir que a baixa mobilidade ocupacional presente na trajetória laboral das mulheres imigrantes não se relaciona diretamente à posse da documentação espanhola nem ao seu nível de escolaridade considerando que, mesmo após sua regularização e realização de cursos profissionalizantes – particularmente, no caso de Visitación – elas ainda se movem entre aquelas ocupações mais desvalorizadas – sendo também aquelas

mais fortemente consideradas como femininas. Em outras palavras, esta mesma realidade poderia ser descrita através da articulação que se dá entre o gênero e a condição migratória – que também envolve a nacionalidade, raça e etnia – destas trabalhadoras, responsável pela existência de guetos no mercado de trabalho à elas destinados.

Além deste primeiro tipo de segregação existente no mercado laboral entre nativos/as e imigrantes – Norte/Sul – também nos deparamos com outros níveis de divisões internas no próprio trabalho doméstico, no sentido de que as imigrantes inserem-se neste setor de diferentes formas de acordo com sua nacionalidade. Aqui o gênero intersecciona-se à nacionalidade, raça/etnia das trabalhadoras na constituição da demanda laboral, fazendo com que algumas nacionalidades sejam vistas como mais adequadas para o desempenho de determinados trabalhos.

Esta questão aparece na fala de Marielle quando perguntamos se achava que era comum que as imigrantes trabalhassem com o mesmo que ela, ou seja, como empregadas domésticas na Espanha.

Muito comum, é o que a maioria faz, principalmente as brasileiras. Brasileira tem bastante que trabalha na limpeza, que trabalha de cuidadora, que trabalha em casa. E interna, brasileira mesmo interna tem pouco, porque interna geralmente são hondurenhas, bolivianas... essas são as que mais trabalham de interna. Brasileira mesmo trabalhando de interna eu vi pouco. Mas também sabe o que acontece? Geralmente as bolivianas, mesmo sendo jovens, elas preferem vir e juntar dinheiro para mandar pra família delas ou voltar para o país delas. As brasileiras não. Elas estão interessadas em arrumar um marido e ficar por aqui mesmo. É o que eu vejo, né. É o que eu vejo, por exemplo, tenho uma, duas, três amigas que todas chegaram aqui e foram trabalhar na limpeza... mas, não, agora tenho quatro. Não, agora tenho cinco [risadas], se não lembrar de mais, hein, no meio do caminho! Todas as cinco chegaram aqui e foram trabalhar na limpeza, mas a intenção de todas era arrumar um marido. Eu fiz o inverso. Eu arrumei um marido, comecei a trabalhar na limpeza e fiquei. Tenho seis, acabo de me lembrar de outra. Ai arrumam um marido, elas vêm com a intenção de arrumar um marido. E, você acredita que teve umas duas que fizeram plástica no Brasil e se arrumaram tudo para vir trabalhar na limpeza para depois arrumar um marido! [risadas] (Trecho de entrevista – Marielle, 49 anos, Brasil).

Sobre o tema do trabalho das mulheres imigrantes, Marielle, que casou-se na Espanha e trabalha como doméstica na modalidade externa ou por horas, evidencia como a experiência do trabalho é vivenciada de diferentes formas segundo a nacionalidade das trabalhadoras, de

maneira que algumas empregam-se em maior medida no trabalho doméstico como internas e outras, como no caso das brasileiras, preferem trabalhar como externas ou por horas. Segundo sua percepção acerca do que as diferentes nacionalidades esperam do processo migratório, algumas trabalhadoras preferem sacrificar seu tempo trabalhando como internas, juntarem dinheiro e voltarem para seus países de origem o mais rápido possível, enquanto as brasileiras optam pelo casamento como objetivo principal da migração, para permanecerem na Espanha – situação que, segundo Piscitelli (2011), trata-se de uma estratégia comum entre as migrantes brasileiras nesse país.

Aqui, o gênero intersecciona-se à classe, raça/etnia e/ou nacionalidade na produção de estereótipos associados à figura da mulher migrante o que, por sua vez, provoca uma demanda de mão de obra para trabalhos específicos reservados a esta população feminina migrante.

Assim, uma série de juízos de valor ligados às supostas formas de ser e fazer das mulheres se impõem nesta escolha: o atributo de ser carinhosas, pacientes, dóceis ou hipersexuais, entre outras características; certas ocupações surgem e se consolidam, portanto, sob o estigma do trabalho realizado por pessoas exploráveis (SAA, 2014, p. 229).⁷⁴

Sobre isto, Hondagneu-Sotelo et al. (2011) também confirma a existência deste processo de segmentação laboral em sua pesquisa realizada nos Estados Unidos, onde acredita-se que as mulheres guatemaltecas costumam ser mais carinhosas e atenciosas, enquanto as salvadorenhas são melhores na cozinha. Neste sentido, concordamos com estas autoras em que

Os estereótipos de gênero e raça influenciam na preferência de contratação dentro de uma ocupação. [...] Tratam-se de talentos muito idiossincráticos que são rotineiramente racializados e generificados (HONDAGNEU-SOTELO et al. 2011, p. 812).

A afirmação de Marielle acerca da presença de trabalhadoras de determinadas nacionalidades no trabalho doméstico na modalidade interna traz uma série de outras questões relacionadas a esta modalidade de trabalho, sendo esta talvez a menos desejável tanto pelas mulheres nativas como pelas imigrantes devido às suas longas jornadas, à não separação entre vida social e laboral e, sobretudo, aos baixos salários (HONDAGNEU-SOTELO et al. 2011).

⁷⁴ Así, se impone en esta elección una serie de juicios de valor vinculados a los supuestos modos de ser y del hacer de las mujeres: el atributo de ser cariñosas, pacientes, dóciles o hipersexuales, entre otras características; por tanto, ciertas ocupaciones surgen y se consolidan bajo el estigma de labores ejercidas por personas explotables. (Tradução nossa).

Além disso, elas precisam lidar com a solidão associada à impossibilidade de construir uma vida social fora do ambiente de trabalho. Por outro lado, o trabalho de interna pode ser útil para aquelas imigrantes recém chegadas que não contam com moradia ou que preferem economizar com o aluguel.

Acerca da segmentação do mercado de trabalho baseada nos estereótipos de gênero, raça/etnia ou classe social, Adriana Piscitelli (2005) vai um pouco além em sua análise da situação das mulheres brasileiras na Espanha e utiliza o conceito de etno-sexualidade – que tem suas origens na obra de Joane Nagel (2003) – para explicar esta relação de interseccionalidade que ocorre entre a sexualidade e a etnicidade sendo esta, portanto, responsável pela emergência de novos processos de racialização que, por sua vez, produz novos espaços turísticos para o consumo de sexo. “Nesse país, as mulheres brasileiras constituem uma presença altamente visível na indústria do sexo e também constituem um dos principais coletivos nacionais de estrangeiras que casam com homens espanhóis” (PISCITELLI, 2011, p. 1).

Segundo esta autora, na Espanha, além da modalidade de casamento por amor, também são comuns os casamentos de tipo servis – ou o casamento como prática análoga à escravidão – e os casamentos de “conveniência” – utilizados para a regularização do estatuto migratório – entre as brasileiras e os espanhóis. Nestes casos, “sentimentos, ‘conveniências’ e ‘interesses’ se interpenetram constantemente, adquirindo matizes diferenciados” (PISCITELLI, 2011, p. 1).

Trata-se de uma situação onde diferentes tipos de interesses e de afetos entram em jogo, dando lugar a novas relações entre ‘interesses, sexo e afetos’ em contextos migratórios, constituindo o que autora denomina de “transnacionalização dos afetos”, o que explicaria, portanto, a associação entre a sensualidade e a nacionalidade brasileira, presente tanto na fala de Marielle como na mídia e no imaginário espanhol.

Quando questionamos acerca das dificuldades de encontrar trabalho na Espanha por ser imigrante, Marielle afirma que as mulheres brasileiras têm mais facilidade para encontrar trabalho caso elas sejam consideradas bonitas por um empregador homem. Contrariamente, caso a empregadora seja uma mulher espanhola que possui um companheiro, a situação tende a ser mais complicada porque se produziria, supostamente, uma relação de concorrência ou de ciúmes entre ambas.

Olha, pra gente brasileira é mais fácil, sabia. Agora se, por exemplo, eu tenho uma amiga em Astúrias, ela não é linda, mas é magra. E os homens daqui gostam. Aí, o que que acontece, as mulheres de lá... ela ficou sem trabalhar dois anos. As mulheres de lá não contratam porque

tem medo das brasileiras. É verdade. Na casa de um casal jovem vai ser meio complicado.

[Então você acha que a sexualidade das brasileiras é algo muito levado em conta na Espanha? perguntamos].

Eu acho que é o jeito que a gente se olha mesmo. Eu acho que a gente é mais convencida, acho que a gente é muito convencida. Sinceramente, eu acho. Sabe porque, uma vez eu tive um namoradinho espanhol... ai, isso já é meio íntimo né! Mas ai o que acontece, ele falou pra mim “uai, as brasileiras não são tudo isso que vocês falam não. Eu já peguei espanholas melhores”. Tipo assim, eu acho que a gente se acha muito. Ai a gente aproveita porque a gente é essa coisa tropical, tem a nossa sensualidade natural, a gente tem mesmo. Mas é uma coisa que a gente mesmo se olha com sensualidade, eu acho que é uma coisa nossa. A gente já transmite isso. A gente transmite isso. Por um lado, quando é natural, quando a gente quer, é legal. Mas por outro, por exemplo, eu já peguei um taxi, vindo da casa do meu marido às sete horas da manhã, eu arrumadinha. Sai da casa dele de manhã arrumadinha, estava no começo de namoro e o que acontece, o taxista veio me perguntar se eu estava saindo de trabalhar, de trabalhar em club. De levar cantada, de levar cantada. Eu me fazia de tonta, né. Conversava outra coisa, eu fiz de conta que não entendi, que não tava nem ai. Uma cantada boba de motorista de taxi não vai... é melhor fazer que não escutou porque ele tem mais força ne, eu não vou dar conta de bater nele mesmo (Trecho de entrevista – Marielle, 49 anos, Brasil).

A afirmação de nossa colaboradora de que as próprias brasileiras se vêm a si mesmas como mulheres convencidas de possuir uma “sensualidade natural” ou “essa coisa tropical” pode ser explicada a partir da noção de fronteiras etno-sexuais, desenvolvida por Nagel (2003) – quem analisa as conexões entre raça, etnicidade, nacionalidade e sexualidade – que pode ser usada para

Definir quem é puro/a e quem é impuro/a, para moldar a visão que temos de nós mesmos e dos outros, para moldar sentimentos de desejo sexual e noções de desejabilidade, e para nos deixar com um gosto por alguns encontros étnicos sexuais e desgosto para outros (NAGEL, 2003, p.1).⁷⁵

O principal argumento de Nagel (2003) é que “o sexo é um elemento constitutivo central da raça, etnicidade e de nação e que a raça, a etnicidade e o nacionalismo são componentes cruciais dos sistemas de fronteiras sexuais e morais” (NAGEL, 2003, p. 255). Nesse sentido, as

⁷⁵ To define who is pure and who is impure, to shape our view of ourselves and others, to fashion feelings of sexual desire and notions of desirability, and to leave us with a taste for some ethnic sexual encounters and a distaste for others. (Tradução nossa).

ideias sobre sexo e sexualidade relacionam-se às nossas concepções de raça, etnicidade e nação, de modo que as fronteiras raciais e sexuais encontram-se, assim, entrelaçadas dando lugar a uma forma de “atração erótica vinculada a estilos de corporalidade associada a certos lugares” (PISCITELLI, 2005, p. 314).

Nesse sentido, Marielle reconhece, incluindo-se em seu relato, que as brasileiras se veem a si mesmas como detentoras de uma sensualidade natural, o que as diferencia de mulheres de outras nacionalidades e lhes confere certa vantagem, a depender da situação. Por outro lado, ela entende que esta mesma informação é utilizada pelos homens de forma negativa e, inclusive, violenta contra elas, expondo-as a situações de assédio tanto no ambiente de trabalho como nos demais espaços.

Outra situação de discriminação semelhante àquela vivida por Marielle é evidenciada por Dandara, quem nos relata o que lhe aconteceu ao buscar atendimento em um hospital na Espanha logo após sua chegada neste país. Segundo ela, o motivo deste tipo de discriminação advém da ideia que os/as nativos/as têm de que as brasileiras são todas prostitutas. À sua condição migratória relacionam-se, portanto, os estereótipos de gênero, raça/etnia e nacionalidade, demonstrando como esse tipo de preconceito encontra-se presente não só no ambiente de trabalho, mas também nas próprias instituições que deveriam garantir a saúde e o bem-estar de toda a população.

[Você poderia descrever uma situação específica que você tenha sofrido discriminação? Perguntamos].

Sim, nos hospitais. Um dia, quando eu vivia em Alicante, a princípios de quando eu cheguei na Espanha. Então eu me senti mal e fui ao hospital e eles me discriminaram porque eu era imigrante e, principalmente, porque eu era imigrante brasileira. Porque na mente deles as brasileiras vêm para cá apenas para prostituir. Essa discriminação eu passei (Dandara, 50 anos, Brasil).

Os casos de assédio acontecem, de igual maneira, no ambiente de trabalho das mulheres imigrantes, como resultado da visão estereotipada que os espanhóis têm das mulheres latino-americanas, associando sua origem geográfica à sensualidade e a uma sexualidade que deve estar disponível para satisfazê-las a qualquer momento.

Trata-se de um tema cuja delicadeza e complexidade revelam-se, por exemplo, na dificuldade que uma de nossas colaboradoras, Marielle, enfrenta ao contar sua experiência. Neste caso em particular, quando perguntamos sobre o tema do assédio no trabalho, nossa

colaboradora nega, em um primeiro momento, haver passado por isso. No entanto, à medida que ela começa a falar sobre sua relação com seus empregadores, ela sente a necessidade de confirmar a ocorrência do assédio praticado pelo seu cunhado. A complexidade da situação torna-se assim perceptível na relutância de Marielle em confirmar a existência de uma relação de trabalho entre ambos.

[E você já sofreu alguma situação de assédio no seu trabalho? Perguntamos].

Não. No trabalho não porque eu me lembro quando eu comecei e o irmão mais velho, estou pensando no meu chefe que já morreu. Então o mais velho deles foi conversar na cozinha comigo, aí conversando, eu lembro, foi bem no início, o irmão dele chamou ele falou “Guillermo, cuidado, não extrapola, não passa do limite e tal”. Mas sempre me trataram com respeito, sempre, sempre. Mas também é uma família atípica, porque geralmente as famílias catalãs são um pouco mais fechadas, então eu estava numa família que eu comia junto com eles. Uma vez por semana eu estava na mesa com eles, então era um lugar, assim, que eu tive uma sorte muito grande, porque me trataram como mais uma pessoa da casa, entende. Sempre me respeitaram muito, mas, geralmente, por exemplo... que aí, eh... [Realiza uma pausa e mostra-se preocupada em dizer o que está prestes a dizer] ...porque isso não vai sair meu nome, né? É só pra você ter conteúdo, né. [Explicamos novamente que os nomes citados no trabalho serão todos fictícios e ela resolve, então, continuar o relato]. Então, meu cunhado é espanhol, espanhol, espanhol. E ele não pode me ver aqui na casa, porque ele não me respeita. Porque ele não respeita, ele canta mesmo porque ele, mesmo que na Espanha não teve escravos aqui, tem essa ideia de que a pessoa é serviçal, né. E aí, o que que acontece. Aí, deixa eu ver se meu marido está chegando. [pausa] Outro dia eu passei e ele me passou a mão na bunda. Pegou na minha bunda. E aí lá vou eu... porque preciso trabalhar, porque não quero causar conflito na família, ficar fugindo, ficar fugindo. Mas comigo, como poderia ser com qualquer outra que tivesse uma bunda na frente dele, entendeu.

[Mas você trabalha pra ele? Indagamos].

Eh, não. Não tem esse respeito por mulher nenhuma. Por mulher nenhuma, por empregada muito menos. Sabe. Ele sempre tem isso. Tem muitos hein, tem muitos. Tem muitas histórias.

[Existe uma relação de trabalho entre você e seu cunhado? Perguntamos].

Ah, mas no horário que eu estou lá trabalhando tinha que ser relação de trabalho, não tinha que ser não? Eu to fazendo minha parte como trabalhadora.

[Então você trabalha na casa dele? Perguntamos novamente].

É ora, é claro que é. Ele já teve outras. Teve uma brasileira que parou de trabalhar lá, ouxi. Nunca mais foi trabalhar e não falou o motivo não. Eu que não quero saber também porque já até imagino (Trecho de entrevista – Marielle, 49 anos, Brasil).

Pode-se inferir, a partir de sua fala, a existência de relações de trabalho com pessoas de sua família, neste caso, o seu cunhado. Seu desconforto para seguir conversando sobre o assunto torna-se perceptível à medida que buscamos compreender melhor a suposta relação de trabalho que existe entre ela e seu cunhado, de origem espanhola. O fato de tratar-se de alguém ligado à sua família – o marido de sua irmã – relaciona-se aqui ao seu estado de casada, de modo que ela não se sente livre para compartilhar ou falar sobre o assunto diante da preocupação de que seu marido fique sabendo, constituindo, talvez, um dos motivos que a inibe de denunciar ou expor a pessoa que a assedia.

Outro caso de assédio no trabalho aparece na fala de Visitación, quem considera esta como umas das situações mais difíceis que já enfrentou até hoje na realização de seu trabalho como imigrante na Espanha.

[Quais foram as situações mais difíceis que você teve que enfrentar na realização de seu trabalho como imigrante? Perguntamos].

Pois, o assédio por parte do meu chefe, que acabou me mandando embora sem pagar porque eu não cedia ao que ele quis. Eu acho que essa foi a pior, a mais situação mais horrível que eu passei. E ele me disse que não pagaria os meus direitos porque eu o havia denunciado.

[Você poderia contar-me mais acerca do que aconteceu?]

Pois isso, que o meu chefe queria que a gente ficasse juntos, que fizéssemos isso e aquilo e eu não lhe dei nada. Então ele me mandou embora sem me pagar o salário, sem me pagar nada. Isso aconteceu num bar em Valencia (Trecho de entrevista – Visitación, 32 anos, Honduras).

Já no caso de Dandara, ela nega, em um primeiro momento, haver sofrido alguma situação específica de assédio no trabalho, mas reconhece, por outro lado, que quando trabalhava em bares e restaurantes era comum ter de enfrentar o preconceito das pessoas por enxergarem a todas brasileiras como prostitutas.

[Você já sofreu assédio no trabalho?]

Não, isso eu não senti. Mas muitas vezes em Valência mesmo, independentemente de ter papéis ou não ter papéis, eles acham que mesmo a gente trabalhando num restaurante, assim, num restaurante ou numa cafeteria, por ser mulher brasileira eles têm na mente que nós somos prostitutas (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

Além do assédio, outras situações de violência e de discriminação compõem o dia a dia no trabalho das mulheres imigrantes. Nesse caso, a raça e a etnia das trabalhadoras, bem como a classe social, aparecem interligadas na constituição de diversas formas de preconceito por elas vivenciadas, principalmente, por parte de seus empregadores/empregadoras.

[Você já passou por alguma situação de violência ou de discriminação na Espanha? Indagamos].

Sim, quando eu trabalhava em um bar, sim. O homem que era meu chefe de cozinha, vamos... me tratou como uma imigrante. Me tratou fatal, me chamou de roceira, de ignorante, que eu não sabia de nada, simplesmente porque eu perguntava “José, como faço para usar o micro-ondas?” Me entende? Eu perguntava não porque eu não soubesse usar um micro-ondas, mas sim porque, como era de outro sistema, eu disse, é melhor perguntar para não estragar e ter problemas depois. Era por isso que eu perguntava como devia usar o micro-ondas, qual a temperatura e essas coisas. Mas não porque eu não sabia usar. Então esse meu chefe me dizia “você é uma ignorante, que não sabe usar um micro-ondas. De onde você vem não existe micro-ondas”. E eu chorava, chorava porque me ofendia, sabe? Mas pela necessidade de trabalhar, eu continuei fazendo meu trabalho até que um dia eu disse “basta! Basta porque eu não vou deixar que você continue me humilhando, me ofendendo por ignorância sua”. Entende? Por isso eu, durante os primeiros anos... [suspiros profundos] eu sofri muito. Eu sofri muito porque além de tudo eu não contribuía, e então não podia receber ajudas trabalhistas. Foi péssimo, horrível (Trechos de entrevista – Micaela, 48 anos, Peru).

[Você enfrentou alguma vez uma situação de discriminação ou de violência por ser imigrante? Perguntamos].

Pois sim, a enfrentamos eu e outras pessoas que conheço do meu entorno, amigas. Às vezes as senhoras, além de te fazerem trabalhar para além das suas responsabilidades, elas se atrevem a te levantar a mão. Tenho uma amiga que é brasileira, que a sua chefe lhe agrediu. Ela me contou, não faz muito tempo, que a sua chefe lhe agrediu. Eu mesma, eu estive trabalhando com uma família e a senhora tentava me bater, sabe. E ela pegava a minha bolsa e a revirava para ver se eu

estava carregando algo que era dela, sabe? E esse tipo de coisa. Há muita desconfiança por parte deles, porque eles acham que pelo fato de não termos dinheiro, nós temos a mão muito rápida para pegar o que não é nosso. Então, pois, existe essa desconfiança por parte deles. Há discriminação porque, pelo mesmo motivo, por pensarem que ao não termos a oportunidade de ter um salário para viver decentemente, então isso torna-se um defeito, uma forma para que eles possam nos abusar e dizer coisas pra gente. Sim, esta senhora da qual estou falando me disse em várias ocasiões que se eu era uma mulher da rua, uma puta e que se eu era uma ladrona. De todas essas coisas ela me chamava. Mas como isso não se denuncia porque, para eu não andar enrolada com essas coisas, a gente passa por cima e simplesmente procura outro trabalho e assim por diante. Assim se anda, de trabalho em trabalho, porque encontrar pessoas que te vejam como uma pessoa e que valorizem seu trabalho, ainda que seja como a gente costuma dizer, limpando bosta, mas é um trabalho decente, honrado e que eu não preciso de pedir nada a ninguém. Ganho pelo que faço, melhor se for fazendo algo do que nos sintamos orgulhosos. Mas talvez tenhamos que limpar a bunda de um velho. Mas qualquer das duas formas, é um dinheiro que nós ganhamos decentemente. Não precisamos nem de vender o corpo nem de roubar o que não é nosso (Trecho de entrevista – Josefa, 53 anos, Nicarágua).

[Quando você passou por essa situação, você tinha a documentação regularizada? Perguntamos].

Não, porque eles mesmos, o filho dela estava me fazendo os papeis. Quando eu saí desse trabalho, já sai com meu primeiro documento. Mas paga-se um preço por isso, viu (Trecho de entrevista – Josefa, 53 anos, Nicarágua).

4 VOZES FEMININAS MIGRANTES: A EXPERIÊNCIA DAS TRABALHADORAS NA ESPANHA

“Escrever-se é, portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade.”

(Margareth Rago)

4.1 TRAJETÓRIAS LABORAIS E MOTIVOS PARA MIGRAR

Analisar a trajetória laboral das mulheres migrantes implica, antes de qualquer coisa, adentrar-nos em suas histórias de vida a partir das memórias que guardam referentes ao antes e o depois do processo migratório, assim como nos significados por elas atribuídos a estes acontecimentos que, como veremos a seguir, aparecem muitas vezes carregados de emoções. Significa explorar caminhos complexos e ricos em experiências que perpassam a construção de suas identidades, sendo este um grupo heterogêneo de mulheres que exerciam as mais diversas profissões em seus países de origem antes de ingressar no trabalho doméstico remunerado na Espanha.

Nesta perspectiva, localizamos na construção de suas trajetórias de migração e de trabalho diversos aspectos – econômicos, familiares, sociais e emocionais – que influenciaram em sua decisão de migrar. Na maioria dos casos analisados, as mulheres migrantes pertenciam às camadas mais pobres de seus países de origem e também eram mães, enfrentando quase sempre dificuldades econômicas e o desemprego.

Apesar de esta ser uma realidade comum para homens e mulheres dos países do Sul global, percebemos que os fatores que influenciam as migrações são diferentes no caso das mulheres, sendo estes a responsabilidade pelo cuidado e sustento dos filhos; o acesso aos trabalhos mais precarizados, desvalorizados e mal pagos e a maior exposição à violência por parte de seus parceiros.

Ainda que as dificuldades econômicas e a exploração laboral continuem existindo na sociedade de destino – conforme evidenciado pelas colaboradoras nas entrevistas – a migração também possibilita, para muitas destas mulheres, a conquista de sua independência, autonomia e liberdade em relação à opressão patriarcal fortemente presente em seus países de origem. Este

tema é evidenciado por Dandara em um trecho de sua entrevista quando fala a respeito das mudanças que o processo migratório trouxe à sua vida.

[Que aspectos da sua vida como mulher mudaram desde a sua chegada na Espanha? Perguntamos].

Primeira coisa, a minha mente, eu passei a ter uma mente mais aberta. Eu passei a ter uma visão mais ampla da vida em relação a ... eu passei a ser uma pessoa mais segura, eu tenho segurança de mim hoje. Hoje eu não tenho medo, hoje eu sou capaz de fazer qualquer coisa (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

No que diz respeito ao mercado laboral, vemos que além de enfrentarem a divisão sexual do trabalho – presente em ambas as sociedades de origem e de destino – as mulheres migrantes, se comparadas às espanholas, são mais atingidas pelas desigualdades de gênero, étnico-raciais e de classe, de maneira que a maioria das trabalhadoras latino-americanas empregam-se, primeiramente, no trabalho doméstico remunerado, sendo muito baixa ou inexistente a possibilidade de uma posterior ascensão a trabalhos mais valorizados. Como muitas delas reconhecem, os trabalhos que encontram na Espanha são aqueles que a população espanhola recusa-se a realizar. Assim, o trabalho reprodutivo passou a ser a comumente intitulado como “trabalho de imigrantes”.

A seguir, trazemos alguns trechos das narrativas de todas as colaboradoras no que diz respeito aos motivos que influenciaram sua decisão de migrar evidenciando, ao mesmo tempo, a relação existente entre seu processo migratório e suas trajetórias laborais.

[Por que você decidiu migrar para a Espanha? Perguntamos].

Pois porque no meu país as coisas estavam muito difíceis e eu tive que migrar para conseguir a economia que faz falta para seguir adiante. Não só viver trabalhando para comer. Por isso é que nós saímos de nossos países, para ter mais condições. E não foi fácil... mas pouco a pouco a gente vai se encaixando e se adaptando a tudo, ao clima, às pessoas. E agora, já depois de nove anos de estar aqui, eu já não ligo mais pra nada, sabe? (Trecho de entrevista – Josefa, 53 anos, Nicarágua).

[Onde você trabalhava na Nicarágua antes de ir para a Espanha?].

Bom, eu não trabalhava. Eu praticamente só me dedicava a trabalhar na obra de Deus, nos bairros, ministrando ao povo de Deus. Eu era chamada para fazer comidas em eventos, então lá eu cozinhava. Aqui

eu estudei e fiz um curso de cozinha profissional de hotelaria e continuo cozinhando na minha casa [risadas] e onde me chamarem. Às vezes eu vou trabalhar em hotéis, de ajudante de cozinha e coisas assim. O que eu gosto, realmente, e de cozinhar. A verdade é que isso é algo que eu gosto muito e onde tenho trabalhado mais. O que você gosta é aquilo que você não tem problema em fazer (Trecho de entrevista – Josefa, 53 anos, Nicarágua).

Para Josefa, as dificuldades econômicas enfrentadas em seu país de origem e seu sonho de construir sua casa própria na Nicarágua constituem o principal motivo de sua migração. Antes de migrar, Josefa não possuía um emprego fixo, trabalhava como cozinheira autônoma em festas e eventos e dedicava-se às atividades de sua igreja. Em seus empregos anteriores ao que desempenha atualmente como encarregada da limpeza de uma fundação, Josefa trabalhou durante vários anos como cuidadora de idosos na Espanha, um trabalho que, por ser muito duro e cansativo, a fez prometer-se a si mesma que jamais voltaria a trabalhar como interna.

Seus três filhos e seus oitos netos continuam morando na Nicarágua e, apesar de os filhos já serem adultos, Josefa afirma enviar-lhes dinheiro todos os meses. Sobre sua situação econômica atual, ela não considera que o salário que ganha seja suficiente para seu sustento e aponta, nesse sentido, o preço elevado do aluguel como um dos fatores que a impede de economizar dinheiro, inclusive para visitar sua família na Nicarágua.

[Por que você decidiu migrar para a Espanha? Perguntamos].

Pela pobreza. Porque eu queria que meus filhos estudassem, que não lhes faltasse aquilo que os pais devem dar aos seus filhos. Eu pensava em seu melhor, nos seus estudos, para que eles tivessem uma melhor qualidade de vida (Trecho de entrevista – Serafina, 51 anos, Paraguai).

[E até agora, onde você tem trabalhado na Espanha?].

Em casas. Em casas e restaurantes. Por exemplo, eu já tenho a minha nacionalidade e tudo isso, sabe? Mas mesmo tendo toda a documentação, não quer dizer que a situação em quanto às coisas laborais melhorem (Trecho de entrevista – Serafina, 51 anos, Paraguai).

A pobreza enfrentada por Serafina quando morava no Paraguai e a dificuldade de proporcionar os estudos para seus seis filhos também constituem os principais motivos de sua migração. Segundo ela, todos as imigrantes que ela conhece trabalham para enviar dinheiro aos seus países de origem pagando, para isso, um alto preço por conseguirem sempre os piores

trabalhos, por enfrentarem situações de solidão, sofrimento e humilhação. Emocionada ao contar-nos sua história de migração, Serafina não esconde sua tristeza diante das dificuldades que enfrenta como trabalhadora imigrante na Espanha, devido às péssimas situações de trabalho e, sobretudo, à falta que sente de sua família e de sua terra natal.

Assim como Josefa, Serafina também já trabalhou como interna cuidando a pessoas idosas e, neste caso, nossa colaboradora chega a chorar durante a entrevista ao se lembrar das dificuldades vividas neste trabalho, considerado por ela como muito duro por se tratar de idosos que possuíam Alzheimer. No que se refere à sua situação laboral em seu país de origem, Serafina encontrava-se desempregada no momento em que tomou a decisão de migrar.

[Por que você decidiu migrar para a Espanha? Perguntamos].

Por que eu decidir vir? Ou por que eu decidi ficar?

[Por que você decidiu ir?].

Ah, tá. Porque eu vim pra Espanha a turismo. Eu nunca tinha vindo com a intenção de ficar. E eu fiquei porque eu conheci meu marido. Porque eu realmente nunca tinha vindo com a intenção de ficar, mas aí como eu conheci ele e [risadas] engraçado, quando eu conheci ele aí eu decidi ficar. Porque eu já não tava com nada preparado para ficar não, mas as coisas aconteceram e eu fiquei.

[Então você foi a passeio para visitar a sua irmã?].

Sim, vim a passeio para visitar a minha irmã. Eu vim visitar outros lugares da Europa e passei por Barcelona para ir pra casa dela e acabei conhecendo meu marido aqui e ficando.

[E você já trabalhou ou trabalha atualmente na Espanha?].

Trabalho, eu comecei a trabalhar desde o início. Quando eu decidi ficar eu já comecei a trabalhar.

[E como era a sua vida no Brasil antes de ir para a Espanha?].

Então, eu até pensava que era boa, mas é porque eu não sou de esquentar cabeça. Uma época eu tive uma floricultura. Eu casei muito cedo, eu casei com 17 anos. Com 28 anos eu já estava viúva. E o que que acontece, depois disso... eu era dona de casa mesmo. Depois disso eu tive uma floricultura. Depois quando eu tive a floricultura eu tive uma casa, eu alugava e morava onde eu quisesse no Brasil. Alugava ela e saía para outro lugar para morar. E o que que acontece, eu não... eu não achava que a minha vida era ruim no Brasil, não. Mas agora eu sei que ela é melhor aqui. Eu nunca achei que ela fosse ruim. Mas é

também porque eu não sou muito ambiciosa. Eu também tenho esse defeito. Eu não tenho essa missão, né. E minha amiga fala... ai, “ela saiu pra Espanha e casou com um cara pobre”. Pô, caramba, não sei. No Brasil eu não tinha, aqui também eu não tenho. Se algum dia eu for ficar rica é porque eu ganhei na loteria. Então, como eu não era ambiciosa no Brasil, eu não sou aqui. Aqui eu vivo mais tranquila. Eu não me vejo morando no Brasil mais, por causa da liberdade que eu tenho aqui, da segurança, a educação, a escola que o bebê tem. Então eu não me vejo morando no Brasil. É uma diferença. Igual, ele com 13 anos, ele vai estar falando quatro idiomas. Então, com isso que eu tenho para ele hoje e com a liberdade que eu tenho, não. Mas a minha vida não era ruim no Brasil. Era igual a de todo brasileiro. Tem que matar o dia para jantar né. Era isso mesmo. Mas eu conseguia ir pro boteco na sexta-feira, tinha umas coisas boas (Trecho de entrevista – Marielle, 49 anos, Brasil).

Marielle, uma das duas colaboradoras de nacionalidade brasileira que participa desta pesquisa – nascida em Anápolis, Goiás – afirma que foi à Espanha pela primeira vez a passeio, para visitar sua irmã que já morava lá há dez anos e, nesse contexto, conheceu a pessoa com quem se casou posteriormente – acontecimento que, segundo ela, foi o que influenciou em sua decisão de ficar nesse país. Segundo Marielle, a mesma situação aconteceu com sua irmã, que também foi à Espanha a passeio, casou-se e acabou ficando.

Apesar de não considerar sua vida no Brasil muito ruim, Marielle sempre teve que trabalhar para sustentar-se e, uma vez na Espanha, continuou fazendo o mesmo, de maneira que assim que decidiu ficar, ela começou a trabalhar como doméstica na casa de um senhor. Sobre seu histórico familiar, Marielle afirma que tanto sua mãe como seu filho vivem nos Estados Unidos já há bastante tempo e, no que diz respeito à sua filha que continua no Brasil, ela é mãe de um filho de aproximadamente três anos que atualmente vive com Marielle e seu esposo em Barcelona.

[Por que você decidiu migrar para a Espanha? Perguntamos].

Ah tá, te explico. Por causa da situação econômica do Brasil e porque, como eu não tenho um grau de escolaridade, então no Brasil para mim era difícil, porque eu tenho até a oitava série e como esses estudos que eu tinha, o que eu ganhava com esse trabalho que eu tinha não era suficiente para me manter e fazer as coisas necessárias para os meus filhos.

[Como era a sua vida antes de ir para a Espanha? Onde você trabalhava?].

Na minha vida antes de ir para a Espanha, no Brasil, eu sempre trabalhei. A princípio eu trabalhei em um salão fazendo unha, ajudando a fazer unha. Era auxiliar. Desse salão que eu estou falando, quando trabalhava fazendo unha, foi há vinte anos atrás. Eu ainda era casada. Depois eu me separei e fui trabalhar vendendo roupa e tal. E era muito difícil no Brasil. Depois, com o passar do tempo, no Brasil mesmo, eu consegui durante um certo tempo, mesmo com meu grau de escolaridade baixo, eu consegui um trabalho, assim, de mais ou menos cinco anos numa prefeitura. Depois que eu saí desse trabalho da prefeitura, então eu fui pra Goiânia. Quando eu cheguei em Goiânia já era tudo muito difícil. Trabalhei numa confecção, trabalhei em alguns restaurantes e nada, e a situação financeira era muito difícil. (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

As dificuldades econômicas que motivam as migrações da maioria das mulheres entrevistadas também estão presentes na trajetória de Dandara, nascida em Porangatu, Goiás. Durante o tempo em que viveu no Brasil, Dandara passou por vários trabalhos, todos precários e com salários insuficientes para garantir seu sustento e o de seus filhos, uma situação que tinha como agravo o casamento onde seu ex-marido, segundo ela, era bastante agressivo e violento, praticando-lhe maus tratos em diversas ocasiões durante o tempo que estiveram juntos. Após o divórcio e diante da necessidade de cuidar de seus dois filhos sem ter condições, Dandara viu na migração para a Espanha uma saída para ganhar o dinheiro necessário para o cuidado e o sustento de seus filhos, mesmo que fosse à distância.

Com relação ao cuidado de seus filhos que ficaram no Brasil, Dandara nos explica que frente à ausência do pai, eles ficaram sob os cuidados das tias – suas irmãs – para que ela migrasse em busca de trabalho. Neste sentido, Dandara afirma que a ausência do pai na responsabilidade pelo cuidado dos mesmos também influenciou em sua decisão de migrar.

[A ausência desse pai influenciou em algum momento a sua decisão de ir trabalhar na Espanha? Perguntamos].

Influenciou, porque se eu tivesse separado dele e tivesse no Brasil e ele estivesse presente e tivesse ajudado os filhos, eu não teria vindo. Agora não, agora eu já estou aqui, agora já muda a coisa. Agora eu já estou aqui porque quero viver aqui e quero finalizar a minha vida aqui, já não por um compromisso financeiro com os filhos, não. Isso agora já é diferente, isso agora é totalmente... eu to aqui agora já não obrigada, estou porque eu quero estar, porque eu já gosto daqui e eu quero se posso, viver o resto da minha vida aqui (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

Assim como as demais migrantes entrevistadas, Dandara também já trabalhou como cuidadora de crianças e idosos na modalidade interna, durante seus primeiros anos de migração. Logo, após conseguir sua nacionalidade, trabalhou durante muitos anos na modalidade externa e por horas na cidade de Valencia. Depois de quinze anos vivendo na Espanha, e estando seus filhos já adultos, ela voltou para o Brasil e, decidida a ficar, abriu seu próprio salão de beleza e foi contratada, também, como limpadora de um colégio público em Goiânia. Passaram-se três anos e Dandara, ao não se acostumar com a vida no Brasil e não ter a mesma qualidade de vida que tinha na Espanha, decidiu voltar. Atualmente ela trabalha como doméstica para uma família em Madrid, outra vez na modalidade interna.

[Por que você decidiu migrar para a Espanha? Perguntamos].

Principalmente, pela situação econômica do meu país. Havia poucas oportunidades, salários muito baixos, muita delinquência e isso, mais que tudo, me fez vir até aqui.

[Você poderia me contar como foi o processo para conseguir a documentação?].

Bom, isso aconteceu quando eu saí do bar, eu conheci umas religiosas que me ajudaram a começar a trabalhar de interna. Através delas eu conheci à família que eu estive trabalhando durante oito anos. E essa família me disse que se eu trabalhasse com eles um ano para que assim fizessem a minha documentação. Então eu consegui assim, no trabalho doméstico.

[Então você trabalhou como interna durante oito anos?].

Sim, oito anos em um lugar e mais dois anos em outro. Um total de dez anos. Por eu ser naquela época muito jovem, era um pouco frustrante porque eu não tinha uma vida própria e vivia ao lado deles. Eu era muito jovem e como não tinha uma vida normal como as outras meninas, então ficava muito deprimida. Eu tinha então 22 anos, e até os 32 anos, exatamente, eu trabalhei como interna. Desde os 22 anos até os 32 anos. Cuidava a cinco crianças. Eram três crianças e, a cada final de semana, tinha mais duas. Depois desse trabalho, eu tive outro onde eu só cuidava a uma criança (Trecho de entrevista – Visitación, 32 anos, Honduras).

Diferentemente das demais migrantes, Visitación não tem filhos e, segundo ela, sua decisão de migrar deu-se principalmente pela situação de pobreza enfrentada pela sua família – mãe, irmãos e avós. Assim, seu objetivo era trabalhar para comprar-lhes uma casa e melhorar sua qualidade de vida em Honduras. Visitación lamenta haver migrado tão jovem e trabalhado

durante tanto tempo como cuidadora na modalidade interna, o que, segundo ela, foi bastante frustrante por não poder ter uma vida social ou divertir-se como faziam as demais pessoas de sua idade.

Atualmente, apesar de possuir a documentação regularizada e de haver realizado uma série de cursos profissionalizantes, Visitación não vê melhoras significativas em suas possibilidades de trabalho de modo que, assim como as demais colaboradoras, ela também continua realizando o trabalho reprodutivo referente à limpeza de um frigorífico. Apesar do preço elevado do aluguel na Espanha e dos baixos salários que recebe, todos os meses Visitación envia dinheiro para sua família em Honduras para ajudar sua mãe a cobrir as despesas da casa.

Como podemos observar até aqui, a maioria das migrantes entrevistadas estavam solteiras no momento da migração e são mães, de modo que a única participante que não tem filhos – Visitación, de origem hondurenha – é também a mais nova do grupo. A maternidade aparece aqui como um elemento constitutivo fundamental do processo migratório destas mulheres que, na maioria dos casos analisados, têm mais de três filhos e não contaram ou não contam com a ajuda dos respectivos pais para seu sustento e criação. Somente duas do total de sete participantes migraram com seus parceiros e continuam casadas atualmente na Espanha.

A relação existente entre maternidade e o estado civil das mulheres migrantes latino-americanas e caribenhas evidencia que, para tais casos, a decisão de migrar ocorre principalmente como resultado das dificuldades econômicas que enfrentam por serem elas as responsáveis pelo sustento de seu grupo familiar. Os casos de Dandara, Marielle, Josefa e Serafina são exemplos desta condição em que as mulheres não contam com a presença ou a distribuição igualitária de responsabilidades para com os filhos.

Sobre este tema, Casas (1997), em seu estudo sobre as mulheres migrantes chefes do lar na Espanha, constata que a maioria das mulheres com permissão de trabalho em vigor – representando 65,5% deste total – são solteiras, sendo que as nacionalidades que mais predominam nesta condição são as latino-americanas.

Ao se tratar de mulheres solteiras ou com filhos, as decisões econômicas predominam enquanto que entre as casadas prevalece a decisão familiar vinculada a eventuais benefícios econômicos para o marido (PIZARRO, 2003, P. 54).⁷⁶

⁷⁶ Al tratarse de mujeres solteras o con hijos, las decisiones económicas predominan mientras que entre las casadas prevalece la decisión familiar vinculada a eventuales beneficios económicos para el marido. (Tradução nossa).

A trajetória de Micaela, de origem peruana, é talvez a que mais se distancia das demais por apresentar como motivo principal para migrar sua vontade de manter a família unida mais que a dificuldade de sobreviver em seu país. Assim, frente à decisão de seu marido de migrar para trabalhar na Espanha, Micaela decidiu abrir mão de seu próprio negócio, uma academia de esportes, e acompanha-lo com a condição de que seus três filhos também fossem consigo.

A mobilidade laboral descendente torna-se, nesse sentido, evidente na trajetória de Micaela quando ela nos conta sobre suas dificuldades em encontrar trabalho na Espanha e ainda assim, quando surge alguma oportunidade, são trabalhos precários e mal pagos, destinados às mulheres imigrantes.

[Por que você decidiu migrar para a Espanha? Perguntamos].

Olha, no começo eu não quis vir, certo? Porque eu no Peru tenho a minha casa, tinha a minha vida, tinha minha família. E para vir pra cá eu teria que estar só, porque não tinha ninguém. Mas vir aqui foi para estar com meu marido, para estar todos juntos, para estar com meus filhos. Mas fiquei impactada com a mudança de vida, porque aqui eu tive que começar a trabalhar. No Peru eu era dona de uma academia de esportes. Deixei tudo para vir pra cá e aqui eu tive que trabalhar, seguir adiante. Bom, eu e meu marido, os dois. Mas eu vim pra cá e para não me dar por vencida, tive que sair adiante eu mesma. Então depois estar aqui um ano, no ano seguinte eu já queria voltar. Mas disse a mim mesma, não, não vou me dar por vencida. Eu cheguei aqui justo em meio à crise econômica, certo? E por isso eu fiquei aqui com meu marido, para seguir adiante. Meus filhos foram crescendo... minha filha eu a trouxe quando ela tinha onze anos e agora já me acostumei, para não voltar ao meu país. Já tenho um estilo de vida aqui e, seja como for, eu vou te dizer, aqui é tão diferente o custo de vida comparado com o do Peru. No Peru você não tem nenhum tipo de ajuda. Lá, quando você vai ao médico, você tem que pagar com o seu dinheiro e, em troca, aqui não. Aqui eles te dão toda a ajuda que você necessita. Aqui eu fiz cinco operações e não me custaram nada. Por outro lado, caso isso tivesse acontecido no meu país, eu acho que ficaria sem fazer, na verdade (Trecho de entrevista – Micaela, 48 anos, Peru).

Outro caso que ilustra esta situação onde as mulheres migram junto aos seus parceiros de seus países de origem é o de Bartolina, de origem boliviana e mãe de cinco filhos. Segundo ela, seu atual companheiro e pai somente da filha mais nova – sendo esta a única que vive com eles atualmente na Espanha – migrou primeiro, deixando naquela época a filha de apenas quatro meses sob seus cuidados. Assim, Bartolina só conseguiu ir no ano seguinte,

confiando em uma oferta de trabalho feita por uma conhecida espanhola que trabalhava em uma ONG em sua cidade natal, na Bolívia.

[Por que você decidiu migrar para a Espanha? Perguntamos].

Porque, a verdade é que na Bolívia eu trabalhava de noite, todas as noites praticamente eu trabalhava e era muito difícil para mim porque eu entrava às seis horas da tarde e saía às seis horas da manhã no outro dia. Trabalhava em uma casa de jogos. Ganhava muito pouco e tinha uma filha pequena. E meu marido trabalhava, como ele era locutor de rádio, só trabalhava uma ou duas horas por dia e depois ficava com a criança. E era muito pouco o que ganhávamos, na verdade. Não tínhamos onde viver. Então, por isso, ele imigrou primeiro e, depois de ver que havia muito mais trabalho para as mulheres, eu vim e depois traríamos a nossa filha. Mas até ter a dupla nacionalidade eu não pude trazê-la (Trecho de entrevista – Bartolina, 53 anos, Bolívia).

Além das dificuldades econômicas, laborais e de moradia, Bartolina também enfrentou, em sua condição de mãe, a dificuldade de exercer o cuidado de seus filhos diante de sua retirada por parte do pai após o divórcio. Frente à falta de recursos para pagar por um advogado para tentar recupera-los, Bartolina decidiu, portanto, empreender o processo migratório inicialmente para o Japão, contando com a ajuda de um amigo que já morava lá. No entanto, nessa época, Bartolina havia conhecido seu atual marido e pai de sua filha mais nova, cuja decisão de ir para a Espanha a fez mudar de ideia e desistir de sua ida para o Japão.

A retirada da guarda de seus filhos por parte de seu ex-marido somada às dificuldades econômicas vivenciadas por Bartolina na Bolívia constituem, portanto, as principais causas de sua migração.

[Como se deu a decisão de migrar para a Espanha? Perguntamos].

Olha, quando eu tinha meu marido morando lá na Bolívia, nós tínhamos uma filha. Eu já estava divorciada, claro. Eu tinha quatro filhos por parte do meu antigo marido, esse do divórcio. Então eu tive uma filha. Meu marido veio primeiro, um ano antes que eu. Ele veio e me deixou com a criança de quatro meses de nascida. Então, no ano seguinte quando a menina tinha já um ano e oito meses, ele me mandou chamar porque disse que tinha que ser nesse ano, em 2006, porque em 2007 já fechariam a fronteira. Ou seja, que nós bolivianos só poderíamos entrar com o visto, certo? Por isso eu vim o mais rápido possível. Em 2006, no dia 27 de dezembro eu estava levantando voo. Vim pela Argentina e cheguei aqui na Espanha. E bom, dessa forma então eu fiquei. Não tinha ideia de vir para a Espanha, mas de um

momento a outro lhe chamaram os tios do meu marido, o pai da minha filha. Lhe chamaram e lhe disseram, você vem? E na outra semana ele pegou e veio. Ficou um ano e já me mandou chamar. Me mandou dinheiro para a passagem e tudo mais. Minha meta não era vir para a Espanha. Minha meta era ir para o Japão. Porque eu era uma mulher divorciada e estava só porque meu marido me havia retirado a guarda dos meus filhos, e por motivos econômicos eu não tinha como me defender dele. Porque tinha que pagar um advogado para poder lutar pelos meus filhos. Então, como eu estava só e tudo mais eu disse, vou para o Japão porque lá eu tinha a um amigo (Trecho de entrevista – Bartolina, 53 anos, Bolívia).

Mateos (2005) utiliza o conceito de estratégia para explicar os elementos que motivam as migrações femininas para além de uma explicação puramente econômica e centrada no sujeito trabalhador masculino, onde também entra em cena a importância que a família e o modo como a mesma se estrutura, no caso de cada migrante, possui no momento de tomarem a decisão de migrar.

O conceito de estratégia foi, predominantemente, utilizado na sociologia das migrações para poder realçar analiticamente as estratégias de sobrevivência e as estratégias coletivas (sejam elas familiares ou comunitárias) e poder ultrapassar a análise neoclássica das migrações baseadas na concepção exclusiva do *homo economicus*. No entanto, o fato de fazer do indivíduo protagonista do processo migratório não significa que a decisão migratória seja, portanto, uma ação individual (Mateos, 2005, p. 110).⁷⁷

Além de demonstrar que as migrações também respondem a estratégias e projetos de sobrevivência familiares, o conceito de estratégia, segundo esta autora, também contribui para visibilizar o papel dos agentes sociais nos processos migratórios, levando em consideração seus interesses materiais e simbólicos.

No geral, entre a imigração latino-americana na Espanha, costuma ser a mulher a protagonista do projeto migratório. A estratégia familiar tende a ocorrer entre as migrantes casadas, viúvas, separadas, divorciadas ou mães solteiras, que deixam ao marido e/ou filho/s no país de origem, e que costumam orientar a mobilidade familiar para o espaço social de suas comunidades de procedência. Poderíamos classificar as estratégias de mobilidade social dessas mulheres basicamente em três tipos: a primeira cobriria o mantimento ou sustento cotidiano da unidade doméstica transnacional em suas necessidades básicas (comida e vestimenta); a segunda

⁷⁷ El concepto de estrategia ha estado predominantemente utilizado en la sociología de las migraciones para poder realzar analíticamente las estrategias de supervivencia y las estrategias colectivas (bien sean familiares o comunitarias) y poder sobrepasar el análisis neoclásico de las migraciones basadas en la concepción exclusiva del *homo economicus*. No obstante, el hecho de hacer del individuo protagonista del proceso migratorio no significa que la decisión migratoria sea, por ende, una acción individual. (Tradução nossa).

orienta-se para a realização de um objetivo material (economia, compra de uma casa, de um comércio, consumo de produtos variados); e a terceira seria de carácter imaterial e se traduz fundamentalmente em dar estudos aos seus filhos (CASAS, 2005, p. 88).⁷⁸

Seguindo este raciocínio, podemos concluir que na maioria dos casos analisados em que as mulheres migrantes deixaram seus filhos no momento da migração, seus projetos migratórios corresponderam a estratégias familiares, no sentido de que seus esforços por trabalhar e enviar recursos para aqueles que ficam estão voltados para a melhora de sua qualidade de vida em seus países de origem. Assim, a configuração familiar e a classe à qual pertence cada membro desse grupo pode influenciar nas estratégias das mulheres que decidem migrar. Nesta perspectiva, é importante ter conta que “dentro de uma mesma família há grandes diferenças educacionais entre irmãos e entre gerações, assim como diferenças de classe entre membros de uma mesma família extensa” (Mateos, 2005, p. 114).⁷⁹ Isso nos permitiria compreender como ocorre a configuração de muitos dos lares transnacionais, com relação à escolha dos familiares que ficam e que se responsabilizam pelo cuidado dos filhos ou dos pais das mulheres migrantes, em relação à distribuição de recursos.

4.2 A IMPORTÂNCIA DAS REDES DE CONTATO E DE SOLIDARIEDADE NAS MIGRAÇÕES

Ouvir notícias da migração de mulheres e homens que buscam trabalho em outros países tem se tornado comum para muitas das pessoas que permanecem. Os relatos de como é a vida lá fora atravessam fronteiras e distâncias em forma de cartas, fotografias, telefonemas e chamadas de vídeo para seus familiares e amigos, sendo esta a maneira que as/os migrantes encontram para expressar a saudade que sentem daqueles que ficam.

Em alguns casos, a informação que chega transforma-se, como veremos a seguir, na esperança daquele/as que sonham com uma vida melhor e que apostariam suas fichas na

⁷⁸ Por lo general, entre la inmigración latinoamericana en España suele ser la mujer la protagonista del proyecto migratorio. La estrategia familiar tiende a reproducirse entre migrantes casadas, viudas, separadas, divorciadas o madres solteras, que dejan al marido y/o hijo/s en el país de origen, y que suelen orientar la movilidad familiar hacia el espacio social de sus comunidades de procedencia. Las estrategias de movilidad social de estas mujeres podríamos clasificarlas básicamente en tres tipos: la primera cubriría el mantenimiento o subsistencia cotidiana de la unidad doméstica transnacional en sus necesidades más básicas (comida y vestimenta); la segunda se orienta a la consecución de un objetivo material (ahorro, compra de una casa, un comercio, consumo de productos varios); y la tercera sería de carácter inmaterial y traduce fundamentalmente en dar estudios a sus hijos. (Tradução nossa).

⁷⁹ Dentro de una misma familia hay fuertes diferencias educativas entre hermanos y entre generaciones, así como diferencias de clase entre miembros de una misma familia extensa. (Tradução nossa).

possibilidade da migração. Essa troca de informações entre quem vai e quem fica faz parte daquilo que chamamos de redes informais de contato e solidariedade na comunidade migrante, cujo alcance envolve mais ou menos pessoas a depender do contexto geográfico e social onde se desenvolvem. Em outras palavras, pode-se dizer que estas redes tendem a causar impactos nas regiões ou comunidades de origem das pessoas migrantes como, por exemplo, ao fazerem circular notícias sobre ofertas e possibilidades de emprego nos países de destino funcionando, portanto, como um incentivo às migrações. Desse modo, “as redes sociais ligam não apenas os migrantes com seus parentes e comunidades nos países de origem; elas também ligam os empregadores nas áreas de recebimento aos migrantes” (PORTES, 2006, p. 9)⁸⁰.

A característica mais marcante das redes de migrantes, é claro, é que elas existem em dois ou mais países, mas elas também tendem a ser um pouco limitadas e específicas em termos dos laços que as compõem. Além disso, a composição das redes de migrantes em termos de vínculos interpessoais e organizacionais nativos, não-nativos e da mesma etnia, muitas vezes muda ao longo do tempo (POROS, 2011, p. 1).⁸¹

Apesar de o conceito de rede social adotar outros significados no atual contexto da revolução das tecnologias e meios de comunicações, o adotamos inicialmente – considerando que o foco nas redes sociais presentes no ambiente virtual se dará mais adiante – para trabalhar as redes de contatos e de solidariedade que desde sempre existiram entre as pessoas migrantes, seus amigos e familiares.

Uma rede social é composta de indivíduos e organizações, muitas vezes chamados de “nós”, que são ligados por diferentes tipos de relacionamentos, como amizade, troca econômica, influência e interesses comuns. [...] As redes são diferentes dos grupos ou comunidades, pois não possuem limites fechados. São, em princípio, configurações abertas de relações que podem abranger grupos e comunidades, entre outras formações sociais (POROS, 2011, p. 1).⁸²

⁸⁰ Social networks link not only migrants with their kin and communities in sending countries; they also link employers in receiving areas to migrants. (Tradução nossa).

⁸¹ The most distinctive feature of migrant networks, of course, is that they exist across two or more countries, but they also tend to be somewhat limited and specific in terms of the ties that comprise them. Additionally, the composition of migrants’ networks in terms of native, non-native, and coethnic interpersonal and organizational ties often changes over time. (Tradução nossa).

⁸² A social network is made up of individuals and organizations, often called “nodes,” which are tied together by different sorts of relationships, such as friendship, economic exchange, influence, and common interests. [...] Networks are different from groups or communities in that they do not have closed boundaries. They are, in principle, open configurations of relationships that can encompass groups and communities, among other social formations. (Tradução nossa).

Nesse sentido, diversos autores analisam as redes a partir do conceito de capital social, “referindo-se aos recursos atuais ou potenciais vinculados aos laços sociais de um/a migrante – a qualidade do vínculo em si” (POROS, 2011, p.2). Este conceito, desenvolvido por Bourdieu (1986), pode ser entendido, neste contexto, como a quantidade e a qualidade dos vínculos ou das relações que uma pessoa desenvolve em seu convívio social, assim como o conteúdo das informações que circulam entre os indivíduos envolvidos.

O capital social é o agregado dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuos – ou, em outras palavras, pertencer a um grupo – que fornece a cada um de seus membros o apoio do capital de propriedade coletiva, uma “credencial” que lhes dá direito a crédito, nos vários sentidos da palavra (BOURDIEU, 1986, p. 21).⁸³

De acordo com Portes (2006), as teorias econômicas neoclássicas que explicam as migrações a partir da diferença salarial entre os indivíduos de diferentes países mostraram-se limitadas por ignorarem o contexto social em que se produz o cálculo dos indivíduos na hora de migrar. Assim, segundo este autor, a teoria da diferença salarial é capaz de explicar como se produzem as migrações mas, por outro lado, não consegue explicar a continuidade das mesmas com o passar do tempo.

Desde uma perspectiva macro desta teoria, as migrações se produzem pelas diferenças existentes entre regiões geográficas no que respeita à procura e oferta de emprego. Isso decorre em níveis mais ou menos elevados de salários de um país ou região com relação a outro. Assim, como resultado se tem uma decisão individual de maximização da renda, levando a um/a trabalhador/a a migrar para regiões com possibilidades de salários mais elevados. Nessa linha teórica, a eliminação da diferença salarial, entre países/regiões, terminaria com os fluxos migratórios (DUTRA, 2012, p. 32).

Seguindo este raciocínio, conforme nos mostram os resultados desta pesquisa, conhecer ou manter contato com alguém que possui informações sobre a migração ou que dispõe de recursos para ajudar a outrem constitui um elemento chave para que estas mulheres tomem a decisão de migrar.

Tanto em suas respostas aos questionários como em suas entrevistas, comprovamos a existência e a atuação das redes de contatos e de solidariedade entre as migrantes desde o início

⁸³ Social capital is the aggregate of the actual or potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition — or in other words, to membership in a group — which provides each of its members with the backing of the collectively owned capital, a “credential” which entitles them to credit, in the various senses of the word. (Tradução nossa).

de seu processo migratório como, também, após sua chegada na Espanha. Sobre o momento da partida, todas as colaboradoras afirmaram em suas respostas ao questionário haver contado com a ajuda de uma pessoa conhecida – familiar ou amigo/a – de sua mesma cidade ou país que atuou como uma espécie de ponte entre seu país de origem e seu país de destino. Neste sentido,

As redes de migrantes também determinam se e em que medida os imigrantes se integram em seus países de acolhimento, mantendo ao mesmo tempo uma conexão com seus países de origem - um processo conhecido como transnacionalismo (POROS, 2011, p.1).⁸⁴

Ao adentrar em suas trajetórias, este elemento aparece com frequência na fala de nossas colaboradoras quando perguntamos sobre como se deu sua decisão de migrar, de maneira que em todos os casos analisados, a atuação das redes mostrou-se fundamental para a constituição de seu processo migratório. Além do momento inicial da migração, as redes também atuam em outros momentos do processo migratório, funcionando como fonte de informação; auxiliando em sua inserção no mercado de trabalho; facilitando a moradia e até mesmo o financiamento da viagem.

Tais informações aparecem no relato de Dandara, quem nos conta acerca da importância que as redes tiveram para que ela tomasse a decisão de migrar. Neste caso, Dandara contou com a ajuda da ex-mulher de seu sobrinho que vivia em sua cidade, cuja irmã já estava na Espanha há mais tempo.

[Como se deu a decisão de migrar para a Espanha? Perguntamos].

O que eu ganhava não dava para fazer nada e, então, a partir daí eu resolvi pensar em vir para fora do Brasil e coincidiu que eu tive a casualidade da minha sobrinha, que era casada com o meu sobrinho. A irmã dela estava na Espanha e como nós éramos amigas, ela me fez a oferta de me trazer. Então eu vim com ela, e foi difícil a primeira vez que eu vim para fora do Brasil. Não foi fácil. Foi fácil quando eu morei com ela dois anos, a partir do momento que eu saí da casa dela pra eu viver sozinha na Europa, foi difícil. Foi um começo duro e, pouco a pouco, eu fui fazendo minhas coisas (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

Tanto Dandara como Visitación contaram com a ajuda de uma amiga de sua mesma cidade, e anos depois de sua chegada na Espanha, ambas ajudaram a outra conhecida, também

⁸⁴ Migrant networks also determine whether and to what extent immigrants integrate into their host countries while also maintaining a connection to their home countries — a process known as transnationalism. (Tradução nossa).

de suas cidades, a migrar para este país. Nestes casos, o fato de serem solteiras e não possuírem filhos morando consigo lhes abre a possibilidade de ajudar alguém de seu próprio país visando, por exemplo, sua companhia ou alguém de confiança com quem dividir moradia na Espanha.

[Como você conseguiu seu primeiro trabalho na Espanha? Perguntamos].

Uma amiga do meu país. Foi através de uma amiga que eu consegui meu primeiro trabalho. Uma amiga da minha cidade (Trecho de entrevista – Visitación, 32 anos, Honduras).

Diferentemente das demais colaboradoras, Micaela e Bartolina possuem uma trajetória semelhante no que diz respeito ao fato de migrarem depois que seus parceiros, de modo que estes também atuaram como redes de apoio em seu processo migratório. Neste caso, ambas negaram haver ajudado alguém de sua cidade ou país a migrar para a Espanha, levando somente seus filhos/as através da reagrupação familiar.

[Você possuía algum contato na Espanha que facilitou a migração? Perguntamos].

Acontece que minhas cunhadas, as irmãs do meu marido já moravam aqui na Espanha. Elas ficaram durante uns 15 anos e ajudaram meu marido para que ele viesse. Então, através delas, eu vim com meu marido. Ele veio primeiro, o meu marido e, depois, no ano seguinte, eu vim. Mas elas, depois de um bom tempo, voltaram para o Peru. Quando meu esposo veio para Espanha, ele trouxe o nosso filho mais velho, quando tinha 18 anos. No ano seguinte eu vim com meu filho e minha filha (Trecho de entrevista – Micaela, 48 anos, Peru).

Apesar de contar com o apoio de seu marido que já estava na Espanha para empreender a viagem, Bartolina recorreu a uma antiga amiga de origem espanhola que conheceu anos atrás ainda na Bolívia para encontrar seu primeiro emprego. Segundo ela, sua amiga trabalhava em uma ONG em Camiri, sua cidade natal e, diante da difícil situação em que se encontrava, ofereceu-lhe ajuda no caso de que um dia ela fosse para a Espanha. E, assim, através deste contato, Bartolina conseguiu seu primeiro emprego onze anos atrás, onde se encontra até os dias de hoje.

[Você conhecia alguém na Espanha antes de migrar? Perguntamos].

Quando eu morava na Bolívia, conheci a uma senhora espanhola que trabalhava em uma ONG, que trabalhava e ajudava muito, especialmente aos camirenhos – porque eu sou de Camiri, sou do Chaco da Bolívia, certo? Então ela ajudava muito na minha cidade e eu, sem conhece-la, lhe pedi essa colaboração. Mas ela me disse: “eu te ajudo, mas se você estiver na Espanha”. Então eu vim e a procurei aqui. Melhor dito o meu marido, que já sabia algo sobre ela. Então eu liguei pra ela sem saber em que cidade ela estava, porque ela só me disse que era na Espanha. Então sem saber em qual cidade ela estava eu liguei pra ela esse dia. Dia 1º de janeiro eu a chamei e lhe disse: “sou Bartolina, venho de Camiri, você se lembra de mim?” e ela disse: “claro que me lembro, mas, olha, nesse momento eu não posso te atender porque estou em lua de mel”. Ela havia se casado. Então eu perguntei quando podíamos marcar um encontro e ela me deu seu endereço. E eu disse, mas onde? Em Valencia? E ela disse, “sim, em Valencia!”. E eu disse “mas que maravilha! Em Valencia, eu estou em aqui!”. Logo fui vê-la e ela me deu o endereço que era em um polígono aqui em Paiporta, há uns dez minutos de trem. “Você vai nesse endereço que estará a minha mãe”. Então eu chego, a senhora me atende e me disse “olha, tem uma senhora que trabalha aqui mas não a queremos mais porque ela só trabalha pelas tardes, e nós queremos a alguém que trabalhe também pelas manhãs”.

[Então o seu primeiro emprego foi na casa desta senhora?].

Sim, eu comecei a trabalhar e até hoje estou lá. Olha, desde 2007, praticamente, porque eu comecei a trabalhar dia 6 de janeiro de 2007, até o dia de hoje. Ou seja, praticamente eu não conheço outro trabalho. Ela me fez os papeis, tudo, tudo. Falando de papeis, ela me fez tudo, por isso agora eu já tenho até a dupla nacionalidade de migrante (Trecho de entrevista – Bartolina, 53 anos, Bolívia).

Também observamos que, com o passar do tempo, estas redes tendem a expandir-se ou constituem-se novas redes entre as mulheres migrantes, de modo que elas se ajudam entre si com indicações de postos de trabalho e apoiando àquelas migrantes que encontram-se em situações difíceis – como no caso de quando não têm moradia. Neste sentido, todas as participantes afirmaram manter contato com outras mulheres migrantes na Espanha, principalmente, com aquelas de origem latino-americana.

Esta rede torna-se ainda mais sólida no caso de Josefa, nossa colaboradora nicaraguense que mora em Madrid junto ao seu marido e que desenvolve um tipo de trabalho social a partir de sua religiosidade, ajudando e abrigando em sua casa àquelas/es migrantes que não tem onde ficar.

[Você conhece ou mantém contato com outras mulheres migrantes?].

Sim, casualmente me aconteceu de receber a muitas pessoas de outros países. De Honduras, principalmente, porque eu conheci muita gente de Honduras. Tenho relação com muitas pessoas de diferentes nações, de países, do seu país, do Brasil, do Equador, do Paraguai, Panamá, Guatemala, Venezuela, Cuba... Com todas essas pessoas, e sempre me aconteceu isso. Durante meus primeiros dois anos eu trabalhei aqui como interna, mas depois eu prometi ao meu coração não seguir como interna, porque quando você trabalha como interna em um apartamento, eles te escravizam mais. Querem que você esteja aí até... desde quando você se levanta, às sete ou oito da manhã, até a hora que os senhores se deitam. Então prometi ao meu coração não estar escravizada sempre em uma casa, e comecei a orar a Deus e lhe disse “eu não quero trabalhar de interna, eu não quero mais nenhum trabalho como interna”. E sai do trabalho de interna e agora eu trabalho em uma fundação. Sou encarrega da limpeza de uma fundação, de uma agência de emprego para pessoas portadoras de necessidades especiais. Já fazem quase cinco anos que estou nessa fundação e posso desenvolver minha vida laboral e minha vida social. E também posso fazer meu trabalho na obra, porque nós aqui somos pastores. Eu me casei com um espanhol e somos pastores aqui na Espanha. Estamos começando uma obra e estamos trabalhando com gente de diferentes países. Agora mesmo temos contato com gente do Paraguai, trabalhamos desde aqui com gente do Paraguai e, bom, estamos como que expandindo e abarcando muitas áreas, digo, no âmbito social, para servir de ajuda. Eu tive a muitas pessoas debaixo do meu teto, ajudei a muita gente, inclusive, aos espanhóis. Eu dei moradia a pessoas espanholas que estavam na rua porque tinham problemas com as drogas, porque haviam sido mandados embora de suas casas e estavam em um abrigo. Eu os acolhi em minha casa e lhes dei teto e comida. Ajudei a todo aquele que tem uma necessidade, porque sou cristã, porque a obra de Deus manda que nós, quando vemos às pessoas necessitadas, lhes ajudemos. Me relacionei com muitas pessoas e continuo fazendo isso, e a cada dia soma-se mais gente. Agora mesmo uma mulher do seu país me acaba de ligar pedindo-me ajuda porque ela está na rua e não tem para onde ir. E eu lhe disse “me espera que eu vou falar com o meu marido para ver como podemos te ajudar” (Trecho de entrevista – Josefa, 53 anos, Nicarágua).

O tema da contratação mediante indicações das redes sociais de contatos também é evidenciado por Hondagneu-Sotelo et al. (2011), em sua pesquisa sobre o trabalho dos/as migrantes em Los Angeles. Assim, sabe-se que as redes sociais existem entre as trabalhadoras migrantes e também entre os/as contratantes – onde pessoas de uma mesma classe indicam as trabalhadoras domésticas e cuidadoras para seus amigos, vizinhos e companheiros de trabalho

– considerando que “as redes sociais inspiram confiança automática quando se trata de residências particulares e de crianças” (HONDAGNEU-SOTELO et al. 2011, p. 812).⁸⁵

Segundo o Colectivo IOÉ (2005), a inserção das imigrantes no primeiro trabalho na Espanha ocorre, primeiramente, mediante as redes familiares e de amizades, seguidas pelos anúncios de jornais ou através de associações de imigrantes, ONGs e organizações religiosas. No caso do trabalho doméstico, surge uma relação de favor de cunho mercantil onde uma imigrante já empregada indica a outra imigrante para os amigos/as de sua empregadora ou empregador. A indicação de outras imigrantes para a realização do trabalho doméstico é comum pelo fato dos/as empregadores/as necessitarem do componente da confiança na hora de colocarem alguém desconhecido dentro de suas casas

Após sua chegada, com o passar do tempo, é comum que essas imigrantes facilitem também a entrada de novos/as imigrantes, podendo ser seus parentes, vizinhos ou amigos. Segundo dados do Colectivo IOÉ (2005), 80% das estrangeiras que trabalham no serviço doméstico afirma ter promovido ou facilitado a viagem para a Espanha de outras pessoas de sua família. Em nossa pesquisa, três das sete participantes – Dandara, Visitación e Josefa – afirmaram haver ajudado alguém de seu mesmo país de origem a migrar para a Espanha. Este tipo de colaboração ao qual nos referimos aqui não abrange os casos de reunificação familiar, tendo em vista que as todas as demais mulheres que negaram haver facilitado a entrada de alguém, levaram seus filhos para a Espanha depois de um tempo mediante o processo de reunificação.

Neste sentido, conforme afirma o Colectivo IOÉ (2005), é comum que as mulheres que migram através destas redes dividam moradia ou trabalhem no mesmo emprego, podendo pertencer ou não ao mesmo grupo familiar, constituindo agrupamentos étnicos ou de nacionalidade entre as imigrantes que se encontram em um mesmo país.

Por outro lado, vale lembrar que à medida que os laços familiares entre os/as imigrantes são fracos ou inexistentes, é possível o surgimento de relações mercantis entre as partes, envolvendo, por exemplo, o pagamento de aluguel ou despesas abusivas. Isso ocorre porque as redes de migrantes mais antigos também podem tirar proveito dos/as recém chegados/as por não estarem inseridos/as no contexto local ou não possuírem o mesmo capital social que os

⁸⁵ Las redes sociales inspiran confianza automática respecto a las viviendas particulares y a los niños. (Tradução nossa).

primeiros. “Em todo caso, constata-se a importância do vínculo de nacionalidade como cimento organizador das redes migratórias” (Colectivo IOÉ, 2005, p. 21).⁸⁶

A partir destas considerações, constatamos a importância das redes para a concentração das imigrantes latino-americanas no trabalho doméstico na Espanha, através da circulação de informações referentes a estes trabalhos entre as próprias imigrantes, o que, por sua vez, encontra-se diretamente relacionado com o fenômeno da feminização desta migração durante as últimas décadas.

Ainda no que diz respeito à circulação de informações entre os indivíduos de uma rede, é comum que os/as migrantes passem uma imagem ou ideia de vida diferente daquela vivida no país de destino, no sentido de que mesmo sabendo das inúmeras dificuldades por vezes encontradas – tais como a falta de emprego, a falta de moradia, o tratamento que os/as migrantes recebem por parte da sociedade receptora ou a posição social que ocupam como trabalhadores/as – é possível que estas informações permaneçam ocultas enquanto uma outra narrativa mais positiva e otimista sobre as conquistas e estilos de vida dos/as migrantes é construída diante daqueles que permanecem em seu país de origem.

Tal problemática é discutida por Sayad (2004) em seu trabalho sobre a migração argelina na França, onde ele analisa ambos ‘lados’ da figura do migrante – aquele referente à sua sociedade de destino e, também, aquele referente à sociedade de origem – visibilizando, desta maneira, “a diversidade de causas e motivos que podem haver determinado as partidas e orientado a diversidade das trajetórias” (BOURDIEU, 2004, p. 8). Trata-se daquilo que Bourdieu – autor responsável pela escrita do prefácio desta obra, publicada após a morte de Sayad – chama de ‘mentiras inocentes que ajudam a reproduzir ilusões sobre a terra de exílio’.

O trecho a seguir refere-se a uma entrevista realizada por Sayad em 1975, na França, a um imigrante de origem cabila⁸⁷, onde ele explica como se sente em relação às contradições entre as narrativas dos migrantes que voltam ao seu país de origem e o que realmente acontece na França.

‘Não, eles nunca nos explicaram como era a França antes de conhecê-la. Nós os vemos chegando em casa, eles estão bem vestidos, trazem de volta malas cheias, com dinheiro nos bolsos, nós os vemos gastando aquele dinheiro sem sequer pensar nisso; eles estão bonitos, estão gordos. E quando eles falam, o que eles dizem? Eles falam sobre o trabalho deles. Quando eles dizem "eu faço um trabalho difícil", nós os admiramos. Se suspeitarmos que eles

⁸⁶ En todo caso, se constata la importancia del vínculo de nacionalidad como cemento cohesionador de las redes migratorias. (Tradução nossa).

⁸⁷ Cabília é o nome dado a uma região montanhosa localizada ao norte da Argélia.

mentem, é porque eles se orgulham de fazer um trabalho difícil, um trabalho duro; o trabalho é sempre difícil, você tem que ser forte para isso, e isso significa que eles estão ganhando muito dinheiro. É nisso que você acredita quando não vê com os próprios olhos. Ninguém fala sobre todo o resto' (SAYAD, 2004, p. 17).⁸⁸

A este respeito, consultamos as mulheres migrantes sobre suas expectativas prévias e suas impressões posteriores ao processo migratório, assim como sobre o que elas diriam para outra mulher que quisesse migrar para trabalhar na Espanha, buscando desmitificar, a partir de suas experiências, isso que Sayad constatou em sua pesquisa realizada com os migrantes argelinos na França.

[A vida na Espanha é como você esperava? Perguntamos].

Acho que não é como eu esperava, é diferente. Achei que em todos os sentidos ia ser mais fácil: trabalhar menos, menos horas de trabalho, a remuneração seria maior. Mas não, é difícil.

[O que você diria a outra mulher que pretende migrar para trabalhar no mesmo que você?].

Eu apoiaria, mas com uma condição, que traga os filhos, que os filhos venham junto. Marido não é importante, porque o marido é o de menos na vida de uma mulher. Mas os filhos são importantes (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

[A vida na Espanha é como você esperava? Perguntamos].

Não esperava nada, na verdade. Quando as pessoas tentavam me dizer que aqui ia me acontecer isso ou aquilo, eu tentava não escutar e lhes dizia que não me contassem nada. Na verdade, tudo o que o se refere a ser imigrante para mim foi novo, uma experiência nova. Vivo muito tranquila por um lado mas, por outro, não porque você está com aquela sensação de que te falta algo.

[O que você diria a outra mulher que pretende migrar para trabalhar no mesmo que você?].

⁸⁸ 'No, they never explained to us what France was really like before we got to know it. We see them coming home, they are well dressed, they bring back full suitcases, with money in their pockets, we see them spending that money without even thinking about it; they are handsome, they are fat. And when they talk, what do they say? They talk about their work. When they say "I do a difficult job", we admire them. If we suspect them of lying, it's because they boast of doing a difficult job, a hard job; work is always hard, you have to be strong to do it, and that means that they are making a lot of money. That is what you believe when you haven't seen with your own eyes. No one talks about all the rest of it'. (Tradução nossa).

Pois, tem gente do meu país que me diz “eu queria ir, queria ir para fazer minha casa, para que meus filhos tenham uma vida melhor”. Eu lhes animo para vir, sabe. Mas por trás disso está o conselho de que, quando puder, traga também seus filhos. Que seus filhos venham com você, sempre lhes digo isso. Que os filhos venham consigo, que os filhos sejam criados consigo. Sempre digo isso, mas eu lhes animo, porque a situação lá é difícil, é muito difícil. No meu país agora mesmo se está vivendo como na Venezuela, mas nós ainda estamos melhores, sabe (Trecho de entrevista – Visitación, 32 anos, Honduras).

[A vida na Espanha é como você esperava? Perguntamos].

Não. Não. Pensei que era... vejamos, é que nessa época que eu vim estava começando a crise que nos afetou, lógico que nos afetou. Mas, como se chama... esperava encontrar trabalho, não? Mais trabalho, mais que nada, para mim e para meu esposo. Mas se não há trabalho, bom, agora já estamos aqui (Trecho de entrevista – Micaela, 48 anos, Perú).

[O que você diria para outra mulher que pretende sair do seu país e ir trabalhar como doméstica na Espanha?].

Ah.... Meu deus... Porque, sabe de uma coisa. É porque aqui na Espanha, por exemplo, o que você vai ter melhor que no Brasil é a sua segurança e a sua qualidade de vida, mas também se você não é uma pessoa que foi acostumada a ter uma qualidade de vida boa no Brasil, você vai acabar vivendo como pobre na Espanha também. Isso é verdade, sabe. Porque se você não tinha uma qualidade de vida... porque aqui você não vai juntar dinheiro para voltar no Brasil. Ninguém tem dinheiro aqui para voltar para o Brasil hoje, ninguém. Aqui o que eu tenho, o meu marido trabalha, a gente deixa por mês na casa. Sabe. E depois que o neném nasceu, tem dois anos que a gente não faz uma viagem. Porque a gente é de viajar, essas coisas. Então a gente conseguia viajar antes. Então, se alguém quer vir, não pode vir naquela ilusão de “ai, que eu vou pra Espanha, vou trabalhar e vou ganhar dinheiro”. Não. Não. Não. Você vai sobreviver igual você sobrevive no Brasil, com a diferença da qualidade de vida e a segurança que você vai ter. Mas, e se você tem filho pequeno e você quer vir e trazer seu filho, eu acho válido, sabe? Eu acho válido, porque vai ter uma educação e vai ter uma vida melhor. Então é bem complicado, porque se é para uma pessoa vir sonhando que vai ficar rica, que vai ter dinheiro, que vai ganhar um rio de dinheiro, não vai. Não vai. É o país mais pobre da Europa, as leis trabalhistas abusam. Contrato temporal de 2 meses e a pessoa te manda embora e você não tem direito a nada. É muito parecido com o Brasil. É uma exploração de trabalhadores imensa. E a maioria para trabalhar de limpeza, faxina em uma casa, não vão fazer contrato. Não vai ter seguridade social. E oxalá se tiver INSS e aposentadoria ainda pra gente, né. É difícil ainda, tanto aqui como no Brasil. É igual hein, é igual. A diferença é praticamente pouca. Mas se quer vir, tem que vir. Eu acho

que tem que vir mesmo (Trecho de entrevista – Marielle, 49 anos, Brasil).

[O que você diria a outra mulher que pretende deixar seu país e migrar para trabalhar na Espanha? Perguntamos].

Lhe diria que... [suspiros]. Como diz a escritura, todo aquele vai construir algo, primeiramente avalia se conta com todos os elementos, as ferramentas necessárias como para começar uma construção. Porque não vá ser que pelo caminho perceba que lhe falta algo, e não pode seguir edificando. Pois eu lhe diria que avalie bem o passo que vai dar porque, aparentemente, parece fácil: eu vou para a Espanha, vou fazer dinheiro, vou trabalhar, vou ajudar a minha família. Mas quando você vem aqui, você encontra muitas, muitas dificuldades, com muitos tropeços. Que quando uma pessoa está no seu país, não avalia “onde vou viver? Quem vai me aceitar? Vou encontrar trabalho imediatamente? Vou ter dinheiro ou os meios para suprir minhas necessidades? ou quanto tempo vou estar nesse país? E minha família, como fica?” Sobretudo si temos crianças pequenas, que são as que mais sofrem com a separação das mães. Assim que a minha mensagem sempre será: é preciso ver os elementos com que conto para empreender essa viagem. E tenho que ter claro qual é a meta que tenho para poder alcança-la o mais rápido possível. Se não, como já te digo, eu não vou mover os meus filhos sem que eles venham com suas famílias. Si alguém se muda, que se mude com sua família. Se tenho um filho, pois eu o trago, porque assim eu o tenho. E se tenho que passar penúrias... pois ele estará do meu lado, o terei ao meu lado, sabe. Porque o mais doloroso é saber que você tem filhos e que eles estão lá sob o cuidado de outra pessoa que não vai ama-los e não vai cuida-los como uma mãe faz com seus filhos. Então que... tem que pensar bem. Sair da nossa terra não é fácil e mais quando temos família lá (Trecho de entrevista – Josefa, 53 anos, Nicarágua).

As expectativas das mulheres quanto à migração aparecem muito mais relacionadas ao seu objetivo principal de encontrar trabalho e cumprir com seu objetivo de ajudar os filhos ou as famílias que ficam. Suas frustrações com a migração surgem, portanto, diante da ocorrência de imprevistos que impossibilitem seu reencontro com suas famílias; diante da dificuldade de encontrar trabalho – ou de encontrar somente trabalhos precarizados com baixos salários e de não ganharem o suficiente para economizarem e voltarem a seus países de origem, para morar ou para visitar.

4.3 MIGRAÇÃO, FAMÍLIA E EMOÇÕES

A migração constitui uma saída para os problemas econômicos presentes nos países de origem sendo, às vezes, inicialmente imaginada por estas mulheres como um processo com duração determinada – talvez o tempo suficiente para poder economizar uma quantia de dinheiro, comprar a casa própria ou pagar os estudos dos filhos – visando, posteriormente, poder voltar para perto de suas famílias. No entanto, como vimos em suas narrativas, este processo nem sempre ocorre conforme o planejado, de maneira que elas acabam ficando por muito mais tempo no país de destino. Nesta perspectiva, o estudo das emoções nas migrações nos permite entender “como a globalização cria novos tipos de experiências associadas com correr riscos, com a experimentação e a auto expressão, que reforçam novas formas de apreensão e ansiedades” (SVASEK; SKRBIS, 2007, p. 372).⁸⁹

Para a maioria das mulheres entrevistadas, o exercício da maternidade à distância constitui a única saída possível frente à separação física de suas famílias. Fatores como a dificuldade para regularizar sua situação na Espanha, somada ao tempo de espera para poder realizar a reagrupação familiar – assim como o alto custo das viagens para visitarem seus países de origem – supõem para as migrantes longos períodos de separação física de seus filhos e familiares.

Neste contexto, o contato diário através do telefone e das redes sociais, assim como o envio de remessas e de presentes, constituem um tipo de maternidade exercido à distância, conceituado por Hondagneu-Sotelo (1997) como maternidade transnacional. Trata-se de um tipo diferente daquele esperado para a maioria das mulheres pois, apesar do modelo tradicional de maternidade apresentar-se como uma prática que depende da presença física da mãe para a alimentação e educação dos filhos, é importante ressaltar que esta mesma atividade assume outros contornos segundo a raça, classe e cultura à qual pertençam as mulheres – considerando a prática da maternidade como um processo socialmente construído e que não possui um modelo fixo ou biologicamente determinado.

Assim, além dos desafios presentes no exercício de seu trabalho na Espanha, as mulheres imigrantes também lidam com os sentimentos de saudade, de perda, de estranhamento e de solidão por estarem separadas de suas famílias, razões pelas quais consideramos importante analisar as consequências que a migração teve em suas vidas.

A importância das emoções para os estudos sobre os diferentes tipos de mobilidade humana é defendida por diversos autores/as (AHMED, 1999; SKRBIS, 2008; SVASEK e

⁸⁹ [...] how globalisation creates new types of experiences associated with risk-taking, experimentation, and self-expression, which enforce new forms of apprehension and anxieties. (Tradução nossa).

SKRBIS, 2007) por possibilitar uma melhor compreensão das experiências destes indivíduos em movimento – tanto físico como emocional – em um mundo cada vez mais globalizado. Segundo Svasek e Skrbis (2007), podemos diferenciar três dimensões da globalização, que são o movimento de pessoas; de práticas e ideias e de objetos e imagens. Como vimos anteriormente, as redes sociais atuam em todas estas dimensões, colocando em movimento não só informações, ideias e objetos mas, também, os indivíduos.

Migrar implica entrar em contato com outros costumes, culturas e idiomas, o que às vezes demanda certo tempo das imigrantes para se acostumarem a tais mudanças, reforçando o entendimento de “[...] que as subjetividades são moldadas continuamente através da experiência vivida e que os eus são negociados através do engajamento emocional ativo com os ambientes passado, presente e futuro” (SVASEK; SKRBIS, 2007, p. 378).⁹⁰

Nesse sentido, mesmo que a maioria das mulheres latino-americanas compartilhem o mesmo idioma que os espanhóis, outras questões como a cor da pele ou os traços étnicos são vistas e compreendidas pela sociedade receptora, muitas vezes, de forma preconceituosa e, inclusive, violenta, conforme relata Bartolina acerca das dificuldades que teve para adaptar-se à nova cultura.

[Você teve dificuldades para se adaptar à nova cultura da Espanha? Se sim, quais?].

Sim, durante um tempo, sim. Estava muito amedrontada, muito mal porque acontece que às vezes tem pessoas na rua, não estou falando do meu trabalho, mas na rua. Eles nos olham e nós, pois, nos sentimos mal. Eles reconhecem a gente pela cor da pele, pelos traços que temos, latinos. Eles sempre percebem. Às vezes a juventude é muito ruim, e as crianças, mais que todo mundo. Porque acho que minha filha sofreu isso, mas eu fui no colégio e conversamos e tudo agora já está bem. As crianças são as que sofrem mais esta integração. São elas porque ao fim e ao cabo nós, os adultos, suportamos e aguentamos isso, não? Mas as crianças não, as crianças e os adolescentes, não (Trecho de entrevista – Bartolina, 53 anos, Bolívia).

Já no caso de Dandara, de nacionalidade brasileira, as dificuldades por ela enfrentadas durante o processo de adaptação são diferentes daquelas de Bartolina, de maneira que o idioma aparece como uma das principais dificuldades.

⁹⁰ [...] that subjectivities are continuously shaped through lived experience and that selves are negotiated through active emotional engagement with past, present, and future environments. (Tradução nossa).

[Você teve dificuldades para se adaptar à nova cultura da Espanha? Você poderia descrevê-las? Perguntamos].

Sim, tive. Tive muita dificuldade. Primeiro tive dificuldade com o idioma, porque eu nem tinha noção, com o idioma, com as pessoas, com o dia a dia, com o costume das pessoas, com a maneira de ser das pessoas, com os hábitos, eu tive dificuldade. Mas essa dificuldade que eu tive foi mais assim, de três a seis meses porque como eu gostei, desde o início eu gostei muito da Europa e da Espanha, então assim, minha dificuldade foi de três a seis meses. Não muito (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

Quando perguntamos por suas famílias, todas as mulheres entrevistadas manifestaram com mais intensidade seus sentimentos de saudade e também de tristeza por passaram longos períodos de tempo sem visita-las. Para elas, o fato de terem a documentação regularizada na Espanha – o que lhes permite entrar e sair do país sem problemas para regressar – não faz muita diferença se sua condição financeira não lhes possibilita pagar pela viagem, considerando que o salário que geralmente ganham como trabalhadoras domésticas é pouco diante do custo de vida elevado na Espanha. Assim, apesar de levarem muito tempo vivendo nesse país, muitas delas lamentam o fato de não visitarem suas famílias com a frequência desejada e, quando o fazem, elas lidam com os sentimentos de estranhamento por voltar a casa depois de tantos anos.

O tema da maternidade à distância e os sentimentos resultantes deste processo são evidenciados por Bartolina, que lamenta a separação de seus quatro filhos que vivem na Bolívia. No que diz respeito às suas intenções de voltar a viver em seu país, as dificuldades econômicas aparecem como o principal obstáculo para que isso ocorra, de maneira que a possibilidade de aposentar-se na Espanha constitui uma esperança para o futuro.

[Sobre sua família que ficou na Bolívia, como ocorre a manutenção dos afetos entre vocês? Perguntamos].

Veja, nesse aspecto... ai, você tocou no ponto fraco! [se emociona]. Nesse aspecto, a verdade é que eu sinto muita saudade deles. Tenho quatro filhos que já são grandes, já tem sua vida feita mas como sempre, eles foram minhas crianças. Bom, para uma mãe eles nunca deixam de ser bebês, não? Tenho a todos eles ai, organizados, mas eles sempre me dizem “mãezinha, queremos te abraçar, queremos isso...”. Coitados, faz onze anos que estou aqui na Espanha. O ano passado foi duro [começa a chorar], foi muito duro ver meus netos, porque eu fui conhecer meus netos que ainda não me conheciam. Eles se apegaram muitíssimo a mim, me amam muito e eu a eles. Queria ter mais tempo para estar com eles, mas para mim é difícil pelo trabalho, pela situação econômica.

[Você acha que as vantagens econômicas superam os custos emocionais do processo migratório?].

Não. Não. Não. Porque cada vez que eu me lembro que estou aqui, mas também digo, o que vou fazer lá? Vou viver de que? Vou viver de que? É duro pensar isso, onde vou morar, de que vou viver se o governo, esse que ajuda em outros países, não vai fazer nada pelos retornados. Aqui na Espanha sim que há uma ajuda, mas em troca de que você devolva o seu documento nacional de identidade, o D.N.I. Você o devolve e eles te dão algo de dinheiro para você voltar. E então você volta pra lá e já não tem mais as amizades, você perdeu suas amizades e, de repente, a sua família. Porque eu já perdi até minha irmã, inclusive, estando eu aqui, a meu cunhado também. Perdi muitas pessoas que faleceram sem que eu estivesse lá, e isso é outra dor muito dura, por saber que temos familiares doentes, em estado delicado e saber que não podemos fazer nada, nada. É uma impotência que se sente aqui mas, o que podemos fazer? Não existe essa ajuda do governo, não existe.

[Você pensa voltar para a Bolívia?].

Eu? O dia que eu tenha o dinheiro necessário para poder montar ai o meu negócio ou viver de algo, pois então eu irei, ou esperarei a minha aposentadoria que também, pois, me dará meu dinheiro. Bom, mas ainda me falta muito porque tenho 53 anos e só poderei me aposentar aos 65. Agora por último disseram que eram aos 67 anos, mas do jeito que a coisa está, quem sabe se eles nos fazem trabalhar até ficarmos velhinhos. Eu tenho essa esperança, de viver minha aposentadoria, porque não tenho outra opção, a não ser que eu ganhe na loteria ou algo do tipo (Trecho de entrevista – Bartolina, 53 anos, Bolívia).

Para entender melhor os significados que têm para as mulheres migrantes ‘estar em casa e estar longe’ – conforme elabora Ahmed (1999) – conversamos com nossas colaboradoras sobre seus sentimentos diante da separação física de suas famílias e, também, acerca de suas intenções de voltarem a viver, futuramente, em seus países de origem.

[Sobre sua vida familiar, quem ficou em seu país de origem? Perguntamos].

Eu, quando eu voltei, voltei depois de sete anos. Primeiramente porque sempre trabalhei e sempre mandei todo o meu dinheiro. Então, quando eu tinha todos os documentos em ordem, não podia ir porque não tinha dinheiro, me entende? E também não queria ir com pouco dinheiro depois de tantos anos. E, depois, quando eu tinha um trabalho legal também, quando ganhava mais dinheiro e, bom, juntei um pouquinho de dinheiro e fui ver os meus filhos. Agora vivo com quatro dos meus

filhos aqui, mas ainda me faltam meus outros dois filhos. Estamos aqui, sabe? Mas nunca será como estar em nossa terra. Nada é igual (Trecho de entrevista – Serafina, 51 anos, Paraguai).

Através da história de Serafina, mãe de seis filhos que migrou para trabalhar e pagar-lhes os estudos, vemos como apesar de conseguir a documentação e realizar o processo de reagrupação familiar para quatro de seus filhos, ela ainda se sente incompleta uma vez que seus outros dois filhos e também sua mãe permanecem no Paraguai. Procuramos adentrar um pouco em sua trajetória de migração e percebemos que, para Serafina, o sofrimento pelo distanciamento da família constitui a principal repercussão que o processo migratório teve em sua vida. Para Serafina, estar longe de sua família relaciona-se ao seu sentimento de estar longe de casa, de sua terra natal.

[Que repercussão teve o processo migratório em sua vida?].

A repercussão, até o dia de hoje, me parece que já não somos a pessoa que éramos antes. Seja pela experiência laboral ou pelo esfriamento das relações com a família, estar longe da família, isso... [pausa] te dá certa sensibilidade, uma... [se emociona] como eu te explico isso? Te dou um exemplo. Por exemplo, que estando com a família mais perto, nos vemos todos os dias, isso e aquilo. Pois estas relações não se podem comparar com isto, com depois de termos imigrado, sabe? Você não pode amar tanto como queria à sua família, ainda que onde quer que eu vá, vou amar sempre minha família, minhas irmãs, minhas primas. Mas sim se podia evitar essa falta de contato com os filhos, principalmente. Com a família toda se podia evitar. Seria muito melhor que distanciar a família inteira, me entende? Sim, dá repercussões, dá muitas. Porque eu, por exemplo, as pessoas sempre me dizem, as pessoas que me conhecem e que não me conhecem, me dizem “por que você está tão triste?” Porque isso se reflete no rosto ainda que eu queira dissimular. Mas se nota, entende? No olhar... e muitas vezes, por exemplo, estamos nas festas, longe da família, ou porque estou aqui com quatro filhos e lá tenho a meus outros dois filhos. Estou aqui mas não estou completa. Então essas são coisas que te passam fatura, muitíssimo, muitíssimo. O que eu te digo, passar o Natal sozinha, ainda que tenha meus filhos aqui comigo, mas minha mãe está lá. Ela ainda está viva, graças à Deus. Está longe e está cumprindo anos esses dias. Ela vai cumprir 90 anos e meus irmãos vão para sua casa festejar e estar perto dela e eu, por exemplo, estou longe. E todas estas coisas causam tristeza, sabe? Não estar com a sua família, como deus manda, como tem que ser, sim que te passa fatura (Trecho de entrevista – Serafina, 51 anos, Paraguai).

Segundo Ahmed (1999), o deslocamento das pessoas – neste caso, a imigração – possui implicações na construção de suas subjetividades e, conseqüentemente, também na formação de suas identidades a partir de suas interações com a nova sociedade. Nesse sentido, ser imigrante significa, também, pensar a si mesmo longe de casa, a partir de um outro lugar que lhe é, portanto, estranho (AHMED, 1999). Para esta autora, este lugar que denominamos casa pode adotar significados diferentes para cada pessoa como, por exemplo, o lugar onde moramos, o lugar onde mora nossa família ou nosso país de origem.

Querendo ou não, as pessoas transnacionalmente móveis, talvez melhor (embora não exclusivamente) sintetizadas nos migrantes, "carregam" lembranças e sentimentos particulares e são, até certo ponto, condicionadas por discursos emocionais e práticas aprendidas em seu lugar de origem (SVASEK; SKRBIS, 2007, p. 373).⁹¹

Nesta perspectiva, a problemática do sentido de pertença segundo o lugar em que se encontra a pessoa migrante apresenta-se de diferentes maneiras, sendo possível sentir-se em casa estando longe do país de origem; sentir-se uma estranha em seu próprio país ou, ainda, sentir-se em casa ou sentir-se longe de casa em ambos os países – de origem e de destino – de maneira que “a questão do lar e de estar em casa só pode ser abordada considerando as questões do afeto: estar em casa é aqui uma questão de como se sente ou como alguém pode deixar de sentir-se” (AHMED, 1999, p. 341).⁹²

Os sentimentos em relação a estar longe da família também aparecem na fala de Visitación, que vive na Espanha há quatorze anos e deixou a sua mãe, sua irmã, e seus avós em Honduras. Durante este tempo, sua avó veio a falecer sem que Visitación pudesse estar presente. Até hoje, lhe foi possível retornar somente uma vez ao seu país oito anos depois de sua migração o que, segundo nossa colaboradora, contribuiu para que ela se sentisse uma estranha por passar tanto tempo longe.

[Que aspectos da sua vida familiar mudaram desde a sua chegada na Espanha? Perguntamos].

Tudo, porque depois de oito anos que eu deixei meu país, tudo tem sido diferente. Me senti estranha, diferente. Ou seja, havia perdido muitas coisas da minha casa, apenas reconheci minha irmã pequena, porque

⁹¹ Willingly or not, trans-nationally mobile people, perhaps best (although not exclusively) epitomised in migrants, "carry along" particular memories and feelings and are to some extent conditioned by emotional discourses and practices learned in their place of origin. (Tradução nossa).

⁹² The question of home and being at home can only be addressed by considering the questions of affect: being at home is here a matter of how one feels or how one might fail to feel. (Tradução nossa).

eu a deixei... ela era muito jovem quando eu vim para cá. Ou seja, muitas coisas. Conversamos por telefone e essas coisas mas, já pessoalmente, não tínhamos mais proximidade. Eu sentia muita vergonha deles, haviam sido muitos anos sem ver-lhes. Me senti uma estranha, como de outra família (Trecho de entrevista – Visitación, 32 anos, Honduras).

[Mas enquanto você está na Espanha vocês mantêm uma relação familiar?].

Todos os dias. Temos grupos de Whatsapp da família. Todos os dias conversamos. Agora, como eu estou trabalhando, também estou ajudando minha mãe novamente, ou seja, sempre. Este mês comecei a ajudar-lhes novamente. Os meses anteriores eu não pude porque quase não havia trabalho. Trabalhava muito pouco.

[E você considera o envio de dinheiro uma forma de manter o contato ou uma forma de cuidado?].

Não é uma forma de manter o contato e nem de cuidar, porque veja que com o dinheiro você não pode dar um abraço, não pode fazer uma massagem na sua mãe quando lhe dói algo, isso você não pode fazer. Mas você pode resolver muitos de seus problemas. Então, assim, eu fico mais tranquila, porque eu já fico mais relaxada quanto aos gastos e essas histórias. Eu tento, cada dia, dizer-lhe que a amo, que sinto saudades e essas coisas, mas a distância é muito grande. Muito grande (Trecho de entrevista – Visitación, 32 anos, Honduras).

A questão do estranhamento é igualmente vivenciada por Micaela, que viajou de volta para o Peru pela primeira vez quatro anos depois de estar vivendo na Espanha. Micaela levou seus três filhos consigo para a Espanha por meio da reagrupação familiar, mas seus pais e seus irmãos permaneceram no Peru e, apesar de sentir sua falta, ela afirma que não se sente segura para voltar a viver em seu país por vários motivos, de maneira que ela prefere o estilo de vida que tem agora na Espanha.

[Durante esse tempo que você está na Espanha, já visitou seu país alguma vez? Perguntamos].

Estive em meu país em 2015. Fiquei só um mês, mas se eu te digo a verdade, eu não me acostumava mais lá.

[E por que não?].

Porque o estilo de vida no Peru é muito diferente do estilo de vida daqui. Aqui você tem tranquilidade, menos sobrecarga no dia a dia, porque eu vivia na cidade. A agonia dos carros, das pessoas me estressava. Então você nota essa diferença de estilo de vida. Além disso, no Peru não existe a segurança que queremos. Ali agora mesmo tem muita insegurança, delinquência e não temos estabilidade no trabalho. Então, quando eu coloquei na balança o estilo de vida do Peru e o estilo de vida da Espanha, eu preferi a Espanha. Claro, tenho minha família no Peru viu, tenho toda minha família no Peru, porque minha mãe, meu pai e meus irmãos estão lá.

[Como ocorre a manutenção dos afetos entre você e sua família no Peru?].

Eu tenho muita saudade da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos e sempre estamos em contato, sempre, sempre estamos em contato. Se deus quiser, no mês de dezembro minha mãe vem para me ver, me visitar, somente por três meses. E eu também queria que meus irmãos viessem também para me ver, sabe. Mas sempre estamos em contato. Meu esposo com suas irmãs, com sua mãe. Sempre estamos em contato, a gente se vê pelo telefone, conversamos muito.

[Você gostaria de voltar a viver em seu país? Por que?].

Não. Ir para visitar sim. Ir visitar minha família, mas para ficar lá, não. Além disso, meu neto também está aqui, meus filhos estão aqui e eu acho que no Peru, na minha idade, não se pode trabalhar. Aqui pelo menos eu trabalho de... cuidando de crianças e no Peru eu não posso fazer nada disso. Por outro lado, aqui eu posso trabalhar em outras casas, limpando e essas coisas. Mas no Peru eu não posso fazer nada disso (Trecho de entrevista – Micaela, 48 anos, Peru).

Assim como Micaela, Dandara também sente falta da família e lamenta haver passado tanto tempo longe dos filhos o que, segundo ela, fez com que perdesse o carinho e o amor por parte deles. Como a maioria das entrevistadas, Dandara também não pretende voltar a viver em seu país porque depois de acostumar-se, ela prefere o estilo de vida que tem na Espanha.

[Com relação à família que ficou no Brasil, quais são seus sentimentos por estar longe?].

Sentimentos de saudade, sentimentos ao mesmo tempo de perda, sentimento de estar só, às vezes quero ir na casa de um parente, de um irmão, de uma pessoa. Às vezes você tá em dificuldade e não tem a quem acudir.

[Você gostaria de voltar a viver em seu país de origem?].

Por agora não, pode ser quando eu tiver meus 60 ou 70 anos, já quase para finalizar, eu gostaria. Mas de momento, eu fico por aqui.

[Então você acha que os benefícios econômicos superam os custos emocionais do processo migratório?].

Não, não. Não supera, os benefícios econômicos não superam os custos emocionais. O dinheiro nunca traz felicidade e nunca supera a ausência dos filhos, mas existem casos que a pessoa não tem outra escolha, é pegar ou largar. Porque olhando para mim, ao mesmo tempo que eu ganhei, eu perdi. Porque eu ganhei uma vida diferente eu penso, mas hoje eu perdi o amor e o carinho dos meus filhos (Trecho de entrevista – Dandara, 50 anos, Brasil).

Para as mulheres migrantes, a ideia de casa geralmente relaciona-se com seus países de origem, esse lugar físico que agora passa a existir em forma de lembrança. No entanto, ao mesmo tempo, vemos como as novas experiências da migração, resultantes de seu convívio nessa nova sociedade, também contribuem para que o sentimento de estar em casa passe a ser vivido de maneira diferente, em um outro lugar, no presente.

Os indivíduos em mobilidade estão ligados às suas famílias e amigos "que ficaram para trás", mas também estabelecem conexões com o novo ambiente, aprendem a expressar sentimentos de novas maneiras e têm esperanças e expectativas específicas sobre o que o futuro pode trazer (SVASEK e SKRBIS, 2007, p. 373).⁹³

Assim, enquanto algumas imigrantes continuam identificando seu país origem como aquele lugar onde está sua casa – manifestando, para tanto, seu desejo de voltar para viver – outras, como Dandara, passam a reconhecer a sociedade de destino como o lugar onde se sentem em casa, desconsiderando a possibilidade de voltar a viver em seu país de origem.

Ao contrário das demais colaboradoras, Josefa – de origem nicaraguense – ainda não teve a oportunidade de visitar sua família em seu país desde que se mudou para a Espanha, apontando como problema principal a falta de dinheiro. Percebemos em sua narrativa que o fato de sentir-se estável após nove anos vivendo nesse país e de estar casada com alguém da Espanha também constitui outro motivo para que ela queira permanecer neste país demonstrando, para tanto, sua preocupação de que seu esposo tenha que abandonar sua terra natal para viverem

⁹³ Mobile individual are tied to their families and friends 'back home', but they also grow attachments to their new surroundings, learn to express feelings in new ways, and have particular hopes and expectations about what the future may bring. (Tradução nossa).

juntos na Nicarágua. Mesmo assim, Josefa carrega consigo o amor pela sua terra natal, sem a necessidade de envergonhar-se de suas raízes como, segundo ela, o fazem outras pessoas migrantes.

[Você já foi alguma vez ao seu país visitar a sua família? Perguntamos].

Tem sido muito difícil para mim. Não... não foi possível ir ainda porque viver na Espanha, é viver na Espanha. Ou seja, você ganha, mas tudo o que você ganha se consome aqui. Porque em nosso país nós temos a vantagem de que as pessoas, por muito pobres que sejam, elas têm sua casa própria, não devem nada para ninguém. Nem estão hipotecados com o banco nem devem para ninguém, sabe, é própria. Então, você não tem que pagar para morar. Aqui ganhamos melhor, em comparação com nosso país, mas quase tudo o que ganhamos nós temos que gastar com o aluguel, sabe. Então, pois, é muito difícil para nós, todos os meses, dar conta dos gastos do apartamento e todos os gastos que existem, que implica viver na Espanha e também poder enviar dinheiro para nosso país, ou ter esse dinheiro disponível, porque sempre existe uma necessidade. Então, é muito complicado. Eu ainda não voltei no meu país, é verdade. Não tive essa oportunidade de voltar ao meu país.

[Você gostaria de voltar a viver em seu país? Por que?].

Lamentavelmente, veja... eu amo meu país, muitíssimo. Inclusive, o hino do meu país diz em uma das estrofes que com um pedaço de céu, se formou a Nicarágua. Porque meu país é pequeno dentro do mapa, mas é um país muito bonito e as famílias são muito unidas. É tanto que em nossa cultura não nos acostumamos nem que os pais vão para o asilo. Os idosos, todos os idosos, já sejam nossos pais, tios ou o que seja, sempre são cuidados pelas famílias. A família é muito unida, sempre existe esse calor de família. E isso, pela beleza natural e por tudo o que tem, eu amo meu país. Tem gente que vai embora de seus países e depois dizem “ah, eu sinto vergonha!”. Porque essas pessoas vêm de seus países e veem tanto luxo, tanta... sabe, infraestruturas que deslumbram. Não, a mim não me deslumbra nem a infraestrutura desse país nem de nenhum país desenvolvido, nem nada. Continuo dizendo que amo meu país, amo minha cultura, amo minha comida, amo meus costumes, amo minha gente, amo tudo o que me viu nascer, minhas raízes. E por nada do mundo eu quero mudar, mas aqui estou estável, aqui estou estável. Porque tenho ao meu esposo, e isso eu não tinha no meu país. Aqui tenho o meu esposo e amo também o país do meu esposo, onde ele nasceu e foi criado. E minha preocupação seria tira-lo da estabilidade que ele tem em seu país. Ele e eu conversamos e ele diz “somente se meu país entrar em uma situação onde não se possa viver, nos mudamos para o seu país”. Mas enquanto isso, eu lhe digo, aqui eu não me movo, porque aqui você está como um peixe no seu mar, no

seu próprio lago, e eu me sinto à vontade aqui. Eu não quero retornar ao meu país. Eu quero ir, passear, estar um tempo, ver a minha filha que ficou lá, que já está casada e tem a sua família. Mas depois quero voltar para cá que é onde está o meu esposo. A única coisa, não sei se o que eu vou dizer está mal, na hora que eu vá morrer, quero que meus ossos fiquem em minha terra, e os do meu esposo também, porque ele não tem família aqui, é sozinho (Trecho de entrevista – Josefa, 53 anos, Nicarágua).

A análise das trajetórias de vida das mulheres migrantes nos mostra que diante da separação física de suas famílias, novas práticas de cuidado surgem nesse contexto transnacional, visando a manutenção de seus vínculos afetivos e familiares. A comunicação torna-se mais acessível e frequente através das novas tecnologias de comunicação, como os celulares e o aplicativo de Whatsapp – apontado por todas as colaboradoras como o meio de comunicação mais utilizado para manter o contato com seus familiares. Anteriormente, as migrantes utilizavam os locutórios⁹⁴ para telefonarem para seus países o que, segundo elas, custava muito dinheiro já que pagavam pelos minutos que conversavam. Agora, a possibilidade de realizar chamadas de vídeo, assim como a formação de grupos de Whatsapp facilitam sua comunicação diária e instantânea com seus familiares.

Esta questão é confirmada por Serafina quando perguntamos com que frequência ela entra em contato com seus familiares no Paraguai.

[Você entra em contato com frequência com sua família em seu país? Perguntamos].

Conversamos todos os dias. Agora a vantagem que temos é que temos este meio, o Whatsapp. Mas eu, anteriormente, antes de ter esse meio para comunicar-nos, pois eu não saía do locutório. Sempre fazia recargas e recargas e recargas, ou seja, sempre gastava muito dinheiro em locutórios. A comunicação está muitíssimo melhor. Se a gente não se comunica com a família é porque não tem tempo. Agora a comunicação praticamente é gratuita porque temos o Whatsapp e você pode se comunicar com qualquer parte do mundo. E é grátis, aparentemente, mas bom, você com um pouco de internet já pode falar. Agora, por exemplo, eu tenho Wi-Fi em casa, tenho tudo. E no trabalho também estamos começando a ter isso. Tem essa vantagem, sabe (Trecho de entrevista – Serafina, 51 anos, Paraguai).

⁹⁴ Trata-se de um local comercial que oferece serviço de chamadas telefônicas, disponibilizando cabines separadas para que os clientes realizem suas chamadas e paguem pelos minutos utilizados. Na Espanha, antes da chegada dos smartphones e do aplicativo WhatsApp, os locutórios eram o meio mais utilizado pelos migrantes para entrarem em contato com seus países de origem.

Outras formas de manutenção de suas relações familiares ocorrem através das viagens, tanto das mulheres migrantes que retornam a seus países, como quando suas famílias vão visitá-las na Espanha, constituindo aquilo que alguns autores/as chamam de práticas transnacionais de cuidado, onde as relações e também aquilo que as migrantes consideram como sua casa passam a existir para além das fronteiras de um estado-nação.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar as trajetórias laborais das migrantes latino-americanas que moram na Espanha e trabalham – ou já trabalham – como empregadas domésticas e cuidadoras. Partimos do pressuposto de que a intersecção entre o gênero, a raça, a etnia e a classe social dá lugar à sua segregação neste setor do mercado laboral. Assim, a divisão sexual e internacional do trabalho estaria por trás do aumento das migrações femininas de caráter laboral entre determinadas regiões como, por exemplo, entre os países da América Latina e a Espanha.

Observamos que as desigualdades de gênero presentes nas sociedades de origem e de destino fazem com que as migrações femininas apresentem algumas especificidades diferentes das migrações masculinas, influenciando, conseqüentemente, em suas trajetórias laborais. Nesse sentido, além de enfrentar as dificuldades econômicas presentes em seus países de origem e os trabalhos precários e mal pagos, as mulheres latino-americanas são, na maioria dos casos analisados, as principais responsáveis pelo cuidado e pelo sustento dos filhos, de modo que a migração constitui uma oportunidade para trabalhar e enviar dinheiro para seus países de origem. No caso das migrantes que deixam seus filhos, o mais comum é que outras mulheres de seu grupo familiar se encarreguem de seu cuidado mais próximo, enquanto as mães passam a exercer o cuidado e a maternidade à distância.

Com o objetivo de analisar suas trajetórias laborais e compreender suas percepções sobre o processo migratório, realizamos uma pesquisa qualitativa com sete mulheres de diferentes países da América Latina que vivem e trabalham atualmente na Espanha. Utilizamos, primeiramente, um questionário online para conhecer o perfil de nossas colaboradoras e, posteriormente, realizamos entrevistas semiestruturadas através de chamadas de vídeo pelo aplicativo Whatsapp. Para aceder ao grupo das mulheres imigrantes na Espanha utilizamos, em um primeiro momento, o método *Snowball* ou bola de neve, partindo de duas colaboradoras iniciais que se dispuseram a participar da pesquisa e a indicar-nos outras imigrantes que também trabalhassem como domésticas. Uma vez esgotado este método, adentramos nas comunidades de migrantes no Facebook para aceder a outras colaboradoras.

Sobre o perfil das colaboradoras, constatamos que todas elas trabalham como domésticas e tem mais de um emprego; já trabalharam ou trabalham como cuidadoras; enviam dinheiro para suas famílias; contaram com a ajuda de algum contato para migrar e possuem a documentação regularizada. Com exceção de uma ou duas participantes, a maioria delas enfrentava dificuldades econômicas em seus países de origem; possuem mais de dois filhos/as

e estavam sozinhas no momento da migração e já sofreram discriminação por serem imigrantes na Espanha.

A partir destas indicações e das entrevistas realizadas com as imigrantes, constatamos a existência de uma rede de contatos que atua tanto no momento da migração como depois, expandindo-se uma vez que estas mulheres chegam na Espanha e ingressam no trabalho doméstico remunerado. Nesse sentido, as redes de contato entre a comunidade migrante atuam como estímulo às migrações, considerando que as mesmas são responsáveis pelo intercâmbio de informações sobre oportunidades de trabalho entre as mulheres imigradas e aquelas estão em seus países de origem o que, por sua vez, também contribui para a sua segregação neste setor laboral.

Dessa maneira, o trabalho doméstico constitui a principal via de acesso ao mercado de trabalho para a maioria das mulheres migrantes latino-americanas funcionando, muitas vezes, como um gueto laboral onde elas entram mais pela necessidade de um trabalho que pela livre escolha, do qual é difícil sair devido à baixa mobilidade existente. A este respeito, observamos que apesar de todas as migrantes entrevistadas possuírem a documentação espanhola, o trabalho doméstico em residências particulares continua sendo o atual emprego da maioria delas, mostrando-se escassa a ascensão laboral para outros setores do mercado de trabalho. Nesse sentido, somente duas das sete colaboradoras afirmaram trabalhar na esfera pública mas, ainda assim, ocupando-se do trabalho reprodutivo referente à limpeza.

A mobilidade ocupacional detectada nas trajetórias analisadas ocorre, portanto, muito mais entre os empregos de um mesmo ramo e entre os subsetores – conforme explica o Colectivo IOÉ (2005) em sua pesquisa sobre o trabalho das mulheres imigrantes dos países periféricos na Espanha. O primeiro tipo refere-se àquela mobilidade que se produz quando se troca de empregador para melhorar as condições de trabalho, sendo que os principais motivos apresentados pelas mulheres migrantes para realizar a troca de empregador, segundo este coletivo, são

[...] optar por um emprego melhor (34% das mudanças), aumentar o salário (13%), evitar o excesso de trabalho (10%), fugir de maus tratos (5%) ou procurar um empregador que aceite dar-lhes alta na Seguridad Social (5%) (COLECTIVO IOÉ, 2005, p. 37).

No caso da mobilidade entre subsetores, tem-se as mudanças que ocorrem desde a modalidade interna para o emprego externo fixo e por horas, que tendem a produzir-se à medida que aumenta o tempo de residência destas trabalhadoras na Espanha. Isto explica, por exemplo,

o fato de que a maioria das mulheres entrevistadas que migraram sozinhas se empregaram por primeira vez no trabalho doméstico na modalidade interna, estabelecendo-se, posteriormente, como empregadas externas neste mesmo setor. Se acompanharmos suas trajetórias de vida e de trabalho, percebemos que a permanência na modalidade interna durante os primeiros anos corresponde tanto às suas estratégias de sobrevivência – no que diz respeito à possibilidade de ter uma casa onde morar e não pagar aluguel – como também à busca pela regularização de sua situação através de um contrato de trabalho. Nessa perspectiva, após a regularização é comum que as migrantes busquem outros trabalhos como externas ou por horas, o que lhes permite levarem seus filhos para perto de si mediante o processo de reagrupação familiar, dispondo de tempo para se ocuparem do trabalho de reprodução de suas próprias casas.

A legislação espanhola que estabelece um período de estadia e de trabalho na Espanha de no mínimo três anos para que as imigrantes consigam regularizar sua situação mediante um contrato de trabalho contribui para que as mesmas tornem-se mais vulneráveis em relação aos outros grupos de trabalhadores. Isso porque sua irregularidade no trabalho durante os primeiros anos de migração significa para elas a ausência de direitos laborais diante de situações recorrentes de discriminação, assédio e outras violências a que estão sujeitas em seus ambientes de trabalho.

Geralmente, as imigrantes que conseguem uma permissão inicial têm que esperar vários anos para estabilizar sua situação jurídica e, em todo caso, como estrangeiras, o máximo que podem aspirar é uma permissão de trabalho permanente, que lhes permite plena liberdade de movimentos como trabalhadoras, mas não lhes concede os direitos associados à cidadania política (poder eleger e ser eleitas nas eleições locais, autonômicas e estatais) (COLECTIVO IOÉ, 2005, p. 29).⁹⁵

No referente à sua situação familiar, comprovamos que as dificuldades econômicas continuam existindo na Espanha – como resultado das desigualdades de gênero, raça, etnia e classe social presentes no mercado de trabalho – o que contribui para elas passem muitos anos sem poder visitar suas famílias em seus países, ou mesmo pagar para que suas famílias lhes visitem. Os sentimentos de perda, solidão e saudade são, portanto, recorrentes em suas narrativas sobre como se sentem em relação às suas famílias, de maneira que é comum que as

⁹⁵ Generalmente las inmigrantes que consiguen un permiso inicial tienen que esperar varios años para estabilizar su situación jurídica y, en todo caso, como extranjeras a lo máximo que pueden aspirar es a un permiso de trabajo permanente, que les permita plena libertad de movimientos como trabajadoras, pero no les otorga los derechos asociados a la ciudadanía política (poder elegir y ser elegidas en las elecciones locales, autonómicas o estatales). (Tradução nossa).

migrantes se sintam incompletas por viverem separadas de seus filhos e familiares. A este respeito, o estudo realizado por Parreñas (2002) com as migrantes filipinas nos Estados Unidos e suas famílias que permaneceram nas Filipinas, demonstra como as normas que regulam o exercício da maternidade a partir das relações de poder entre os sexos influenciam no modo como se sentem estas mulheres.

Se, por um lado, elas vivenciam o processo migratório carregadas de uma culpa por “transgredirem” determinadas regras socialmente estabelecidas sobre o modelo tradicional de maternidade, por outro, essas mulheres acreditam que por trás de todo seu sacrifício e sofrimento encontra-se a possibilidade de proporcionarem um outro tipo de cuidado, antes impossível, representado pelas remessas e o envio de objetos para seus países de origem, melhorando assim a qualidade de vida de suas famílias. Deste modo, é através da própria experiência migratória que são produzidos novos sentidos para a maternidade, ressignificando seus papéis de mães mediante outras práticas de cuidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED, Sara. Home and Away. Narratives of migration and strangement. *International Journal of Cultural Studies*, v. 2, p. 329-347, 1999.

ANTHIAS, Floya. Transnational Mobilities, Migration Research and Intersectionality. Towards a translocational frame. *Nordic Journal of Migration Research*, v. 2, p. 102-110, 2012. Disponível em: < <http://roar.uel.ac.uk/3327/1/v10202-011-0032-y.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

ARANGO, Joaquín. Las migraciones internacionales en un mundo globalizado. *Vanguardia Dossier*, n. 22, p. 8-15, 2007. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2725235>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

ARAUJO, Sandra G; SOLIS, Cristina V. Introducción. In: SASSEN, Saskia. *Contra geografías de la Globalización: género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

ASSIS, Gláucia; KOSMINSKY, Ethel. Gênero e Migrações Contemporâneas. *Estudos Feministas*, n. 15, p. 675-697, 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300012>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

ÁVILA, Maria Betânia. O tempo do trabalho das empregadas domésticas: tensões entre dominação/exploração e resistência, 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10, 2011, Curitiba. Disponível em: < http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

BARBALET, Jack. “Beruf”, rationality and emotion in Max Weber’s sociology. *European Journal of Sociology*, v. 41, n. 2, p. 329-351, 2000.

BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball Sampling: problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.

BOE. Real Decreto 1620/2011, de 14 de noviembre, por el que se regula la relación laboral de carácter especial del servicio del hogar familiar. BOE, núm. 277, de 17 de noviembre de 2011. Disponível em: < <https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-2011-17975>>. Acesso em: 21 set. 2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. Preface. In: SAYAD, Abdelmalek. *The Suffering of the Immigrant*. Cambridge: Polity Press, 2004.

_____. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education. Westport: Greenwood, 1986.

BRITES, Jurema. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 149, p. 422-451, 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 abr. 2016.

CASAS, Laura O. La Migración Hacia España de Mujeres Jefas de Hogar. A Coruña, 1997. Tese. (Doctorado em Sociología) - Universidade da Coruña.

_____. Las jefas de hogar en un contexto migratorio. Modelos y rupturas. In: OLMOS, Francisco Checa y. *Mujeres en el Camino*. Barcelona: Icaria, 2005.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). *A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política; Conferência*. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005. Disponível em: < <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/sociedade-em-rede-do-conhecimento-%C3%A0-ac%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. Introduction. *The Age of Migration: International Population Movement in the Modern World*. Basingstoke: Guilford Press, 1993.

COGO, Denise. Internet e redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração. *Novos Olhares*, v. 4, n. 1, p. 91-104, 2015.

COLECTIVO IOÉ. *Mujeres Inmigradas y Trabajo*. In: OLMOS, Francisco Checa y. *Mujeres en el Camino*. Barcelona: Icaria, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. Toward a New Vision: Race, Class, and Gender as Categories of Analysis and Connection. *Race, Sex & Class*, v. 1, n. 1, p. 25-45, 1993.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, n. 1, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Kathy. Intersectionality as buzzword: A sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. *Feminist Theory*, v. 9, p. 67-85.

DE TONA, Carla. But what is interesting is the story of why and how migration happened. *Forum: Qualitative Social Research*, v. 7, nº 3, 2006. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/143>> Acesso em: 05 fev. 2017
Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/102224>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

DONATO, Katharine; GABACCIA, Donna. *The Global Feminization of Migration: Past, Present, and Future*. Migration Policy Institute. 2016. Disponível em:

<<http://www.migrationpolicy.org/article/global-feminization-migration-past-present-and-future>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____; MASSEY, Douglas. Twenty-First-Century Globalization and Illegal Migration. *The Annals of The American Academy*, v. 666, n. 1, p. 7-26, 2016.

DUTRA, Delia da S. M. Mulheres migrantes peruanas em Brasília. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade, 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília.

EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie Russel. Introduction. *Global Women*. New York: Holt Paperback, 2004.

FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução da ciência social. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

FARIA, Guélmer Júnior Almeida et al. Desinibilizando as mulheres em contexto migratório interno: interfaces entre migração, trabalho e gênero. 2016. Disponível em: <http://diamantina.cedeplar.ufmg.br/2016/anais/demografia/201-330-1-RV_2016_10_09_

FEDEREAÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS. Fórum Migrações, 2007. Lisboa. Disponível em: < https://www.fidh.org/IMG/pdf/KIT_PORT.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2017.

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FRUTTERO, Anna; WENNERHOLM, Carolina. Migración Nicaragüense: un análisis con perspectiva de género. *Cadernos de Género para Nicaragua*, n. 6, 2008. Disponível em: < <http://web.worldbank.org/archive/website01404/WEB/IMAGES/CGANIC-6.PDF>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Renata. O pioneirismo de A Mulher na Sociedade de Classes. In: SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2013;

GONÇALVES, Rita; LISBOA, Teresa. Trajetórias de vida: visibilizando e reconstruindo a história das mulheres. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Goncalves-Lisboa_42_10.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2017.

GRAF, Norma. Epistemología feminista: temas centrales. In: GRAF, Norma; PALACIOS, Fátima; EVERARDO, Maribel (Orgs.). *Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones sociales*. México: UNAM, 2012. Disponível em: < https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana-cm/libro_detalle_resultado.php?id_libro=1307&campo=cm&texto=175>. Acesso em: 03 fev. 2017.

HARDING, Sandra. *Ciencia y feminismo*. Madrid: Morata, 1996.

HENWOOD, Karen; PIDGEON, Nick. Remaking the link: qualitative research and feminist standpoint theory. *Feminism & Psychology*, v. 5, n. 1, p. 7-30, 1995.

HIRATA, Helena. ZARIFIAN, Philippe. Trabalho (conceito de). In: HIRATA, Helena et al. (Orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.

_____.; KERGOAT, Daniëlle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>> Acesso em: 01 mai. 2016.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. The Sociology of Feeling and Emotion: Selected Possibilities. *Sociological Inquiry*, v. 45, n. 2-3, p. 280-307, 1975.

_____. *The Managed Heart: commercialization of human feeling*. Berkeley: University of California Press, 1983.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette. Feminism and Migration. *American Academy of Political and Social Science*, v. 571, p. 107-120, 2000.

_____. *Domestica: Immigrant Workers Cleaning and Caring in the Shadows of Affluence*. Berkeley: University of California Press, 2001.

_____. et al. Más allá de la domesticidad: un análisis de género de los trabajos de los inmigrantes en el sector informal. *Papers*, v. 96, p. 805-824, 2011. Disponível em: <http://papers.uab.cat/article/view/v96-n3-hondagneu_sotelo-estrada-ramirez>. Acesso em: 06 ma. 2017.

IGLESIAS, Juan et al. (orgs). Estudio sobre la situación laboral de la mujer inmigrante en España. Análises y proposiciones para la igualdad de trato y la lucha contra la discriminación. Organización Internacional para las Migraciones (OIM), 2005. Disponível em: <https://www.comillas.edu/images/OBIMID/Estudio_Sobre_la_Situaci%C3%B3n_Laboral_de_la_Mujer_Inmigrante._OIM_2015_1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

INTERNATIONAL LABOR OFFICE. *Domestic workers across the world: global and regional statistics and the extent of legal protection*. Geneva: ILO, 2013. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/@publ/documents/publication/wcms_173363.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

JAGGAR, Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

KERGOAT, Daniëlle. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.

LADINO, Marcela T. Género y Migración: trayectorias investigativas en Iberoamérica, *Encrucijada Americana*, n. 2, p. 115-147, 2011. Disponível em: <

http://www.encrucijadaamericana.cl/articulos/primavera_verano_2010_11/05_Genero_y_Migracion.pdf>. Acesso em: 09 set. 2017.

MAGLIANO, María. Interseccionalidad y migraciones: potencialidades y desafíos. *Estudios Feministas*, v. 23, n. 3, p. 691-712, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2015000300691&lng=es&tlng=es> Acesso em: 22 jan. 2017.

MARTINS, Heloisa. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATEOS, Natalia Ribas. Todo por la familia. La emigración de las mujeres desde el origen. In: OLMOS, Francisco Checa y. Mujeres en el Camino. Barcelona: Icaria, 2005.

MESTRE, Ruth M. Trabajadoras de Cuidado. Las Mujeres de la Ley de Extranjería. In:

MIGNON, Duffy. Doing the Dirty Work. Gender, race and reproductive labor in historical perspective. *Gender & Society*, v. 21, p. 313-336, 2007.

MOROKVASIC, Mirjana. Birds of passage are also women. *International Migration Review*, v. 18, n. 68, p. 886-907, 1984.

NAGEL, Joane. Race, Ethnicity, and Sexuality: Intimate Intersections, Forbidden Frontiers. New York: Oxford University Press, 2003.

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 149, p. 404-421, 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09 jun. 2016.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. *Estudos Feministas*, v. 16, n. 2, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200002>. Acesso em: 09 fev. 2017.

OLMOS, Francisco Checa y. Mujeres en el Camino. Barcelona: Icaria, 2005.

PARREÑAS, Rhacel. Inserting feminism in transnational migration studies. Feminist Research Methods Conference, Centre for Gender Studies, Stockholm University Sweden, 2009. Disponível em: < http://lastradainternational.org/lisidocs/RParrenas_InsertingFeminisminTransnationalMigrationStudies.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

PEDONE, Claudia; ARAUJO, Sandra G. Tramando futuros. Transnacionalismo familiar en la migración desde República Dominicana y Brasil hacia España. *Investigaciones Feministas*, v. 7, n. 1, p. 241-263, 2016. Disponível em: < <http://revistas.ucm.es/index.php/INFE/article/viewFile/52186/48764>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

PHILLIPS, Anne; TAYLOR, Barbara. Sex and Skill: Notes towards a Feminist Economics. *Feminist Review*, n. 6, p. 79-88, 1980.

PISCITELLI, Adriana. Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, v. 25, p. 281-326, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 mar. 2018.

_____. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa; SZWAKO, José (Orgs). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis, 2009.

_____. “Papéis”, interesse e afeto. Relacionamentos amoroso/sexuais e migração. In: FAVERO, Arend Silvia et al. *Diásporas, mobilidades e migrações*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

_____. Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. <[00_33_59_204.pdf](#)>. Acesso em: 03 mar. 2017.

PIZARRO, Jorge Martínez. El mapa migratório de América Latina y el Caribe, las mujeres y el género. CEPAL, 2003. Disponível em: <<http://www.oas.org/atip/migration/cepal%20study%20on%20migration.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

POROS, Maritsa. Migrant Social Networks: vehicles for migration, integration, and Development. *Migration Information Source*, 2011. Disponível em: <<https://www.migrationpolicy.org/article/migrant-social-networks-vehicles-migration-integration-and-development>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

PORTES, Alejandro. Migration and Development: a conceptual review of the evidence. *Working Papers*, v. 23, 2006. Disponível em: <<http://meme.phpwebhosting.com/~migracion/rimd/bellagio/2.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se - feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RICHARDSON, Rarry J. *Pesquisa social: método e técnicas*. São Paulo, Atlas, 1999.

RICO, María N. Las Mujeres Latinoamericanas en la Migración Internacional. CEPAL, 2006. Disponível em: <<https://www.cepal.org/mujer/noticias/noticias/2/25802/NievesRico.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2015.

RUBIN, Gayle. *O Tráfico de Mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

RUBIO, Sònia P. El trasvase de desigualdades de clase y etnia entre mujeres: los servicios de proximidad. *Papers*, v. 60, p. 275-289, 2000.

_____. Immigrant women in paid domestic service. The case of Spain and Italy. *European Review of Labour and Research*, v. 9, p. 503-517, 2003.

SAA, Teodora Hurtado. Análisis de la relación entre género y sexualidade a partir del estudio de la nueva división internacional del trabajo femenino. *Sociedad y Economía*, n.º. 26, p. 213-138, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.org.co/pdf/soec/n26/n26a10.pdf>>. Acesso em: 20, mai. 2016.

SÁNCHEZ, Daniel Gordillo. “Antropologia reversa” e tecnologias digitais no contexto da migração internacional. *Espaço Acadêmico*, v. 17, n. 194, 2017. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33056>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. The Suffering of the Immigrant. Cambridge: Polity Press, 2004.

SCHIEBINGER, Londa. O feminismo mudou a ciência? São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. New York: Columbia University Press, 1989.

SKRBIS, Zlatko. Transnational families: theorising migration, emotions and belonging. *Journal of Intercultural Studies*, v. 29, n. 3, p. 231 – 246, 2008.

SMITH, Dorothy. Women’s Perspective as a Radical Critique of Sociology. *Sociological Inquiry*, v. 44, n. 1, p. 7-13, 1972.

SOARES, Ângelo. As emoções do care. In: Patrícia Vieira Trópia, Tania Ludmila Dias Tosta, Eliane Gonçalves, Maria Lúcia Vannuchi, Márcio Ferreira de Souza. (Orgs.). *Mulheres Trabalhadoras: (in) visíveis?* Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Orgs.). *Teoria e Métodos de Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SVASEK, Maruska; SKRBIS, Zlatko. Passions and Powers: Emotions and Globalisation. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, n. 14, p. 367 – 383, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/12925499/Passions_and_Powers_Emotions_and_Globalisation>. Acesso em: 15 out. 2017.

TERRAGNI, Laura. A pesquisa de gênero. In: MELUCCI, Alberto (org.). *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRONTO, Joan. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <

<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

ZLOTNIK, Hania. The Global Dimensions of Female Migration. Migration Policy Institute. 2003. Disponível em: <<http://www.migrationinformation.org/Feature/print.cfm?ID=109>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

ANEXO 1 - MEMORIAL

Pensar em minha trajetória acadêmica e profissional me remete à minha primeira infância vivida no Brasil, época em que minha mãe trabalhava na secretaria do colégio estadual da pequena cidade onde eu nasci, há vinte quatro anos atrás, no interior de Goiás. Cresci em meio aos livros, às professoras e professores, correndo e escorregando pelos corredores de piso vermelho encerado e rabiscando os quadros das salas de aula vazias.

Em setembro de 1999, às vésperas de cumprir meus seis anos, vi meus pais irem embora para a Espanha em busca de trabalho, de modo que passei a viver na casa da minha avó e junto ao meu irmão que desde sempre morara ali. Mas esta experiência não durou muito tempo já que meus pais voltaram dois meses depois após meu irmão ter sofrido um grave acidente aqui no Brasil.

Seis anos mais tarde, cientes das dificuldades e das oportunidades de migrar para a Espanha, meus pais optaram por aventurar-se além-mar uma vez mais e, desta vez, preocupada em não voltar a vê-los, eu decidi que não ficaria aqui. Assim, em fevereiro de 2006 pisei pela primeira vez a Europa, acompanhada pela minha mãe e por uma carta convite, escrita à mão em “portunhol” pela minha tia que já vivia na Espanha há mais de dez anos. Algumas semanas depois de chegar fui matriculada na Escuela de Artesanos, lugar que transformou positivamente minha experiência migratória. Aprendi naquela escola boa parte das coisas que sei hoje, especialmente os idiomas espanhol e inglês, ministrados pelas professoras Concha Carbonell e Maria José, que apostaram em minha vontade de aprender apesar de todas as dificuldades.

Através da rede de contatos da minha tia, minha mãe conseguiu seu primeiro emprego na Espanha como cuidadora de uma idosa que, por ser na modalidade interna, eu ficava só na maior parte do tempo. Quatro meses depois meu pai deixou o Brasil e foi ao nosso encontro.

Atualmente sou formada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, onde também sou aluna do curso de Direito. Viver fora do Brasil me despertou o interesse por estudar outros povos, culturas e a própria organização dos países no sistema internacional, o que mais tarde se transformaria no caminho a ser percorrido em minha trajetória acadêmica. Após ter cursado uma disciplina sobre Teorias Feministas nas Relações Internacionais, ministrada pela professora Patrícia Rangel, me interessei pelos estudos de gênero e como eles poderiam ser aplicados para explicar a situação da mulher no mercado de trabalho. Meu interesse pela sociologia cresceu após cursar a disciplina de Sociologia das Relações Internacionais em que a professora, Nágila El Kadi, de origem árabe, possui uma

pesquisa sobre imigrantes libaneses no Brasil. Através desta experiência percebi como a sociologia nos brinda a possibilidade de poder explorar um fenômeno tão rico como as migrações internacionais a partir da experiência pessoal da pesquisadora, o que me deixou encantada.

Chegado o momento da escrita da monografia, tive como orientadora de projeto a professora Heloisa Mazzoccante, cuja experiência em estudos migratórios e tráfico de pessoas me conduziu à escolha por pesquisar a presença das mulheres nos movimentos migratórios. Depois de haver reunido as primeiras bibliografias sobre o tema em questão, tive como orientadora de monografia à professora Aline Borghi, especialista em sociologia do trabalho e estudos de gênero, que me guiou para a discussão da divisão sexual do trabalho e sugeriu que levasse adiante minha pesquisa em um curso de mestrado. Ao mesmo tempo em que concluía o curso de Relações Internacionais, cursava também a disciplina de Sociologia Jurídica, ministrada pela professora Cleudes Tavares, cuja paixão pela sociologia me convenceu a escolher este caminho.

Ao concluir a graduação no primeiro semestre de 2015, decidi participar da seleção do Programa de Pós graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais nesse mesmo ano. Tendo sido aprovada, no primeiro semestre de 2016 cursei as disciplinas de “Teoria Social Feminista” ministrada pela professora Eliane Gonçalves e “Tópicos Avançados em Trabalho e Gênero”, ministrada pela professora Tania Tosta, essenciais para o aprofundamento do meu tema de estudo. As leituras de ambas as disciplinas complementaram-se, suscitando debates em torno da feminização dos trabalhos domésticos e de cuidados numa perspectiva Norte/Sul e também acerca da interseccionalidade de gênero, classe e raça.

O interesse por estudar a migração feminina na Espanha surge, portanto, a partir de minha experiência pessoal, onde desde nossa chegada na Espanha acompanhei de perto o trabalho de minha mãe como empregada doméstica e cuidadora, sendo sua companheira de jornada para não ficar sozinha no quarto em que alugávamos. O convívio diário com as relações de trabalho das mulheres migrantes de minha família foi, portanto, o que me levou a refletir acerca das dificuldades e desigualdades vivenciadas pelas mulheres, sobretudo as de origem latino-americana nos processos migratórios. Além disso, durante esses quase cinco anos de imigração na cidade de Valencia, várias vezes dividi apartamento com outras famílias de imigrantes de diversos países da América Latina, onde tive a oportunidade de conviver e compartilhar da realidade de outras mulheres migrantes que também estavam empregadas nos trabalhos domésticos e de cuidados.

Em casa, era comum a ocorrência de relatos sobre os afetos que surgiam nas relações de trabalho das mulheres de minha família envolvendo o cuidado de crianças e idosos. Qualquer acontecimento na vida dessas pessoas tornava-se, também, um acontecimento em nossas vidas. A impossibilidade de cuidar de perto da família que ficou para trás era, muitas vezes, recompensada pelas outras relações de cuidado e de carinho que surgiam em seus ambientes de trabalho.

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO ONLINE

Eixo 1 – Identificação da entrevistada

1. Nome:
2. Idade:
3. País de origem:
4. Tempo que vive na Espanha:
5. Cidade em que vive:
6. Estado civil:
 - a. Solteira.
 - b. Casada.
 - c. Tem companheiro/a.
7. Caso tenha companheiro/a, vocês vivem juntos?
8. Tem filhos:
 - a. Sim.
 - b. Não.
9. Quantos filhos você tem? Quantos moram com você?
10. Qual o seu grau de escolaridade:

Eixo 2 – Relações Familiares

1. Com quem você mora atualmente?
 - a. () Sozinha.
 - b. () Com pai e/ou mãe.
 - c. () Com irmão(s) e/ou irmã(s)
 - d. () Com companheiro/a.
 - e. () Com filhos/as.
 - f. () Com outros parentes.
 - g. () Com amigos/as.
 - h. () Outras pessoas.
2. Quando você migrou de seu país de origem, você veio:
 - a. () Sozinha.
 - b. () Com amigos/as.
 - c. () Com companheiro/a.
 - d. () Com pessoas conhecidas.

- e. () Com filhos/as.
 - f. () Com outros/as familiares.
 - g. () Com pessoas desconhecidas.
3. Gostaria de ter trazido algum familiar junto com você quando decidiu sair do seu país?
Se sim, quem?
4. No caso em que tenha filhos/as no país de origem, estão sob cuidados de alguém? Se sim, quem?
5. Você mantém contato com a família que permaneceu no país de origem?
6. No caso de manter contato com os/as familiares, quais os meios utilizados?
- a. () Ligações telefônicas.
 - b. () Mensagens via celular.
 - c. () Redes sociais.
 - d. () Skype.
 - e. () Outros.
7. Com que frequência você entra em contato com a sua família?
- a. () Uma vez por dia.
 - b. () Mais de uma vez por dia.
 - c. () Duas ou mais vezes por semana.
 - d. () Uma vez por semana.
 - e. () Uma vez por mês.
 - f. () Mais de uma vez por mês.
 - g. () Poucas vezes.

Eixo 3 – Relações de Trabalho

1. Você está trabalhando atualmente?
2. Você tem mais de um emprego?
3. O que você faz exatamente?
4. Quantos dias você trabalha por semana?
 - a. () Dois ou três dias.
 - b. () Quatro ou cinco dias.
 - c. () Seis dias.
 - d. () Todos os dias.
5. Quantas horas por dia você trabalha?
 - a. () Seis horas por dia.

- b. () Oito horas por dia.
 - c. () Mais de oito horas por dia.
6. Você considera o seu salário suficiente para se sustentar?
7. Caso você tenha família vivendo com você na Espanha, é a única provedora de renda da família:
- a. () Sim, sou a única pessoa com renda na família.
 - b. () Não, outras pessoas da família contribuem.
 - c. () Não, outras pessoas da família contribuem, mas minha renda é maior.
 - d. () Outra.
 - e. () Não tenho família na Espanha.
8. Você costuma enviar dinheiro para familiares que ficaram em seu país de origem?
- a. () Não envio.
 - b. () Envio todo mês.
 - c. () Envio de vez em quando.
 - d. () Envio quando posso.
9. Você trabalhava em seu país de origem?
- a. Qual trabalho realizava?
10. Você já trabalha ou já trabalhou como interna?
11. Você trabalha ou já trabalhou como interna cuidando de alguém?
- a. () Não.
 - b. () Sim, cuidando de crianças.
 - c. () Sim, cuidando de idosos.
 - d. () Sim, cuidando de ambos.
12. Como você descreveria sua relação com a pessoa que cuidava?
- a. () Afetuosa.
 - b. () Muito afetuosa.
 - c. () Indiferente.
 - d. () Outro.
13. Você já se sentiu discriminada no trabalho por ser estrangeira?
14. Você já se sentiu discriminada no trabalho por ser mulher?
15. Como você classifica suas condições de trabalho:

- a. () Muito boa.
- b. () Boa.
- c. () Razoável.
- d. () Ruim.
- e. () Muito ruim.

Eixo 4 – Acesso a Serviços

1. Com relação à moradia na Espanha, você tem alguma dificuldade referente à?
 - a. () Conseguir um local para morar.
 - b. () Preço do aluguel
 - c. () Segurança.
 - d. () Acesso à educação.
 - e. () Acesso a serviços de saúde.
 - f. () Outros.
2. Além do trabalho, você faz algum curso ou formação educacional?
3. No caso de ter filhos/as vivendo com você, eles/as tem acesso à educação?
4. Quando você adoecer, costuma ir ao hospital?
5. Caso tenha ido ao hospital, como classifica o atendimento:
 - a. () Muito bom.
 - b. () Bom
 - c. () Razoável
 - d. () Ruim
 - e. () Muito ruim.
6. Você se sente discriminada por ser estrangeiro quando busca estes tipos de serviços?

Eixo 5 – Rede de Contatos

1. Quem foi o seu contato na Espanha e que a ajudou no processo migratório?
 - a. () Familiar.
 - b. () Amigo/a.
 - c. () Conhecido.
 - d. () Outros.
2. Qual era a nacionalidade desta pessoa?
3. Você já ajudou alguém de seu país a ir para a Espanha?
 - a. () Sim, um/a familiar da minha cidade.

- b. () Sim, um/a amigo da minha cidade.
 - c. () Sim, um/a familiar do meu estado.
 - d. () Sim, um/a amigo do meu estado.
 - e. () Sim, uma pessoa conhecida da minha cidade ou estado.
 - f. () Nunca ajudei ninguém.
4. Você mantém contato com outras mulheres imigrantes de origem latino-americana que realizam trabalhos parecidos com o seu?

Eixo 6 – Políticas Migratórias

1. Qual era sua principal expectativa quando decidiu migrar?
2. Você teve apoio dos seus familiares quando tomou a decisão de mudar de país?
3. Você está com a documentação regularizada para trabalhar na Espanha?
4. Caso esteja regular, teve dificuldades para fazer seus documentos neste país? Quais?
5. Você pretende voltar a viver no seu país de origem?